REI LEÃO e mais 43 lançamentos no Caderno de VÍDEO

SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

5633 - Março. 1995 - Ed. 93 - Ano IX - Nº 03 - R$ 3.90

FORREST GUMP
13 indicações
Tom Hanks numa das cinco maiores bilheterias do cinema

TEMPO DE VIOLÊNCIA
7 indicações
John Travolta dança e mata na obra- prima de Quentin Tarantino

OSCAR 95
TUDO SOBRE TODOS OS INDICADOS

ISSN 0104-1592

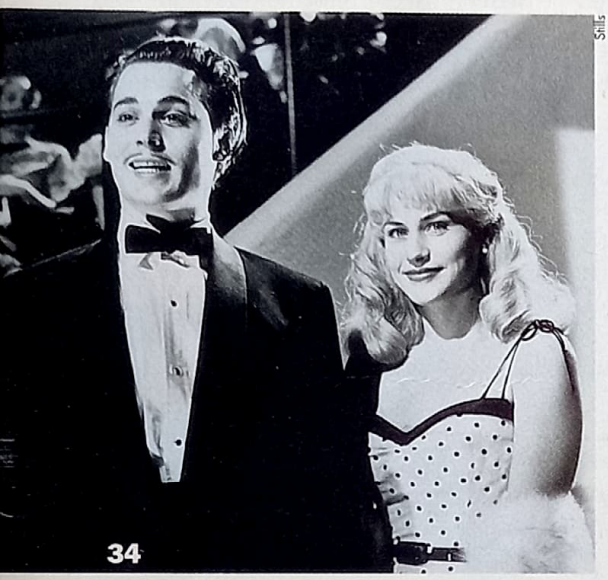
The Clan MacGregor Scotch Whisky Is Remarkable. The Value Is Incredible.

Importador e Distribuidor Exclusivo: CAMPARI DO BRASIL LTDA. Fone: (011) 421-2538

Programa

NA CAPA: Tom Hanks em *Forrest Gump* (UIP); John Travolta em *Tempo de Violência – Pulp Fiction* (Columbia Buena Vista); Oscar (Lourival Ribeiro/A.M.P.A.S.)

Não é sempre que SET depara com filmes tão bons quanto *Tempo de Violência – Pulp Fiction* e *Ed Wood*, que honram esta edição. Ambos homenageiam o cinema, cada um à sua maneira. Em *Pulp Fiction*, até Godard é lembrado através da peruca de Uma Thurman. Mas é *Ed Wood* que celebra com maior intensidade a arte de fazer filmes – no caso, filmes ruins, porque estamos falando de quem já foi considerado o pior cineasta de todos os tempos: Edward D. Wood Jr. Ruim, mas um entusiasta do cinema, de quem Tim Burton fala com carinho em nostálgicas imagens em preto-e-branco. Com certeza *Ed* não vai levar o Oscar, porque não está entre os indicados para melhor filme, mas *Pulp* tem chances. Para isso precisa vencer aquele sujeito de Q.I. baixo que já é uma das maiores bilheterias de todos os tempos. Tarefa inglória: tirar o Oscar das mãos de *Forrest Gump*.


Stills
34

Columbia
26

Columbia Buena Vista
Prêt-à-Porter

4 TAKES
Algumas curiosidades da maior festa do cinema

10 OSCAR 95
Quem é quem nas indicações da Academia

16 TEMPO DE VIOLÊNCIA – PULP FICTION
Quentin Tarantino brilha outra vez com sua mistura pop

22 FORREST GUMP – O CONTADOR DE HISTÓRIAS
O pobre de Q.I. que virou mania nos Estados Unidos

24 O INDOMÁVEL
Aos 70 anos, Paul Newman vive um solteirão de coração mole

26 ADORÁVEIS MULHERES
Susan Sarandon e Winona Ryder na adaptação do clássico *Mulherzinhas*

28 LENDAS DA PAIXÃO
Brad Pitt interpreta um bicho-do-mato ao lado de Anthony Hopkins

34 ED WOOD
O filme mais autoral do diretor Tim Burton

40 NELL
Jodie Foster, criada longe da civilização, inventa uma linguagem própria

42 NOVOS FILMES
Prêt-à-Porter, Caro Diário, Sopro do Diabo, De Amor e de Sombras, Minha Amada Imortal

50 AVANT-PREMIÈRE
Os bastidores de *As Feras*, o novo filme de Walter Hugo Khouri, com a top model Cláudia Liz

52 MITO
O requinte cinematográfico de Luchino Visconti

54 FILMOGRAFIAS

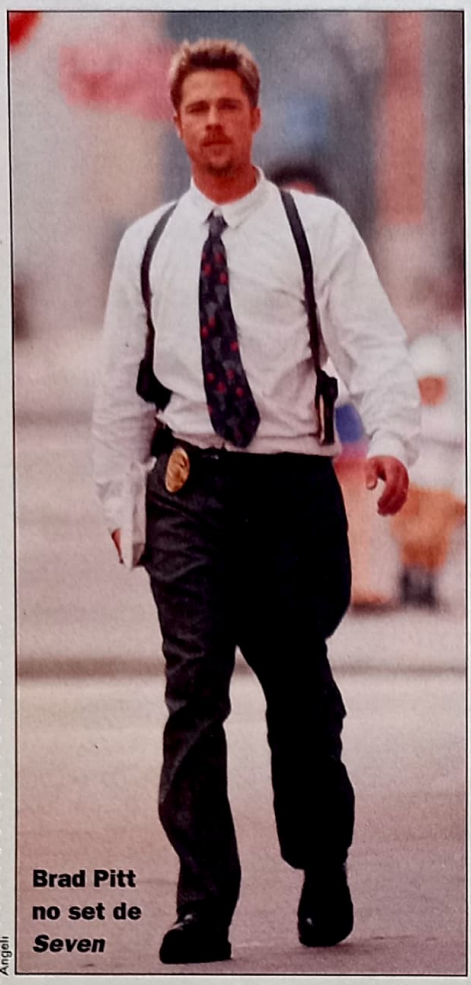
56 CONEXÃO L.A.
José Emilio Rondeau comenta os artifícios usados na caça aos votos da Academia

57 CADERNO DE VÍDEO
Rei Leão, Lobo, Maverick, Crooklyn, Um Homem sem Face, A Floresta Petrificada, Ganga Bruta, Veja Esta Canção

80 CARDÁPIO
Uma seleta de filmes trash

84 CARTAS

86 NOSTALGIA



Brad Pitt no set de *Seven*

Arquivo

BRAD PITT

A GRANDE PROMESSA DE 95

Antes de deixar Geena Davis – e toda a platéia feminina – atarantada em *Thelma e Louise*, **Brad Pitt** já encantava as colegas de classe do curso de jornalismo da Universidade de Missouri, em Columbia.

•

Agora, aos 22 anos, doze filmes no portfolio e com seu último trabalho ***Lendas da Paixão*** *(ver matéria nesta edição)* no topo das bilheterias por duas semanas seguidas, Pitt é sem dúvida o grande nome de 1995.

•

Considerado um *workaholic* pelos companheiros de set, o melancólico vampiro Louis de *Entrevista com o Vampiro* cortou as longas madeixas loiras para encarnar um policial no thriller ***Seven***, de **David Fincher** (*Alien*³), onde Pitt sai à caça de um *serial killer* que faz suas vítimas seguindo os Sete Pecados Capitais.

•

Assim que terminar de rodar *Seven*, Brad Pitt se dedicará ao novo filme de **Terry Gilliam**, intitulado ***Twelve Monkeys***.

Sygma

WOODY STRODE

O ÉPICO

O ator **Woody Strode** faleceu dia 31 de dezembro do ano passado aos 80 anos, vítima de câncer. Strode começou a fazer filmes na década de 50 – *The Lion Hunter* (1951) – e ganhou notoriedade sendo o *sparring* de Kirk Douglas em *Spartacus* (1960) e contracenando com John Wayne em *O Homen que Matou o Facínora* (1962). Seu corpo seco e musculoso dava-lhe boas oportunidades para interpretar homens de verdade nos épicos.

•

Os últimos filmes em que Strode participou foram rodados em 1984 – *The Cotton Club* e *Lust in the Dust*. Ele pode ser visto ainda em: *Os Dez Mandamentos* (1956) e *Os Profissionais* (1966).

Orion

JESSICA LANGE

DOS PALCOS PARA AS TELAS

Logo depois de ganhar um Globo de Ouro de melhor atriz dramática (por *Blue Sky*, ao lado de Tommy Lee Jones), **Jessica Lange** anunciou seu novo trabalho: vai fazer a segunda versão cinematográfica de ***Um Bonde Chamado Desejo***.

•

Na Broadway, Lange já tinha participado da peça de Tennessee Williams contracenando com Alec Baldwin.

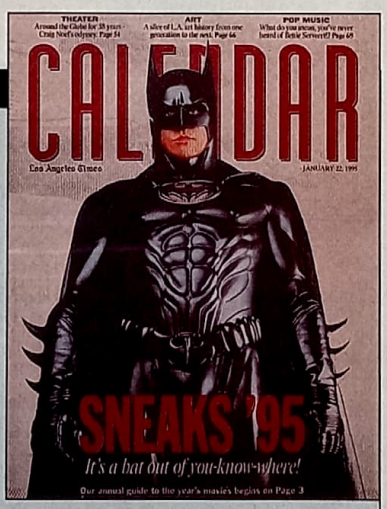
BATMAN 3

PRIMEIRAS IMAGENS

Fãs do Cavaleiro das Trevas sossegai-vos: Batman está de volta com cara nova sob a máscara, mais músculos nos braços e com dois vilões sensacionais.

•

A terceira seqüência da saga do justiceiro de Gothan City está em vias de estrear nos EUA e adiantamos as primeiras imagens publicadas no *Los Angeles Times*.



Duas Caras

Charada

Desta vez, encarnado por **Val Kilmer**, a roupa de Batman traz uma novidade: biquinhos do peito salientes. E também um **Tommy Lee Jones** malvado como o Duas Caras e o careteiro **Jim Carrey** – mas perfeito no papel – como o incrível **Charada**.

ORNELLA MUTI

NA IDADE DA LOBA

As más línguas dizem que ela está perto dos 40 anos. Podem dizer à vontade. **Francesca Rivelli** pode ter nascido em 1955, em Roma, mas **Ornella Muti** – como ela ficou conhecida no cinema – não parece ter mais do que 30 anos. Nas cenas de nu frontal, nu em close ou nu dorsal, Ornella é enxuta, bela, sensual.

•

Ornella tem três filhos (o mais velho com 20 anos), é casada e dedicada à família. Além de não ter que se preocupar com a escola das crianças ou com a gravata do marido, é boa atriz. Tão boa que não pára de trabalhar.

•

Mal terminou de lançar ***O Amante Bilíngue*** – onde interpreta uma ninfomaníaca que gosta de sotaques e tem uma curiosa mania, a de calçar o sexo de seus companheiros com sapatos – , Ornella já participa das filmagens de um filme surrealista francês, ainda sem título definido. Sobre o novo papel ela não gosta de falar. Diz que é "muito complicado".

•

Elá foi descoberta nos anos 70 pelos diretores italianos Monicelli e Risi. Mas sua sensualidade só começou a ser explorada por Marco Ferreri em *L'Ultima Donna* (1976).

•

O *boom* internacional de Ornella aconteceu com um outro filme de Ferreri: *Crônica de um Amor Louco*, de 1981. Ornella é assim: versátil, mas sempre provocante. Francesca... bem, Francesca é bonita, muito bonita; porém, tímida.

Angeli

Sharon Stone arrasa na 52ª cerimônia do Globo de Ouro

52º GLOBO DE OURO

ANTECIPANDO O OSCAR

São os jornalistas da **Hollywood Foreign Press Association**, que reúne integrantes de 200 jornais e revistas estrangeiros atuantes nos Estados Unidos, os eleitores do **Globo de Ouro**, considerado o termômetro para o resultado do Oscar. Das quinze premiações de melhor filme desde 1980, onze venceram também o Oscar. A mesma proporção vale para os prêmios de ator e na categoria melhor atriz, em que a coincidência é mais surpreendente: das quinze escolhidas pelo Globo de Ouro, treze repetiram a dose depois com o Oscar.

•

Neste ano, ***O Rei Leão*** e ***Forrest Gump – O Contador de Histórias*** dividiram três estatuetas cada. *Forrest Gump* recebeu os principais prêmios: **filme dramático**, **ator** (**Tom Hanks**) e **diretor** (**Robert Zemeckis**). *O Rei Leão* abocanhou os Globos de **melhor comédia ou musical**, **trilha sonora** e **canção original** (**"Can You Feel the Love Tonight"**, de **Elton John** e **Tim Rice**). Já as seis indicações para ***Tempo de Violência*** acabaram se convertendo em apenas um prêmio: **melhor roteiro** para **Quentin Tarantino**.

•

Jessica Lange ganhou a estatueta de **melhor atriz dramática** por ***Blue Sky***. Mas o azarão da noite foi o Globo de Ouro de **atriz em comédia ou musical** para **Jamie Lee Curtis**, por ***True Lies***. Na mesma categoria, o prêmio foi para o ator **Hugh Grant** por ***Quatro Casamentos e um Funeral***.

•

O prêmio de **ator coadjuvante** ficou com **Martin Landau** por sua interpretação de Bela Lugosi em ***Ed Wood***, e o de atriz coadjuvante ficou com **Dianne Wiest** por ***Bullets Over Broadway***, de **Woody Allen**. E a estatueta de **filme estrangeiro** ficou com o belga ***Farinelli***, dirigido por **Gerard Corbiau**.

•

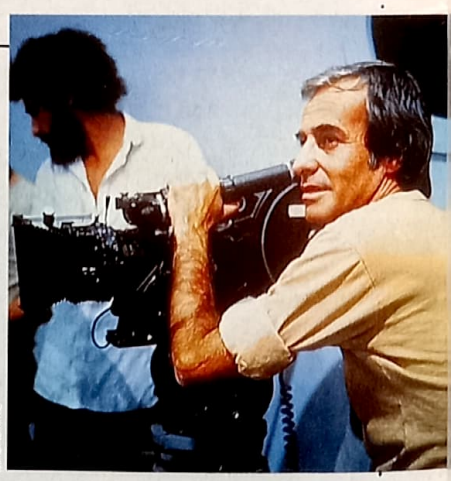
Os prêmios de TV foram dominados por ***Amazônia em Chamas***. O filme de **John Frankenheimer**, que conta a história do líder seringueiro **Chico Mendes**, recebeu os prêmios de **filme**, **ator** (**Raul Julia**, em seu último trabalho) e **ator coadjuvante** (**Edward James Olmos**).

CURTAS-METRAGENS

DOIS NA LISTA DOS CEM MAIS

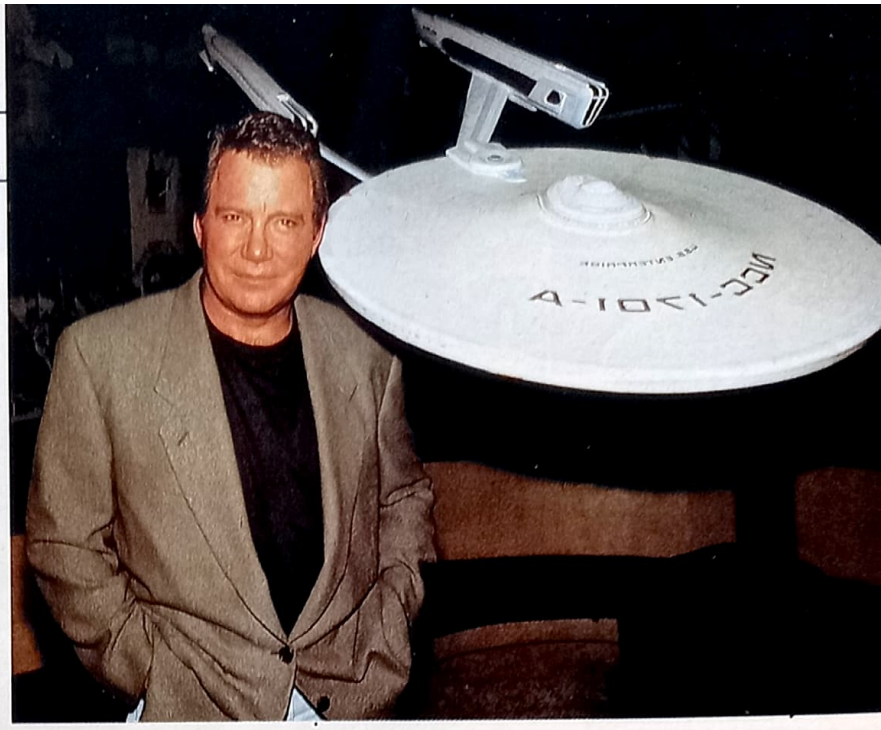
O festival de Clermont-Ferrand, na França, selecionou dois curtas brasileiros para constarem na lista dos cem mais importantes representantes do gênero na história do cinema.

Liane Neves



Embrafilme

Os escolhidos pelo júri do festival foram: *Couro de Gato* (1962), de Joaquim Pedro de Andrade (acima), e *Ilha das Flores* (1989), de Jorge Furtado (à esquerda).



LFI

JORNADA NAS ESTRELAS

KIRK VAI À ESCOLA

Quando os estudantes abandonam a sala de aula para estudar ciência vendo seriados de TV é hora de aperfeiçoar as atrações da escola. E quem saiu na frente foi a **Evergreen State College**, da cidade de Olympia, nos Estados Unidos. Para fisgar alunos, a professora **Carrie Margolin** resolveu aplicar uma boa isca: *Jornada nas Estrelas*.

•

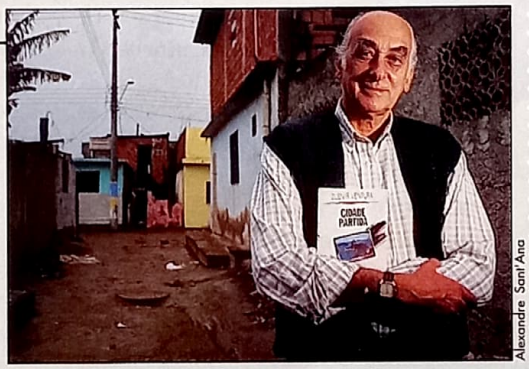
O nome do novo curso é *Onde Nenhum Homem Jamais Esteve*, a frase que introduzia cada episódio. Mas isso também não quer dizer que os alunos vão estudar Medicina com bastões luminosos do doutor McCoy ou a História Vulcana Ocidental. Nas aulas, *Jornada nas Estrelas* serve apenas de pano de fundo – uma inspiração – para cursos de Antropologia, Psicologia e Ciências.

•

Aproveitando a onda trekker, o próprio capitão **Kirk** (**Willian Shatner**) publicou suas memórias em um livro, ***Jornada nas Estrelas – Memórias*** (ed. Nova Fronteira). Nele, Shatner conta 25 anos de bastidores das *Jornadas*. **Chris Kreski**, diretor editorial da MTV americana, ajudou o capitão a pilotar o livro com bom humor, como na primeira frase das memórias de Kirk: "Data estelar: 10 de agosto de 1991".

ZUENIR VENTURA

CIDADE PARTIDA VIRA FILME



Alexandre Sant'Ana

O livro-reportagem *Cidade Partida*, do jornalista **Zuenir Ventura**, está sendo transformado em documentário para TV e cinema. A produção, de R$ 200 mil, tem a direção de **Roberto Berliner** e deve estar pronto no segundo semestre. Para detectar o crescimento da violência no Rio de Janeiro, Zuenir gastou 18 meses de pesquisa, consultando jornais e revistas publicados a partir da década de 50, e outros dez meses na favela de Vigário Geral, para observar *in loco* o dia-a-dia de trabalhadores e traficantes da favela.

•

Há diferenças de enfoque, segundo Berliner, entre o documentário e o livro. "Zuenir mostrou o mundo do lado de lá (da favela) e eu quero enfocar o Rio do lado de cá (da favela)", diz. Já foram gravados vinte minutos em 16 mm e cerca de dez horas em vídeo sobre a movimentação em Vigário Geral a partir da ocupação pelo Exército. As imagens da violência serão intercaladas por entrevistas com artistas, políticos, intelectuais e o próprio Zuenir.

DONALD PLEASENCE

A CARA DO MAL

O ator inglês **Donald Pleasence** faleceu dia 2 de fevereiro, aos 75 anos, em sua casa, no sul da França. O ator participou de mais de noventa filmes, quase sempre como vilão e em raras ocasiões recebeu o papel principal, como em *Armadilha do Destino* (1966), de Roman Polanski.

•

Pleasence foi prisioneiro dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial depois de ter seu avião da R.A.F. (Força Aérea Britânica) abatido. Terminada a guerra, retornou à Inglaterra, onde retomou sua carreira de ator de teatro. Começou a emprestar ao cinema suas feições de psicopata apenas na década de 50.

•

Angeli

Entre o vasto trabalho de Pleasence se destacam: *Fugindo do Inferno* (1963), *Viagem Fantástica* (1966), *O Último Magnata* (1976) e *Neblinas e Sombras* (1993).

SPIELBERG, KATZEMBERG & GEFFEN

O DEDO DE DEUS

Devidamente batizada – o nome escolhido é **Dreamworks SKG**, depois de feita uma pesquisa de marcas e patentes que custou US$ 600 mil dólares –, a produtora de **Steven Spielberg**, **Jeffrey Katzemberg** e **David Geffen** já engatilhou seu primeiro projeto: um desenho animado de longa-metragem sobre ***Os Dez Mandamentos***.

POR DENTRO DO OSCAR

Algumas curiosidades sobre a maior festa da indústria cinematográfica

QUEM É O APRESENTADOR

Nos Estados Unidos, **David Letterman**, esse senhor com uma fenda acentuada entre os dois dentes da frente, é um dos principais ícones da televisão "inteligente", o ídolo da geração de *baby boomers* que hoje está com quase 50 anos e o considera a epítome do *talk show* moderno. Ele é a escolha do produtor **Gilbert Cates** para apresentar a festa do Oscar deste ano.

Reino

•

Egresso do rádio, Letterman desde o início dos anos 80 disputa a audiência no horário nobre dos *talk shows*: o final de noite. Com a aposentadoria do rei do gênero, Johnny Carson, David assumiu o trono. Ele é considerado um gozador pelos americanos, e celebrizou no país inteiro as suas listas semanais, brincadeira que faz com acontecimentos do dia-a-dia, do tipo "dez razões para O.J. Simpson rir durante seu julgamento".

•

Pode ser até que este ano as piadas do Oscar sejam mais incompreensíveis que de costume, pois poucas vezes se escolheu um apresentador no qual tão pouca gente se sintonizará.

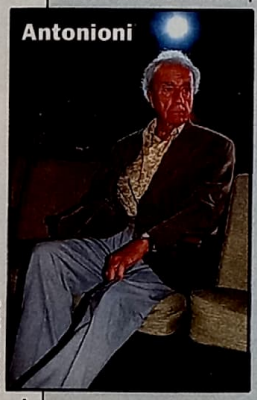
José Emilio Rondeau

HOMENAGENS

Durante a cerimônia de entrega do Oscar deste ano o cineasta **Michelangelo Antonioni** receberá um prêmio honorário. Outro que será agraciado com uma estatueta especial é o músico **Quincy Jones**. Jones receberá o Jean Hersholt Humanitarian – um prêmio humanitário por ter reunido artistas na confecção do disco *We Are the World*, cuja renda foi destinada ao combate à fome da Etiópia.

Angeli

Quincy Jones bem acompanhado de duas amigas


Antonioni

Lourival Ribeiro

•

O ator e diretor **Clint Eastwood** também será homenageado pela Academia. Receberá o Irving Thalberg, dado pelo conjunto de sua obra.

OS DESPREZADOS

Omissões, gafes, injustiças e trapalhadas não faltaram nesses 68 anos de Oscar. Certos filmes possuem alguma coisa em comum: não receberam nenhuma indicação. Veja a lista dos injustiçados:
A Marcha Nupcial (29), de Erich Von Stroheim; *Luzes da Cidade* (30), de Charles Chaplin; *Scarface*, de Howard Hawks; *Frankenstein*, de James Whale (31); *Rainha Christina*, com Greta Garbo (33); e *Tempos Modernos* (36), de Chaplin.

•

Em 1937, Greta perdeu o Oscar em sua famosa *Dama das Camélias*; quem levou a estatueta foi a vienense Luise Rainer fazendo uma chinesa em *Terra dos Deuses*. Luise já havia ganho no ano anterior por *O Grande Ziegfeld*. Em 1952, *Depois do Vendaval*, de John Ford e *Matar ou Morrer*, de Fred Zinnemann, perderam o Oscar de melhor filme para *O Maior Espetáculo da Terra*, de Cecil B. de Mille, que também ganhou o de argumento original, derrotando *Viva Zapata*, de Elia Kazan.

•

Em 1962, a Academia instituiu o prêmio para efeitos especiais e indicou dois filmes: *Cleópatra*, com Elizabeth Taylor, e *Os Pássaros*, de Hitchcock. Ganhou *Cleópatra*.

•

Neste mesmo ano, o comitê de seleção de filmes em língua estrangeira recusou *O Ano Passado em Marienbad*, de Alain Resnais e *A Noite*, de Michelangelo Antonioni. Também não foram aceitos *O Sétimo Selo*, de Ingmar Bergman em 1956, *O Enigma de Kaspar Hauser* (75), de Herzog, *Cria Cuervos* (75), de Carlos Saura, *A Noite de São Lourenço* (77), dos Taviani. E três Fellinis: *Fellini Satyricon* (69), *Roma* (72) e *La Nave Và* em 1983.

Carlos M. Motta

O Sétimo Selo

O Shrine Auditorium na festa de 1988

Roberto Amadeo

COMO SE CHEGA AOS CINCO FINALISTAS

Pode não parecer tão importante, mas o fato de ser incluído entre os cinco finalistas candidatos ao Oscar já significa enorme aumento de prestígio artístico... e de salário. São 23 categorias diferentes, com cada um dos 4.924 membros da Academia votando no seu respectivo setor para, na triagem final, todos elegerem o melhor filme do ano. No entanto, até chegar aos vencedores, há um prazo de expectativa que agita Hollywood inteira, dando margem a muitas discussões por divergência de opinião que geralmente acabam em brigas pessoais e, às vezes, até mesmo rompimentos profissionais. Mas a palavra final não cabe a qualquer pessoa e, sim, a uma máquina. Como em uma produção hitchcockiana, o suspense é mantido até o momento em que são abertos os envelopes lacrados pela firma de tabulação eletrônica Price Waterhouse, tanto na manhã das indicações (*nominations*) como na gloriosa noite da entrega das estatuetas. Mas, como se chega aos cinco finalistas? O doloroso processo dura mais ou menos duas semanas. Este ano, por exemplo, os membros da Academia receberam no dia 13 de janeiro as cédulas para indicação dos cinco candidatos da sua categoria sem ordem de preferência, pois o que interessa à máquina é a quantidade de votos. Essas cédulas – sem identificação do remetente – foram devolvidas pelo correio até o fechamento da apuração, às 17 horas de 2 de fevereiro. Na madrugada de terça-feira, 14, foram abertos os envelopes contendo os nomes dos cinco finalistas em dezoito setores e também anunciados os três finalistas em maquilagem, documentários longos e curtos, efeitos especiais sonoros e visuais. Estes últimos, mais o melhor filme estrangeiro, são votados pela Junta dos Governadores composta de 36 cineastas, dentre os quais os atores Gregory Peck e Karl Malden – dois ex-presidentes da Academia. A escassez de produção em determinados setores limita algumas categorias a três finalistas.

Em 8 de março, são colocadas no correio as cédulas com os nomes dos cinco finalistas, sem critério de ordem, para cada membro marcar o seu favorito, com muita gente – é claro – votando secretamente em si mesmo. Na terça-feira, 14 de março, a Academia oferece às centenas de finalistas um almoço de confraternização no Beverly Hilton Hotel, onde os convidados entreolham-se tentando adivinhar quem, da sua categoria, seria o felizardo vencedor na 67ª festa da Academia na noite de segunda-feira, 27 de março.

De qualquer maneira, os quartetos não premiados têm o consolo de "quase ter chegado lá", embora, como disse o genial Paul Newman ao receber seu merecido Oscar, depois de figurar seis vezes entre os finalistas perdedores: "Enfim, agora posso dizer que sou a noiva! Até hoje, só me sentia como uma das damas de honra do casamento..."

Dulce Damasceno de Brito

AS COORDENADAS DA ACADEMIA

•13 de janeiro de 1995 – Foram enviadas pelo correio as cédulas de votação a todos os 5.300 membros da Academia.

•02 de fevereiro de 1995 – Terminou o prazo das indicações às 17 horas.

•14 de fevereiro de 1995 – Às 5:30 da manhã, foram anunciados os cinco finalistas indicados como candidatos em vinte categorias, com representantes da imprensa local e internacional no Samuel Goldwyn Theater da sede da Academia.

•04 de março de 1995 – Apresentação dos prêmios técnicos e científicos às 18:30 no Regent Beverly Wilshire Hotel. Cerimônia gravada para exibição durante a entrega dos Oscar na segunda-feira, 27.

•08 de março de 1995 – São colocadas no correio as cédulas de votação final só com os nomes dos finalistas.

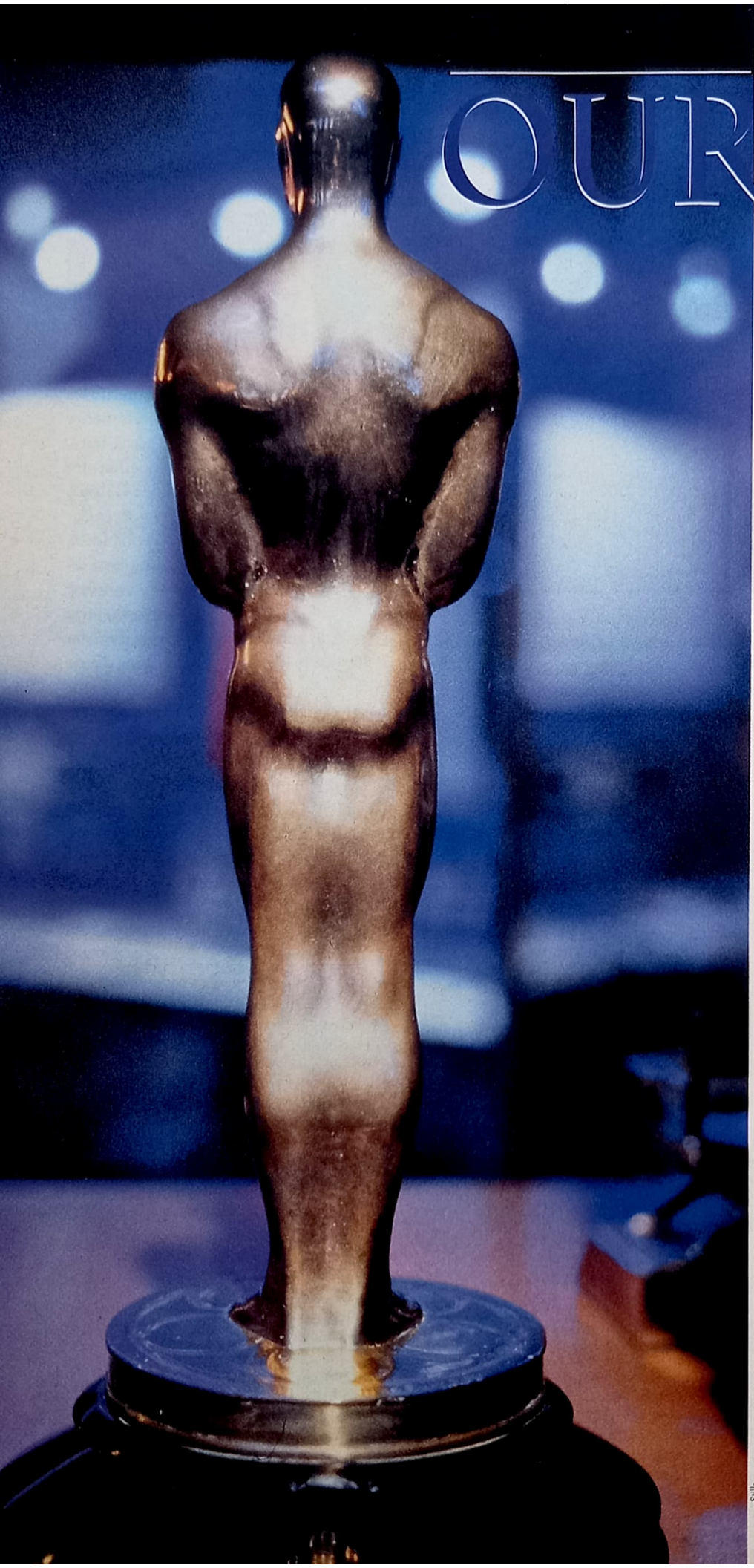
•14 de março de 1995 – Almoço de confraternização de todos os indicados de 1994, ao meio-dia, no Beverly Hilton Hotel.

•21 de março de 1995 – Encerramento da votação, com o retorno dos envelopes pelo correio, sem identificação do eleitor.

•27 de março de 1995 – Às 18 horas (em Los Angeles, 23:00 em Brasília) tem início a 67ª cerimônia de entrega das estatuetas da Academia no Los Angeles Shrine Auditorium, com transmissão pela rede ABC-TV, via satélite, para o mundo inteiro. Após o *show*, um seleto grupo de convidados participará do banquete oferecido aos vencedores (e perdedores) nos salões do Exposition Center, ao lado do Shrine Auditorium.

OBS.: Esta é a sexta vez que a cerimônia do Oscar acontece no Shrine Auditorium, que foi palco do evento em 1947, 1948, 1988, 1989 e 1991. O imenso teatro acomoda 6.300 pessoas: 3.044 na platéia e 3.256 no balcão. Foi preferido este ano ao Dorothy Chandler Pavilion devido ao crescente número de membros da Academia e também por ter anexo o Expo-Center, sem que os convidados precisem se locomover para o baile-banquete de encerramento do show.

D.D. de B.



OURO PAR

Como era de se esperar, *Forrest Gump* é o favorito para a cerimônia de 27 de março com treze indicações; as surpresas podem vir de *Pulp Fiction, Bullets over Broadway* e *Um Sonho de Liberdade,* com sete indicações cada um. Nas categorias de diretor, roteiro original e fotografia o inesperado fica por conta de Krzysztof Kieslowski e seu *A Fraternidade É Vermelha*

Columbia

Forrest Gump

Stills

A O TOLO?

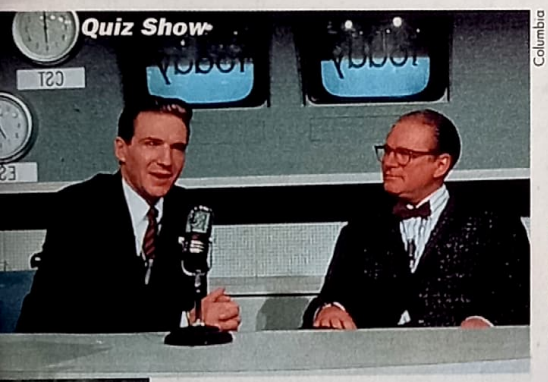
FILME

FORREST GUMP – O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Aproveitando as etapas marcantes do crescimento de um homem de pouco Q.I., Robert Zemeckis conta a história recente dos Estados Unidos. Através da visão do personagem Forrest, o filme mostra as mutações da sociedade americana a partir do fenômeno Elvis Presley, passando pela Guerra do Vietnã, o assassinato de Kennedy, a onda hippie e a Aids. Sucesso de bilheteria e de crítica, *Forrest Gump* leva **treze indicações**.

QUIZ SHOW – A VERDADE DOS BASTIDORES

Robert Redford mostra como, nos anos 50, um escândalo de um programa de perguntas e respostas abalou a confiança dos americanos em seus próprios valores. John Turturro e Ralph Fiennes, os contendores, duelam diante das câmeras neste retrato sóbrio e crítico dos bastidores da televisão. Leva **quatro indicações**.



Columbia

PlayArte

TEMPO DE VIOLÊNCIA – PULP FICTION

Três histórias se entrecruzam no novo trabalho de Quentin Tarantino, que ganhou a Palma de Ouro de melhor filme em Cannes-94. Violência e humor negro misturam-se num caldeirão pop, de onde sobressai a interpretação hipnótica de John Travolta, novamente no primeiro time de Hollywood. *Pulp Fiction* leva **sete indicações**.

QUATRO CASAMENTOS E UM FUNERAL

Uma das grandes surpresas do ano passado foi o sucesso mundial desta comédia romântica inglesa, que partiu de uma idéia simples para seduzir o público com sua fórmula de alto astral, paixão e lágrimas. Um filme que Mike Newell (*Dançando com Um Estranho*) dirigiu à antiga, levando **duas indicações**.

UM SONHO DE LIBERDADE

A estréia do roteirista Frank Darabont na direção teve repercussão tão positiva junto à crítica que abriu caminho para um impressionante desempenho junto aos indicados deste ano. Esse drama humano ambientado num presídio é de cara o grande azarão, com **sete indicações** acumuladas.

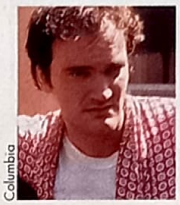
PlayArte

DIRETOR

WOODY ALLEN

Kelma

Concorre por *Bullets over Broadway*, que marca sua volta à comédia. Allen ganhou os Oscar de direção e de roteiro original em 1977 por *Annie Hall* e de melhor roteiro original por *Hannah e suas Irmãs*, em 1986. **Indicações anteriores**: melhor ator por *Annie Hall*; direção e roteiro por *Interiores*; roteiro original por *Manhattan*; direção e roteiro original por *Broadway Danny Rose*; roteiro original por *A Rosa Púrpura do Cairo*; direção por *Hannah e Suas Irmãs*; roteiro original por *Na Era do Rádio*; direção e roteiro original por *Crimes e Pecados*; roteiro original de *Alice* e *Maridos e Esposas*.


Columbia

QUENTIN TARANTINO

Estreando no cinema em 1992 com *Cães de Aluguel*, este cinéfilo inveterado já levou a Palma de Ouro em Cannes por *Tempo de Violência – Pulp Fiction*. Na estréia, bem como no segundo filme, Tarantino foi incensado por crítica e público.

ROBERT REDFORD

Reina

Quiz Show tem o toque elegante, crítico e inteligente de Redford, um dos nomes mais respeitados pela Academia, que premiou sua estréia na direção, em 1980, com *Gente como a Gente*. **Indicação anterior**: ator por *Golpe de Mestre*.

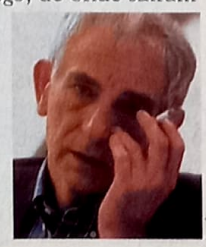
Paramount Pictures

ROBERT ZEMECKIS

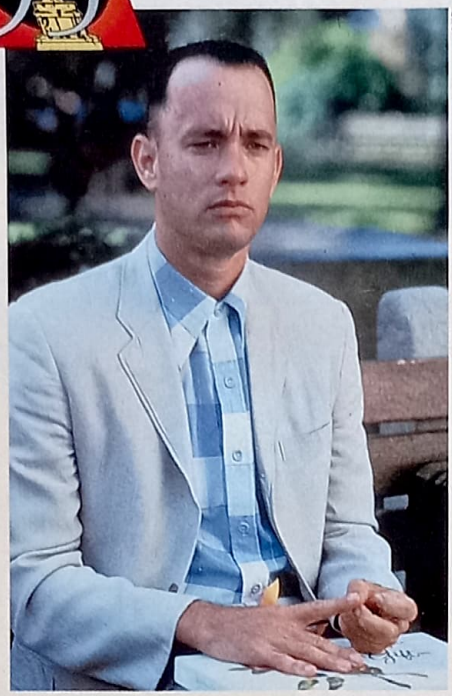
Forrest Gump pode dar o Oscar a Zemeckis, um campeão de bilheterias que jamais foi premiado pela Academia. **Indicação anterior**: roteiro original por *De Volta para o Futuro*.

KRZYSZTOF KIESLOWSKI

O polonês Kieslowski, premiado em alguns dos maiores festivais internacionais, consagrou-se com o *Decálogo*, de onde saíram *Não Amarás* e *Não Matarás*, e com a trilogia das cores, cuja última parte, *A Fraternidade É Vermelha*, resultou em uma das surpresas deste Oscar, a sua primeira indicação como diretor.


Look

OS INDICADOS


UIP

ATOR

TOM HANKS

Hanks inaugurou uma nova fase em sua carreira como o advogado soropositivo de *Filadélfia*, que lhe rendeu o Oscar de melhor ator no ano passado. Pode repetir o feito com *Forrest Gump*. **Indicação anterior**: *Quero Ser Grande*.

Columbia

JOHN TRAVOLTA

Concorre pelo capanga Vincent de *Pulp Fiction*. O ator, ícone da cultura pop dos anos 70 com *Embalos de Sábado à Noite*, é novamente um sucesso no mundo todo. **Indicação anterior**: melhor ator por *Embalos de Sábado à Noite*.

MORGAN FREEMAN

Entrou para a lista dos indicados pelo trabalho minucioso que desenvolveu em *Um Sonho de Liberdade*, ao lado de Tim Robbins. **Indicações anteriores**: ator por *Armação Perigosa* e por *Conduzindo Miss Daisy*.

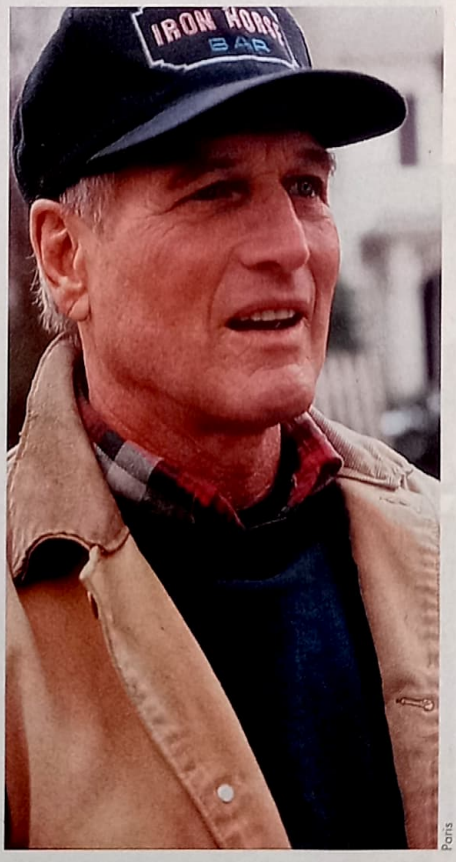
Reina

NIGEL HAWTHORNE

O rei insano de *The Madness of King George* rendeu a primeira indicação da carreira deste ator inglês, que interpretou o mesmo papel no teatro em 1992. Entre os seus créditos cinematográficos, constam uma produção para a TV sobre a vida de João Paulo II e uma versão do *Tartufo*, de Moliére, produzida pela Royal Shakespeare Company.

PAUL NEWMAN

Concorre por *O Indomável*, onde faz um sessentão de sentimentos aprisionados. Newman, 70 anos, um dos grandes astros da história de Hollywood, só ganhou a estatueta de melhor ator em 1986 por *A Cor do Dinheiro*. Um ano antes, Newman recebeu um Oscar honorário. **Indicações anteriores**: melhor ator por *Gata em Teto de Zinco Quente*; *Desafio à Corrupção*; *O Indomado*; *Rebeldia Indomável*; produtor do filme *Rachel, Rachel*; melhor ator por *Ausência de Malícia* e *O Veredito*.



Paris

UIP

ATRIZ

WINONA RYDER

Winona vive uma das filhas de Susan Sarandon em *Adoráveis Mulheres*. Ela se esforçou pessoalmente na nova versão do clássico literário *Little Women* (*Mulherzinhas*, no Brasil) de Louisa May Alcott. **Indicação anterior**: melhor atriz coadjuvante por *A Época da Inocência*.

LFI

JESSICA LANGE

Compete por sua interpretação da sensual esposa maníaco-depressiva de *Blue Sky*, a última direção de Tony Richardson. A atriz já levou o Oscar de coadjuvante por *Tootsie*, em 1982. No mesmo ano, foi indicada para melhor atriz por *Frances*. **Outras indicações**: atriz por *Minha Terra, Minha Vida*; *Um Sonho, Uma Lenda* e *Muito Mais que um Crime*.

SUSAN SARANDON

Ela concorre por *O Cliente*, onde faz uma advogada ex-alcoólatra que defende um garoto contra a Máfia. **Indicações anteriores**: melhor atriz por *Atlantic City*, *Thelma e Louise* e *O Óleo de Lorenzo*.

Look

MIRANDA RICHARDSON

A atriz inglesa já havia impressionado a Academia como a esposa traída de *Perdas e Danos*, em 1992, quando recebeu a indicação para coadjuvante. Desta vez, concorre por *Tom & Viv*, numa interpretação memorável da mulher do poeta T.S. Elliot.

JODIE FOSTER

Para interpretar a personagem principal de *Nell*, Jodie Foster fez pesquisas obsessivas, tentando tornar real a interpretação da moça que viveu grande parte da vida afastada da civilização. Jodie já ganhou a estatueta duas vezes: por *Acusados*, em 1988, e por *O Silêncio dos Inocentes*, em 1991. **Indicação anterior**: melhor atriz por *Taxi Driver*.

Fox

Warner

ATOR COADJUVANTE

MARTIN LANDAU

O veterano Landau (66 anos) só teve seu talento reconhecido na década de 80 e concorre este ano por sua interpretação quase "espírita" de Bela Lugosi em *Ed Wood*. **Indicações anteriores**: ator coadjuvante por *Tucker* e por *Crimes e Pecados*.

Columbia

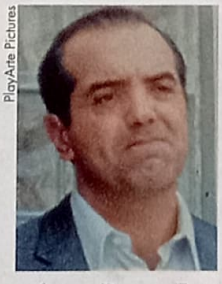
SAMUEL L. JACKSON

Jules, o bandido que mata recitando passagens do Eclesiastes em *Pulp Fiction*, é o papel definitivo deste ator shakespeariano, também admirável em *Febre da Selva* (prêmio especial do júri de ator coadjuvante em Cannes-91) e *Jurassic Park*.

GARY SINISE

MGM/UA

Sua pequena mas brilhante participação em *Forrest Gump*, como o soldado que perde as pernas na Guerra do Vietnã, conseguiu chamar a atenção da Academia para este grande nome do teatro de Chicago, que já atuou em *Ratos e Homens* (que dirigiu) e *Dias Amargos*.

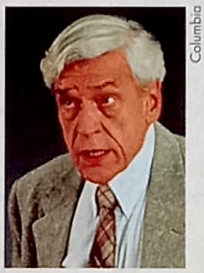


PlayArte Pictures

CHAZZ PALMINTERI

Ator e autor teatral, marcou presença no cinema pela primeira vez com o roteiro que adaptou e protagonizou para o filme de Robert De Niro, *Desafio no Bronx*. Foi indicado pelo criativo capanga de *Bullets over Broadway*.

PAUL SCOFIELD



Columbia

Ator de teatro respeitadíssimo na Inglaterra por suas atuações introspectivas, já levou um Oscar em 1966, por *O Homem que Não Vendeu sua Alma*, no qual interpreta Sir Thomas Moore. A indicação veio pelo aristocrático personagem de *Quiz Show*.

ATRIZ COADJUVANTE

DIANNE WIEST

PlayArte

Pode finalmente ganhar seu Oscar pelo papel de *prima donna* da Broadway na comédia de Woody Allen, *Bullets over Broadway*. **Indicações anteriores**: atriz coadjuvante por *Hannah e suas Irmãs* e de melhor atriz por *Um Tiro que Não Saiu pela Culatra*.

Look

ROSEMARY HARRIS

Concorre pela interpretação da mãe de Viv, Rose Haigh-Wood, em *Tom & Viv*. Rosemary é inglesa, e seu *background*, quase todo teatral, contém personagens shakespearianos e tchecovianos.

UMA THURMAN

Steve Starr/Saba

Mia, a mulher drogada do gângster Marsellus em *Pulp Fiction*, rendeu-lhe a primeira indicação da Academia. Uma já foi Vênus em *As Aventuras do Barão Münchausen* e a mulher de Henry Miller em *Henry e June*.

Filmes do Estação

HELEN MIRREN

Ela é a rainha em *The Madness of King George*, pelo qual recebeu a sua primeira indicação. De formação teatral, Helen já atuou em *Excalibur*, *The Mosquito Coast* e *O Cozinheiro, o Ladrão, a Mulher e Seu Amante*.

JENNIFER TILLY

A irmã mais nova de Meg Tilly recebe sua primeira indicação como a namoradinha canastrona do mafioso em *Bullets over Broaway*. Já foi vista em *Susie e os Baker Boys*, *Feita por Encomenda* e *A Fuga*.

Stills

OUTRAS CATEGORIAS

Lumiere

FILME ESTRANGEIRO

Antes da Chuva (Macedônia), de Milcho Manchevski • ***Revelações de Uma Bola de Fogo*** (Rússia), de Nikita Mikhalkov • ***Comer Beber Viver*** (Taiwan), de Ang Lee • ***Farinelli*** (Bélgica), de Gérard Corbiau • ***Morango e Chocolate*** (Cuba), de Tomás Gutiérrez Alea e Juan Carlos Tabío.

ROTEIRO ORIGINAL

Woody Allen e Douglas McGrath (*Bullets over Broadway*) • Richard Curtis (*Quatro Casamentos e Um Funeral*) • Frances Walsh e Peter Jackson (*Heavenly Creatures*) • Quentin Tarantino (*Tempo de Violência – Pulp Fiction*) • Krzysztof Kieslowski (*A Fraternidade É Vermelha*).

ROTEIRO ADAPTADO

Eric Roth (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • Alan Bennett (*The Madness of King George*) • Robert Benton (*O Indomável*) • Paul Attanasio (*Quiz Show – A Verdade dos Bastidores*) • Frank Darabont (*Um Sonho de Liberdade*).

EFEITOS ESPECIAIS

Ken Ralston, George Murphy, Stephen Rosenbaum e Allen Hall (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • Scott Squirca, Steve Williams, Tom Bertino e John Farhat (*O Máskara*) • John Bruno, Thomas L. Fisher, Jacques Stroweis e Patrick McClung (*True Lies*).

EFEITOS SONOROS

Bruce Stambler e John Leveque (*Perigo Real e Imediato*) • Gloria S. Borders e Randy Thom (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • Stephen Hunter Flick (*Velocidade Máxima*).

FOTOGRAFIA

Don Burgess (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • John Toll (*Lendas da Paixão*) • Piotr Sobocinski (*A Fraternidade É Vermelha*) • Roger Deakins (*Um Sonho de Liberdade*) • Owen Roizman (*Wyatt Earp*).

EDIÇÃO

Arthut Schmidt (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • Frederick Marx, Steve James e Bill Haugse (*Hoop Dreams*) • Sally Menke (*Tempo de Violência – Pulp Fiction*) • Richard Francis-Bruce (*Um Sonho de Liberdade*) • John Wright (*Velocidade Máxima*).

TRILHA SONORA

Alan Silvestri (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • Elliot Goldenthal (*Entrevista com o Vampiro*) • Hans Zimmer (*O Rei Leão*) • Thomas Newman (*Adoráveis Mulheres*) • Thomas Newman (*Um Sonho de Liberdade*).

CANÇÃO

"Can You Feel the Love Tonight" (*O Rei Leão*), de Elton John e Tim Rice • "Circle of Life" (*O Rei Leão*), de Elton John e Tim Rice • "Hakuna Matata" (*O Rei Leão*), de Elton John e Tim Rice • "Look What Love Has Done" (*Junior*), de Carole Bayer Sager, James Newton Howard, James Ingram e Patty Smyth • "Make Up Your Mind" (*O Jornal*), de Randy Newman.

Warner

DIREÇÃO DE ARTE & CENÁRIOS

Direção de arte: Santo Loquasto, cenário: Susan Bode (*Bullets over Broadway*) • Direção de arte: Rick Carter, cenário: Nancy Haigh (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • Direção de arte: Dante Ferretti, cenário: Francesca Lo Schiavo (*Entrevista com o Vampiro*) • Direção de arte: Lilly Kilvert, cenário: Dorree Cooper (*Lendas da Paixão*) • Direção de arte: Ken Adam, cenário: Carolyn Scott (*The Madness of King George*).

SOM

Donald O. Mitchell, Michael Herbick, Frank A. Montano e Arthur Rochester (*Perigo Real e Imediato*) • Randy Thom, Tom Johnson, Dennis Sands e William B. Kaplan (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • Paul Massey, David Campbell, Christopher David e Douglas Ganton (*Lendas da Paixão*) • Robert J. Litt, Elliot Tyson, Michael Herbick e Willie Burton (*Um Sonho de Liberdade*) • Gregg Landaker, Steve Maslow, Bob Beemer e David R. B. MacMillan (*Velocidade Máxima*).

MAQUIAGEM

Rick Baker, Ve Neill e Yolanda Toussieng (*Ed Wood*) • Daniel C. Striepeke, Hallie D'Amore e Judith A. Cory (*Forrest Gump – O Contador de Histórias*) • Daniel Parker, Paul Engelen e Carol Hemming (*Frankenstein de Mary Shelley*).

DOCUMENTÁRIO

Complaints of a Dutiful Daughter, produzido por Deborah Hoffman • ***D-Day Remembered***, produzido por Charles Guggenheim • ***Freedom on My Mind***, produzido por Connie Field e Marilyn Mulford • ***A Great Day in Harlem***, produzido por Jean Bach • ***Maya Lin: A Strong Clear Vision***, produzido por Freida Lee Mock e Terry Sanders.

DOC. CURTA-METRAGEM

Blues Highway, produzido por Vince DiPersio e Bill Guttentag • ***89MM Od Europy*** (***89MM From Europe***), produzido por Marcel Lozinski • ***Scholl of the Americas Assassins***, produzido por Robert Richter • ***Straight from the Heart***, produzido por Dee Mosbacher e Frances Reid • ***A Time for Justice***, produzido por Charles Guggenheim.

CURTA-METRAGEM DE ANIMAÇÃO

The Big Story, de Tim Watts e David Stoten • ***Bob's Birthday***, de Alison Snowden e David Fine • ***The Janitor***, de Vanessa Schwartz • ***The Monk and the Fish***, de Michael Dudok de Wit • ***Triangle***, de Erica Russel.

CURTA-METRAGEM

Franz Kafka's It's a Wonderful Life, de Peter Capaldi e Ruth Kenley-Letts • ***Kangaroo Court***, de Sean Astin e Christine Astin • ***On Hope***, de JoBeth Williams e Michele McGuire • ***Syrup***, de Paul Unwin e Nick Vivian • ***Trevor***, de Peggy Rajski e Randy Stone.

FIGURINOS

Lizzy Gardiner e Tim Chappel (*Priscilla – A Rainha do Deserto*) • Jeffrey Kurland (*Bullets over Broadway*) • Colleen Atwood (*Adoráveis Mulheres*) • April Ferry (*Maverick*) • Moidele Bickel (*A Rainha Margot*).

Top Tape

TECNOLOGIA SLIM PANASONIC

Com uma câmera de vídeo Slim Palmcorder Panasonic nas mãos, você nem imagina toda a tecnologia que cabe num espaçao tão pequeno. O refinado design não deixa transparecer o resistente mecanismo monobloco em alumínio.
Se nos preocupamos tanto em desenvolver um mecanismo assim, imagine o quanto temos investido para que suas imagens sejam igualmente perfeitas.

R500

- Zoom digital de 45x • Funções digitais • Estabilizador digital de imagem
- Visor em cores • Program AE (Exposição Automática Programada
- Gravação e reprodução em SP/SLP

R200

- Visor em cores • Anti Ground Shooting (dispositivo contra filmagens acidentais)
- Exposição automática programadada • Chave liga-desliga e botão de gravação integrados (Opcional: amplo visor em cores

A1

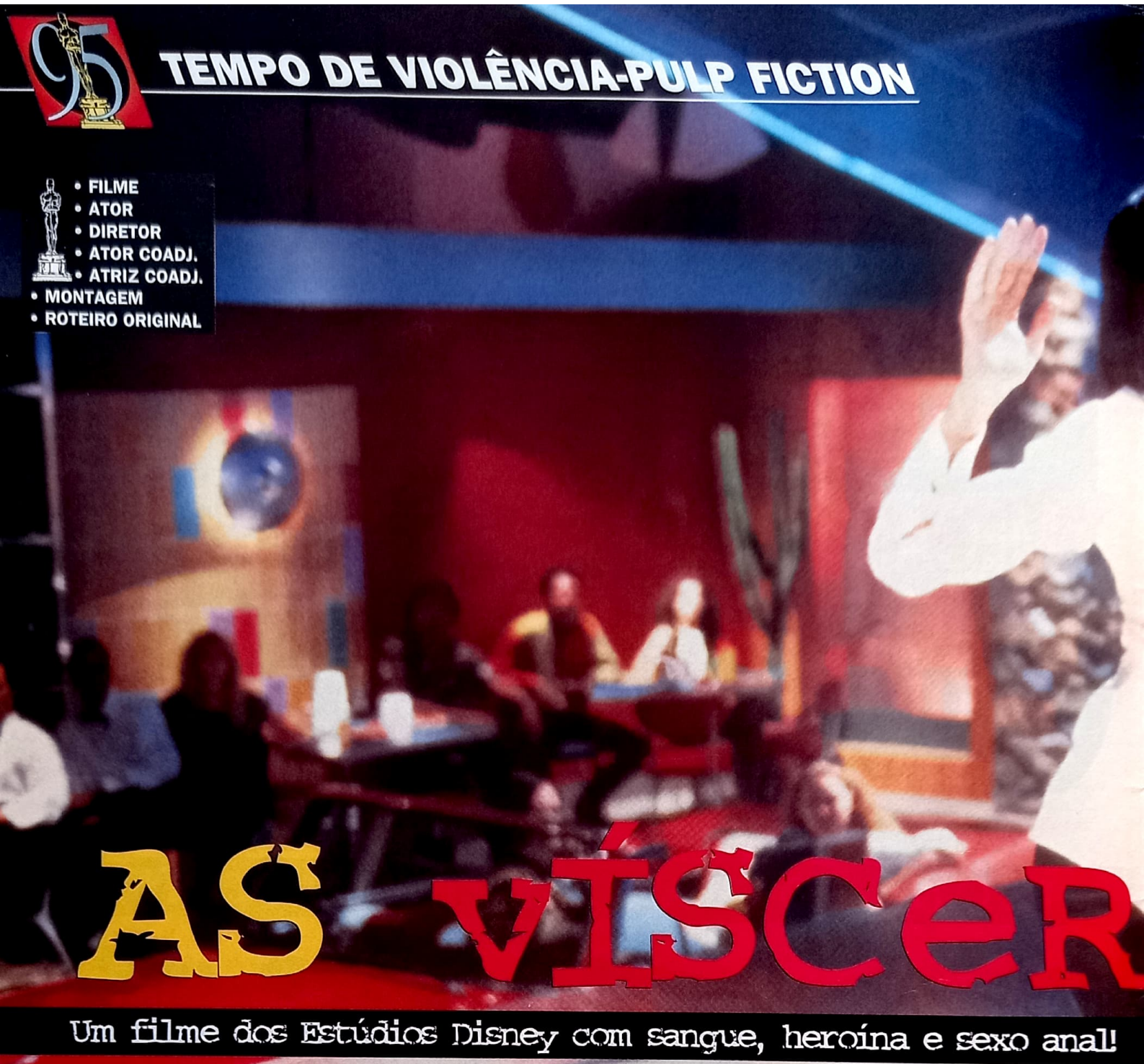
- Foco automático digital • Balanço automático de branco • Controle de íris automático • Exposição automática programada
- Indicações grandes no visor

Panasonic
Antecipa o futuro

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos Atlanta 1996

Panasonic VHS Câmera de vídeo
Compatível com videocassetes VHS

`A venda na Zona Franca de Manaus e Free Shop dos principais aeroportos do Brasil. Produtos Importados



TEMPO DE VIOLÊNCIA-PULP FICTION

- FILME
- ATOR
- DIRETOR
- ATOR COADJ.
- ATRIZ COADJ.
- MONTAGEM
- ROTEIRO ORIGINAL

AS VÍSCERAS

Um filme dos Estúdios Disney com sangue, heroína e sexo anal!

Esta parceria improvável do submundo com Disney só foi possível porque *Pulp Fiction* (*Tempo de Violência*) não é feito apenas de tiros, torturas e violações. Ele tem algo mais: tem arte, senso de humor, diálogos surpreendentes – em suma, sutileza, uma qualidade que outros especialistas em miolos-espalhados-pela-parede não têm. Sem contar que o filme custou apenas US$ 8 milhões, perfeitamente multiplicáveis pelo prestígio cada vez maior de Quentin Tarantino.

Dono de uma prodigiosa memória cinematográfica, herança dos tempos de locadora, onde era o balconista preferido dos fregueses, Tarantino fez de seus dois filmes um caldeirão de referências do mundo pop. Eles podem discutir o sexo de Madonna, incensar a Família Dó-Ré-Mi e ressuscitar gírias desaparecidas, bem como homenagear ídolos dos anos 60 como Godard, através da peruca que o personagem de Uma Thurman usa em *Tempo de Violência*, igual ao penteado da ex-musa do diretor franco-suíço, Anna Karina.

Isto porque o paraíso de Quentin Tarantino existiu, e teve um endereço quase certo: algum ponto entre as décadas de 60 e 70. *Tempo de Violência* deve muito à esta época de roupas estranhas e hábitos liberados. Um mundo onde os bandidos são cabeludos e drogados, os veículos podem ser Chevy, ano 74, os caretas são chamados de "quadrados", e a música... Bem, a música é um caso à parte nos filmes de Tarantino porque, sempre que tem alguma idéia, ele primeiro recorre à sua discoteca e monta uma trilha sonora ideal, para dela extrair a história. Canções dos anos 60 e 70, naturalmente.

Num clima de seriado de TV tipo *Mod Squad* (quem se lembra?), Tarantino imprime a sua marca em *Tempo de Violência*. É aí que entra a violência propriamente dita. E, se perdeu um pouco da ferocidade terrorista que destruía os nervos do espectador em *Cães de Aluguel*, em *Pulp Fiction* ela é amortizada por uma alta dosagem de humor negro.

São cenas barra-pesada que, misturadas ao *déjà-vu* dos anos

as do Pop

Isto é *Pulp Fiction*, a segunda obra-prima de Quentin Tarantino

70, deixam as vísceras do pop à mostra. Não falta sangue, mas desta vez há mulheres, e o toque das mulheres, mesmo quando mortal, suaviza. Numa das melhores seqüências do filme, um John Travolta carregado de heroína (no papel do capanga Vincent) conduz a mulher do patrão (Uma Thurman) para uns passos de twist. Noutra, dispara acidentalmente dentro do automóvel, criando um problema de limpeza que envolve sangue e miolos espalhados pelo teto.

Quanto aos diálogos, eles cintilam nas histórias entrecruzadas de *Tempo de Violência*. Histórias muito engraçadas, por sinal, a despeito de todo o sangue. Em "Vincent Vega and Marsellus Wallace's Wife", "The Gold Watch" e "Jules, Vincent, Jimmie and the Wolf", John Travolta, Samuel Jackson, Uma Thurman, Bruce Willis, Harvey Keitel e o próprio Tarantino recitam algumas das falas mais desconcertantes de que se tem notícia nas telas. O melhor de Quentin Tarantino, um cineasta do nosso tempo que ainda escreve seus roteiros à mão.

Fotos Columbia

Entrevista

QUENTIN TARANTINO

Tarantino dirige Travolta: fã e mentor

Memória de elefante

Beber vinho – ou qualquer bebida alcoólica – é a última coisa que um ator ou cineasta gosta de fazer enquanto dá entrevistas. A birita solta a língua e entrevistas são, afinal, exercícios de ocultação, joguetes de "finge que está sendo sincero que eu finjo que acredito".

Mas, da mesma forma que é tido como um diretor/roteirista/ator que quebra as regras do jogo cinematográfico, em entrevistas Quentin Tarantino rompe com a cautela e com o protocolo recebendo a imprensa munido de uma garrafa de vinho branco que ele vai esvaziando com rapidez no decorrer da conversa.

Tanto melhor: já falante sóbrio, aditivado ele manda ver, geralmente não pausando muito, construindo frases longas e sinuosas, gesticulando muito enquanto fala alto, sempre entusiasmado, sobre *Tempo de Violência*, para ele "mistura de um western-spaghetti rock'n'roll com um filme *blackxploitation* dos anos 70".

> "Cresci assistindo Travolta em *Welcome Back, Kotter*, na TV. Lembro das origens dele: ele tinha sido ótimo em *Carrie*"

Seus filmes misturam violência, humor e até ternura. É o contraste entre esses elementos que o interessa?

É mais a dualidade. Gosto de fazer duas coisas ao mesmo tempo. É concebível que se fizesse um filme como *Love Story* ou como O *Morro dos Ventos Uivantes* eu gostaria que a ameaça de perigo ou anarquia – ou, por falta de uma palavra melhor, violência – permeasse a narrativa. Porque se você for ler o livro, isso *está* lá! Heathcliff é um personagem muito violento.

Quer dizer, falando assim parece que eu bolo estratégias dramáticas, mas nunca penso assim quando estou escrevendo. Por outro lado, quando escrevo roteiros dentro de um determinado gênero, a respeito do elemento criminoso, sinto-me atraído pela humanidade e pela ternura que existe dentro desses personagens, mesmo que essa humanidade seja conflitante com o fato de que a violência é a profissão desses personagens. No fundo, no fundo, qualquer pessoa que você encontrar numa prisão tem um coração, e isso costuma transparecer somente nas situações mais esdrúxulas.

Quando o personagem de John Travolta é visto pela primeira vez no filme, ele está saindo para dar cabo de uns caras: ele é um capanga pago para matar. Mas porque você passa a enxergar a história da perspectiva dele, até certo ponto você esquece aquele lado tenebroso e começa a ficar do lado dele. Você passa a gostar do cara – pode-se debater se você gostaria de tê-lo como vizinho, mas no curso da história ele ganha você no charme, porque ele é um cara muito

charmoso. Ele mesmo mostra esse lado, quando, antes de sacudir os caras, diz para Jules: "Vamos entrar no personagem".

Por que escolher Travolta para ser Vincent? Qual é o grande barato dele, para você?

Cresci assistindo Travolta em *Welcome Back, Kotter*, na TV. Lembro das origens dele: ele tinha sido ótimo em *Carrie*. Sempre fui um grande fã dele. E em *Um Tiro na Noite* ele estava magnífico, adorei John naquele filme. E nunca me esqueci. E, apesar do que os outros diziam dele, gostei muito dos filmes que John fez depois. Em *Perfeição* ele estava maravilhoso. Até acho que aquele filme deveria ser reavaliado. Sabe do que mais? Pode ser traçado um paralelo entre Vincent e aquele personagem de Travolta em *Perfeição*. Naquele filme, John faz um repórter da *Rolling Stone* que, vez por outra, se propõe a destruir as pessoas. Ele não é um jornalista neutro, ele quer deixar sua marca. Quando vai fazer a matéria sobre as academias de ginástica ele já tem um objetivo de arrasar com as academias.

PULP FICTION é o tipo de literatura impressa em revistas ou livros de bolso baratos vendidos em bancas; as tramas são banais, sensacionalistas, sombrias na abordagem do sexo e da violência

Ele é ótimo no que faz, mas você também acaba conhecendo a pessoa que ele é – você não gosta muito do personagem dele, mas responde ao lado humano dele. Nunca tinha pensado nisso, mas o paralelo até que funciona.

E o que você achou da série *Olha Quem Está Falando?*

Por mais que eu goste de John Travolta, nunca vi esses filmes quando eles saíram. Só vi o trailer do primeiro – e ele me pareceu a melhor coisa no filme. Acabei assistindo o primeiro antes de filmar *Tempo de Violência*. E sabe o que mais? Aquele personagem é a coisa mais próxima que já vi num filme do que John Travolta é na vida real. Ele é um gozador, um pateta.

Uma das estrelas dos seus filme são as falas. De onde você compila as histórias e os ritmos que você incorpora nelas? Ou é tudo imaginação?

O truque de se escrever boas falas é ter uma boa memória. E eu tenho uma memória muito, muito, muito, mas muito boa mesmo. Não que eu lembre de todos os diálogos (que ouvi ou de que participei na minha vida) *ipsis literis* – embora eu até consiga (*risos*). Mas você lembra de uma frase interessante, de um trocadilho interessante, de um jogo de palavras. Lembra de maneiras antigas, fora de moda, de se dizer determinadas coisas. E quando você está escrevendo, aquele vocabulário está todo à sua disposição. Quem me dera falar na vida real da maneira que meus personagens falam nos meus filmes. E não estou me referindo a palavrões, mas, sim, a frases fora de moda. Tem uma expressão que sempre uso nos meus filmes que quase ninguém sabe o que significa: "de acordo com Hoyll". Existe um livro chamado *O Livro Oficial das Regras de Jogos de Carta*, escrito por um cara chamado John J. Hoyll, ou coisa parecida. Toda vez que você está jogando cartas e tem uma dúvida quanto às regras, você recorre àquele livro e conclui que "de acordo com Hoyll...". E, no passado – não tanto agora –, a frase se tornou sinônimo de "agir conforme as regras".

SaMuEl L. jAcKSon
PrOCuRadÍSsIMo

Jules – o personagem de Samuel L. Jackson em *Tempo de Violência* – é um assassino de mão cheia, um capanga que defende ferrenhamente os interesses de seu chefe, e que inspira terror quando empunha sua arma e passa a declamar uma passagem da *Bíblia* antes de fuzilar sua vítima. Mas a primeira reação de Jackson ao se olhar no espelho caracterizado como Jules foi cair na gargalhada. "Eu nunca tive tanto cabelo assim na minha vida", diz Samuel, afagando os poucos pêlos que o salvam de uma calvície absoluta.

Jules é talvez o melhor papel de Samuel no cinema, possivelmente superando Gator, o memorável – e apavorante – *junkie* de *Jungle Fever*, e provavelmente o que tornará o ator mais visível em todo o mundo. Mas a galeria de personagens de Jackson inclui um quarto de século de trabalho no teatro antes de fazer a transição para o cinema, onde hoje é procuradíssimo, seja para fazer um cientista em *Jurassic Park*, seja para ser o líder comunitário Zeus Carver, o parceiro de Bruce Willis no recém-concluído *Die Hard: With A Vengeance*.

Samuel atribui muito do efeito de Jules sobre a platéia a Quentin Tarantino. "Ele é de uma honestidade e de um entusiasmo contagiantes", diz Jackson a respeito do diretor. "Nunca trabalhei antes num filme em que a equipe técnica fosse tão a fim de trabalhar quanto os atores; nunca estive num set onde a equipe técnica aplaudisse a cena no momento em que o diretor gritasse 'corta!'. É uma experiência rara: Quentin faz com que todo mundo – dos técnicos mais simples, ao contra-regra e diretor de fotografia – se sinta parte integral do trabalho".

Entrevista

JOHN TRAVOLTA

PALMAS DE OURO

Tempo de Violência acabou de ser exibido pela primeira vez em Cannes e John Travolta está participando de uma batelada de entrevistas. Tudo vai muito bem, até que Travolta se levanta, desculpa-se e desaparece de vista. Ele tinha ido chorar.

"Foi a melhor experiência da minha vida, algo que jamais será superado", lembra Travolta em Nova York, cinco meses mais tarde. "Mas chegou uma hora em que eu comecei a chorar, porque nunca tinha visto uma aprovação de 100% de um trabalho meu."

Palma de Ouro em Cannes, *Tempo de Violência* não apenas propagou a popularidade e o prestígio de Quentin Tarantino, como também ressuscitou a carreira de John Travolta, até então aparentemente relegada a papéis desanimados em filmes bem menos vistos que o clássico *Os Embalos de Sábado à Noite*.

E a associação Travolta/Tarantino não pára por aqui. "Ele virou uma espécie de conselheiro informal meu", diz Travolta, com seu sorriso contagiante. "Hoje é Quentin quem me diz o que fazer e o que não fazer."

Muito se falou da sua volta por cima, graças a *Tempo de Violência*. Você sentiu muita diferença de lá para cá, na qualidade de trabalhos que agora estão sendo oferecidos?

Essa "volta por cima", como você chamou, lembra um pouco o que foi para mim, cinco anos atrás, o primeiro da série *Olha Quem Está Falando*, em termos de sucesso. Mas agora os comentários têm sido mais elogiosos, porque *Tempo de Violência* tem uma credibilidade artística muito maior.

Comentou-se que, em princípio, você relutou em fazer o papel de um viciado em heroína. Por quê?

Foi assim que me senti, no princípio, mas ao analisar melhor a mensagem do filme, como um todo, percebi que Quentin não estava querendo glamourizar ou promover o uso de drogas. Cenas como a reação da personagem de Uma Thurman à overdose que ela sofre serviriam para desestimular as pessoas, e não fazê-las se

"Cenas como a reação da personagem de Uma Thurman à overdose fazê-las se interessar pela droga. A partir daí, então, tentei

TeMPo dE VioLÊncIa
eSCoLhaS CeRtaS

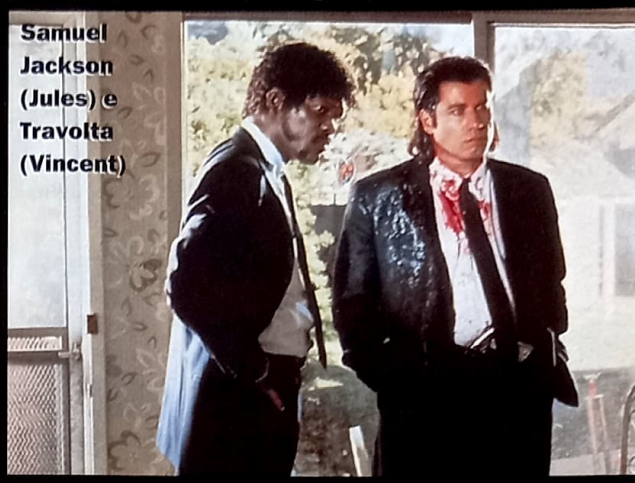
Bruce Willis e Maria de Medeiros em "The Gold Watch"

Uma e Travolta no episódio "Vincent Vega and Marsellus Wallace's Wife"

A genialidade maior de *Tempo de Violência* talvez nem esteja na estrutura do filme, mesmo porque há quem discuta a originalidade de Quentin Tarantino (e esse papo não é novo). Nem residiria nos diálogos carnudos, cheios de ritmo, ocasionalmente de velocidade vertiginosa, incorporando gírias de diferentes épocas, criando outras, diálogos que são, enfim, a base da narrativa do filme (algo sempre difícil e raro no cinema). O grande barato, pode-se dizer, é a maneira como Tarantino distribui os papéis de *Tempo de Violência*, entregando personagens complexíssimos a atores tidos em grande parte como superficiais e incapazes de mais do que um sorriso magnético e um andar atraente.

Ter John Travolta como Vincent Vega, o capanga-junkie-europeizado-fã-de-Modesty Blaise, é uma tacada de mestre tão grande quanto convocar Bruce Willis para ser Butch, o boxeador sem brilho e atormentado que aceita o suborno para entregar a luta mas muda de idéia na última hora. São dois ídolos pop despidos de sua bagagem cultural, transformados em excelentes atores.

Por outra, mesmo com Travolta e Willis se destacando num elenco repleto de grandes participações (em especial Ving Rhames, o agente secreto amigo de Kevin Kline em *Dave*, aqui no papel do a-pa-vo-ran-te gângster Marsellus Wallace), *Tempo de Violência* também pertence a Samuel L. Jackson. São dele os diálogos mais longos e mais substanciais e os olhos mais hipnotizantes e assustadores do filme. ***J.E.R.***



Samuel Jackson (Jules) e Travolta (Vincent)

Jackson, Travolta, Keitel e Tarantino em "Jules, Vincent, Jimmie end The Wolf", o episódio em que o diretor também atua

***Pulp Fiction*, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Quentin Tarantino ■ ROTEIRO: Quentin Tarantino e Roger Avary ■ FOTOGRAFIA: Andrzej Sekula ■ MÚSICA: Karyn Rachtman ■ Com John Travolta, Bruce Willis, Samuel L. Jackson, Uma Thurman, Harvey Keitel, Tim Roth, Maria de Medeiros, Rosanna Arquette, Christopher Walken ■ DISTRIBUIDORA: Columbia/Buena Vista ■ DURAÇÃO: 140 min.**

interessar pela droga. A partir daí, então, tentei ser o melhor viciado em heroína que poderia ser (*risos*).

Você também aparece bastante gordo em *Tempo de Violência* – algo notável principalmente na cena em que você e Samuel Jackson tomam um banho de mangueira. Não é algo marcante para um ator que era famoso também por seu corpo em forma?

Eu estava oito quilos mais gordo, mas havia um motivo. O personagem de Bruce (Willis) é um boxeador super em forma, então Quentin e eu achamos mais eficiente que eu tivesse mais uma pinta de capanga, de bandidão pesado. Isso não é um problema, é uma questão de ego. Se o papel exige que eu seja gordo, eu engordo. Se exige que eu seja magro, eu perco peso.

Você já trabalhou com inúmeros diretores ao longo de sua carreira. Qual é a sua avaliação de Quentin Tarantino como diretor?

Ele é, de longe, o diretor mais mágico com quem já trabalhei. E deve ser um dos mais espertos. O conhecimento que ele tem supera o de qualquer outro que eu conheça. Ele me lembra Robert Altman. E Brian De Palma, também, um pouco – e esses são os dois diretores mais talentosos que conheço.

De uns anos para cá, Os Embalos de Sábado à Noite virou cult. Isso pegou você de surpresa tanto quanto o resto das pessoas?

Olha, eu me surpreenderia se isso não tivesse acontecido. Porque, na época em que o filme saiu, os críticos mais importantes – como Pauline Kael e David Anson – diziam que esse tipo de coisa iria acontecer. Eles diziam que *Os Embalos de Sábado à Noite* seria representativo dos anos 70 da mesma maneira que *Rebelde Sem Causa* estava para os anos 50 e *Sem Destino* para os anos 60.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

que ela sofre serviriam para desestimular as pessoas, e não ser o melhor viciado em heroína que poderia ser (*risos*)"

TOLO DE OURO

- FILME
- ATOR
- DIRETOR
- ATOR COADJ
- ROTEIRO ADAPTADO
- FOTOGRAFIA
- MONTAGEM
- MAQUIAGEM
- SOM
- EFEITOS SONOROS
- EFEITOS VISUAIS
- TRILHA SONORA
- DIREÇÃO DE ARTE

Cada um enxerga o que quer no filme que virou mania nos Estados Unidos e rendeu uma das cinco maiores bilheterias de todos os tempos

Por Sérgio Rizzo

Quer agradar a um acionista da Paramount? Fale em Robert Zemeckis e Tom Hanks. Em seus quase 60 anos de vida, nunca o estúdio teve um êxito de bilheteria tão estrondoso quanto *Forrest Gump – O Contador de Histórias*, o mais recente sócio, ao lado de *O Rei Leão*, do exclusivíssimo clube que reúne as dez maiores bilheterias da história – uma confraria só para gente grande como *Parque dos Dinossauros* e *E.T.*. Não que a história da Paramount seja pobre de sucessos: saíram de lá as duas versões de *Os Dez Mandamentos*, *Love Story*, *O Poderoso Chefão*, *Ghost* e a trilogia *Indiana Jones*, só para citar os maiorais do estúdio. A ponta da lista coube, no entanto, ao apalermado Gump. O que ele tem que Michael Corleone, Moisés e Indiana Jones não tem?

Se a pergunta fosse feita à Warner em 1990, a resposta seria: nada. Naquele ano, depois de vários tratamentos de roteiro preparados pela produtora Wendy Finerman a partir do romance de Winston Groom, resolveu-se passar adiante, sem nenhum remorso, o projeto de *Forrest Gump*. O patinho feio caiu então no ninho da Paramount e o resto da história pode ser contabilizado em dólares (pouco mais de US$ 300 milhões de bilheteria nos Estados Unidos até o fechamento desta edição). Ainda mais surpreendente que o tilintar das caixas registradoras, contudo, foi a transformação de *Forrest Gump* em algo semelhante a uma dessas figuras de exame psicotécnico: cada um enxerga o que bem entende, e o que se entende é às vezes absolutamente contraditório.

"Eu já comunguei na igreja de Forrest Gump duas vezes e planejo beber do cálice novamente. Às vezes as pessoas esquecem que uma das propostas fundamentais do cinema é o entretenimento"

Julian Ketchum, crítico da *Empire*

Para uma boa parte da imprensa, Gump é um protótipo do americano comum idiotizado pela mídia nos últimos 40 anos. Nada, portanto, que mereça ser idolatrado. Ao contrário: sua ignorância caricatural a respeito da história dos EUA e sua subserviência inconteste a qualquer palerma que lhe pareça uma autoridade revelam traços nem um pouco engrandecedores do suposto "cidadão médio" que ele, em tese, estaria representando. Mas, para o grande público, Gump tornou-se uma espécie de herói cuja filosofia simplista marca o triunfo dos "humildes" contra os "espertos".

"Idiota é quem faz idiotice", a frase que o personagem repete a vida inteira para quem duvida de suas faculdades mentais, tornou-se o bordão do ano nos EUA. *Gumpismo – A Inteligência e Sabedoria de Forrest Gump*, antologia de "pensamentos" que Winston Groom escreveu a toque de caixa durante uma viagem de trem, sob encomenda da Paramount, vendeu logo de cara quatro edições. No Brasil, o "efeito Gump" produziu até uma analogia de dimensões presidenciais: bastou que Itamar Franco fosse assistir ao filme – sabe-se lá se por mera curiosidade ou a conselho de algum marketeiro do Planalto – para que publicações de todo o país despejassem caricaturas associando Forrest ao ex-presidente, aquele sujeito meio atrapalhado vindo de Juiz de Fora e que, desacreditado, baixou a inflação, ganhou o tetra e elegeu o sucessor. Quase uma versão tropical de Gump, apenas com a diferença de que o seu roteiro ainda está em aberto.

Ninguém melhor do que o pai da criança para confundir um pouco mais as coisas.

Winston Groom mostrou-se surpreso quando um repórter do *Los Angeles Times* perguntou-lhe se o sobrenome do personagem devia-se a uma velha gíria para designar pessoas estúpidas e abobadas. "Isso é uma novidade para mim", retrucou o escritor, um ex-repórter que garantiu ter se inspirado no nome de uma loja de San Francisco para batizar Gump. E, quando soube que a prefeitura de sua cidade natal, Mobile, decidira homenageá-lo dando o nome de seu personagem mais famoso a um edifício, Groom resumiu-se a aceitar de bom grado o convite para a inauguração. Como Woody Allen se sentiria caso uma escola pública do Brooklyn, num gesto carinhoso com seu ilustre ex-aluno, fosse rebatizada de "Leonard Zelig"?

É como a pequena obra-prima realizada em 1983 por Woody Allen, aliás, que *Forrest Gump* mais se assemelha. A começar pelo óbvio: o uso de trucagens para inserir o protagonista ao lado de personalidades em momentos históricos. Mas o que o fotógrafo Gordon Willis obteve na pura base do suor, trabalhando sobre a película, os técnicos da Industrial Light & Magic conseguiram através de computação gráfica – e, ainda que o cartão de visitas do filme de Zemeckis seja Tom Hanks ao lado de Kennedy, Johnson, Nixon e John Lennon, o efeito mais impressionante do ponto de vista técnico talvez corresponda ao "desaparecimento" das pernas de Gary Sinise.

"Dizer que Gump é limitado de inteligência não lhe faz justiça. Ele é um homem que tem fé em três coisas: Deus, a mamãe e a mulher que ele ama"
Tom Hanks, para a *Entertainment Weekly*

E, se em *Zelig* a trucagem servia de escada para uma erudita e estimulante paródia de gêneros cinematográficos como o documentário e a cinebiografia hollywoodiana, em *Forrest Gump* ela conduz apenas à expectativa pelo efeito em si, tipo "qual vai ser a próxima – será que agora ele vai encontrar O.J. Simpson com a arma na mão?". Num filme cuja estrutura dramática contraria alguns mandamentos da indústria norte-americana – por exemplo, a ausência de uma trama desenvolvida através de clímax sucessivos –, não seria demais afirmar que a espinha dorsal de *Forrest Gump* são os próprios efeitos e as situações inusitadas que eles "documentam" – com um personagem apalermado para justificá-las. O que, de qualquer maneira, não serve para explicar a *gumpmania*.

Quer agradar mesmo a um acionista da Paramount? Conte-lhe que Winston Groom já entregou o argumento de *Forrest Gump 2*.

SET

Forrest Gump perde

Chico Caruso/ O Globo

– Que história, seu Itamar!

No alto, uma das charges de Chico Caruso publicadas em série nas capas de *O Globo*

• ATOR
• ROTEIRO ADAPTADO

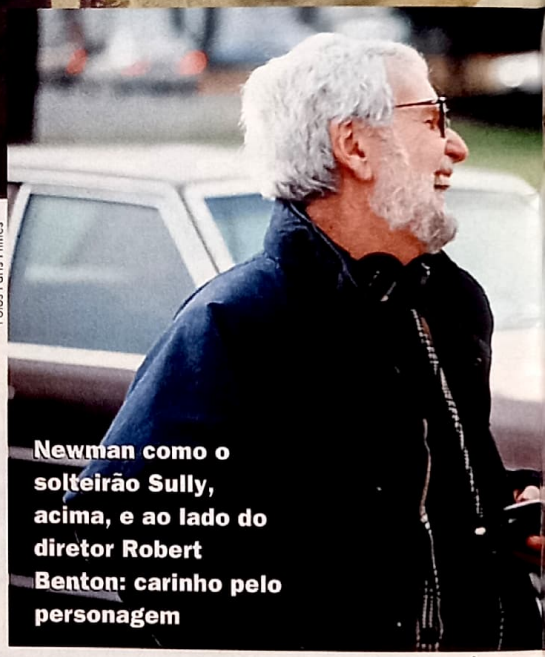
COMO UM JEANS FAVORITO

Paul Newman está perfeito no papel de um sessentão de sentimentos trancados num filme feito sob medida para a plenitude dos seus 70 anos de idade

Quando recebeu de presente uma cópia do livro *Nobody's Fool*, a reação inicial do diretor Robert Benton – o roteirista de *Bonnie & Clyde* cujo *Kramer vs. Kramer* garimpara cinco prêmios Oscar em 1979 – foi francamente negativa. Parecia-lhe impossível filmar a história.

"Comecei a ler", diz o diretor, "e logo deparei com o personagem de uma criança. Bom, só isso já é razão suficiente para não se fazer um filme. Páginas adiante, aparecia um cachorro! Ninguém em sã consciência vai querer fazer um filme que tenha um cachorro. E aí tinha neve também, e muitas cenas noturnas, e eu odeio varar a noite no frio".

"Mas no livro havia também um personagem chamado Donald 'Sully' Sullivan", arremata Robert, referindo-se ao protagonista da história, um operário sessentão, de bom coração, mas incapaz de desatar o nó que deu nas emoções, enquanto leva uma vida modorrenta e sem fogo numa cidadezinha eternamente coberta de neve, tristeza e frustração, onde convive com a ex-professora e atual governanta (Jessica Tandy, em seu derradeiro papel), um patrão sacana (Bruce Willis, absolutamente impecável) e a sofrida mas resignada mulher do patrão (Melanie Griffith, atuando como nunca antes). "Depois de ter lido dez páginas do livro concluí que só havia um homem no mundo capaz de fazer Donald. E esse homem era Paul Newman."



Fotos Paris Filmes

Newman como o solteirão Sully, acima, e ao lado do diretor Robert Benton: carinho pelo personagem

Benton estava certíssimo. Uma década mais velho que o personagem, Newman adequa-se ao papel "da mesma forma que seu jeans favorito cai tão bem em você", conforme reportou Lisa Schwarzbaum, resenhista da revista *Entertainment Weekly*. No desempenho que pode valer um Oscar

justo no inverno de sua carreira, ao filmar O *Indomável* Paul chegou a surpreender o próprio diretor.

"Acho que foi Dustin Hoffman quem disse que há coisas possíveis de se representar, e outras, impossíveis", lembra Robert. "Por exemplo, não acho possível 'representar' um senso de humor. Mesmo o melhor diretor do mundo será incapaz de extrair isso do melhor ator do mundo. Vai perto, mas não chega lá . O resto é uma questão de personagem. E chegou uma hora em que percebi que Paul Newman compreendia Sully melhor que eu; ele tinha um carinho e uma compaixão pelo personagem, a ponto de nunca se enxergar fora dele. Ele me fez acreditar que Sully estava vivo , que aquele Sully com quem eu sonhava toda noite estava ali na minha frente."

"E isso não se deu somente em O *Indomável*", conclui o diretor. "Existe algo em Paul, como ser humano, que a câmera descobre: é a melhor parte dos personagens que ele habita. É algo que você vê em incontáveis filmes que ele fez ao longo de sua vida: é a compaixão que ele sente pelas pessoas que representa."

José Emilo Rondeau

ENTREVISTA • PAUL NEWMAN

Em Busca de Algo Incomun

Dois anos atrás você disse que *Mr. and Mrs. Bridge* seria seu último filme. O que o fez mudar de idéia e abandonar a aposentadoria?

O sujeito que estava fabricando meu caixão atrasou, então tive mais um tempo livre. Falando sério, a razão foi o diretor Robert Benton. Havíamos trabalhado juntos, tentando fazer um script juntos, isso uns cem anos atrás, mas este script jamais viu a luz do dia. Mesmo assim, ficamos esperando a oportunidade de trabalhar juntos, até que surgiu esse filme, que aspira a algo incomum, por ser um filme sem explosões, sem um monte de cadáveres, em que a única cena de nudez ocorre num rápido instante e é feita de uma maneira refrescante. E o personagem, também: o filme, um estudo de uma cidadezinha pequena, é todo impulsionado pelo desenvolvimento emocional de Donald Sullivan, que passa de uma pessoa totalmente fechada para um homem aberto.

Uma seleção das faces bem-apanhadas do ator

Quais são seus critérios na hora de escolher o filme em que trabalhará?

Cada filme é objeto de um reexame desses critérios , mas não acho que faria um filme que tivesse muita violência gratuita. A não ser que o filme dependesse da violência para demonstrar quão indigna ela é.

Comentou-se que Robert Redford e você estariam para trabalhar juntos novamente.

Há vinte anos estamos procurando algo para fazer juntos, mas até agora, nada. São dois filmes muito difíceis de se superar (*Butch Cassidy* e *Golpe de Mestre*), e não queremos fazer nada menor. Se encontrarmos um bom filme , nós o faremos. J.E.R

SET

Nobody's Fool, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Robert Benton ■ ROTEIRO: Robert Benton, baseado no romance de Richard Russo ■ MONTAGEM: John Bloom ■ FOTOGRAFIA: John Bailey ■ MÚSICA: Howard Shore ■ Com Paul Newman, Jessica Tandy, Bruce Willis, Melanie Griffith ■ DISTRIBUIDORA: Paris Filmes ■ DURAÇÃO: 110 min.

FEMINISMO COR-DE-ROSA

A nova versão do livro de Louisa May Alcott foi açucarada em excesso

Você já viu esse filme antes – duas vezes antes, para ser mais exato. E ele era muito melhor em 1933, quando foi dado a Katharine Hepburn o papel da escritora Jo, na adaptação feita pelo diretor George Cukor do clássico da literatura de 1868, *Mulherzinhas*, escrito por Louisa May Alcott.

Agora, o mesmo papel é entregue a Winona Ryder, com Trini Alvarado (vista recentemente em *Babe* e no xaropíssimo *Stella*, outro remake), Clare Danes (conhecidíssima do público americano por sua participação no seriado de TV *My So-Called Life*) e Kirsten Dunst (a menina de *Entrevista Com O Vampiro*) formando o quarteto de irmãs deixadas sozinhas com a mãe (Susan Sarandon) na Nova Inglaterra, depois de o pai partir para lutar na Guerra Civil.

Não há diferenças radicais entre o filme original (indicado para o Oscar de Melhor Filme em 1933), a refeitura de 1949 (com Elizabeth Taylor, Janet Leigh, June Allison, Margaret O'Brien, Rossano Brazzi e Peter Lawford numa versão exuberante da MGM) e o novo filme. A dose de açúcar é a mesma: de dar dor nos dentes.

O diretor Gillian Armstrong e a roteirista Robin Swicord conseguem um tanto de atualização, acrescentando toques feministas que sublinham a busca de direitos iguais entre homens e mulheres nos Estados Unidos do século passado. Mas o que agora pode parecer até obrigatório e forçado teve momentos de genialidade quando Hepburn fez o papel de Jo.

Ofuscando o lado bonzinho demais da personagem, Katharine imprimiu uma força e uma determinação ao papel que deixa todo mundo imaginando se a tão propalada falta de bons papéis femininos dos dias de hoje se explica por uma pobreza de idéias, apenas, ou se a combinação de atrizes fortes com bons diretores resolveria, pelo menos em parte, o problema.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

Little Women, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Gillian Armstrong ■ ROTEIRO: Robin Swicord, baseado no romance de Louisa May Alcott ■ FOTOGRAFIA: Geoffrey Simpson ■ MONTAGEM: Nicholas Beauman ■ MÚSICA: Thomas Newman ■ Com Winona Ryder, Gabriel Byrne, Trini Alvarado, Susan Sarandon ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia ■ DURAÇÃO: 118 min.

Susan Sarandon, acima, como a mãe do quarteto de meninas; Winona faz a filha Jo, vista abaixo com Gabriel Byrne e, ao lado, com John Neville

95 LENDAS DA PAIXÃO

FAROESTE DE UM H

O nome Brad Pitt garante a bilheteria deste western da virada do século que narra a história de uma família americana mergulhada em conflito

- FOTOGRAFIA
- SOM
- DIREÇÃO DE ARTE

O diretor Edward Zwick escolheu um dos romances mais estimados entre os fãs do escritor Jim Harrison para criar o filme que, para surpresa de muitos, viria a dominar a bilheteria americana durante a passagem de 94 para 95 – o primeiro filme, vale dizer, a desbancar o incrivelmente popular *Débi & Lóide*, com Jim Carrey, da liderança.

Grande parte do sucesso de *Lendas da Paixão* pode ser atribuída a Brad Pitt. Não necessariamente às habilidades dele como ator, mas ao apelo de público gradativamente maior que Brad vem demonstrando filme após filme, e que atinge um pico nesta saga de uma família americana mergulhada em conflito na virada do século.

Não é exagero supor que a maior parte do público de *Lendas da Paixão* seja composto de mulheres, de fãs de Pitt. Tendo como fundo o campo indomado do Canadá – aqui posando de Montana – , Brad exibe todos os seus atributos físicos a quem quer que deseje se afogar na beleza do ator. Por ironia, trata-se de um texto macho criado por um dos escritores americanos mais machos de que se tem notícia, repleto de cenas violentas e hipermasculinas – como nos momentos em que Tristan, o personagem de Brad, retira o coração de um irmão morto para libertar-lhe o espírito.

Mesmo com sua cotação para o Oscar auxiliada pela indicação do filme para quatro Globos de Ouro (embora não tenha levado nenhum), *Lendas da Paixão* não foi poupado de malhos consideráveis dados pela crítica.

Janet Maslin, do *New York Times*, chamou o filme de "pitoresco", mas "exaustivamente oco", com desempenhos "atolados por música e ofuscados por uma visão de cartão postal do Oeste Americano". A revista *Entertainment Weekly*, por sua vez, achou o filme "fraco", um "faroeste inchado". No entanto, são comentários que dificilmente afastarão as fãs de Brad Pitt.

José Emilio Rondeau

OMEM SÓ

Saga Melodramática

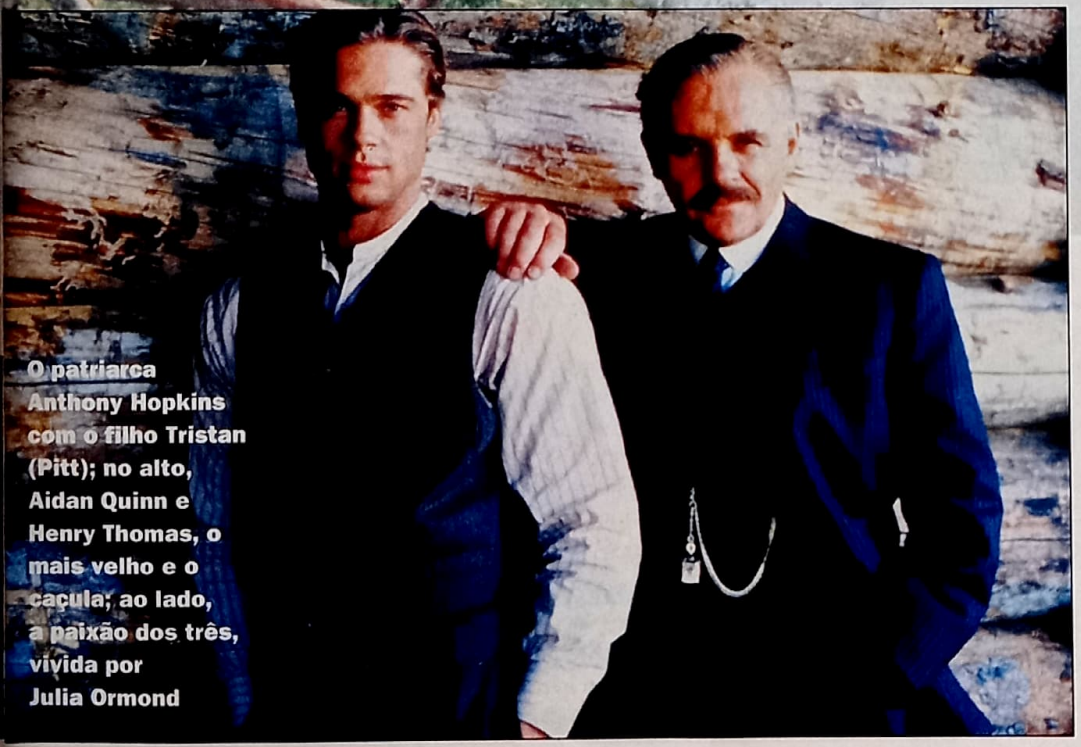
Para um filme com tantas pretensões, Lendas da Paixão *não passa de uma tolice empolada. O diretor Ed Zwick (o mesmo de* Tempo de Glória*) pode até ter mirado em "grande épico americano", mas acertou mesmo em "dramalhão folhetinesco".*

Centrada no conflito de uma família criada em meio às selvagens Montanhas Rochosas no começo do século, a história põe uma bela donzela (Julia Ormond) entre três irmãos (Aidan Quinn, o mais velho; Brad Pitt, o do meio; e Henry Thomas, o caçula). O mais moço casa com a donzela, mas todos os irmãos se apaixonam por ela – enquanto ela, por sua vez, cai de paixão pelo filho do meio, o caladão Tristan, que prefere aventuras em terras desconhecidas, os modos dos índios e o (então) indomado mundo da montanha à vida na cidade.

O caldo engrossa graças aos estragos que a guerra e a política impõem à família e por conta do amargor do chefe do clã (Anthony Hopkins), um ex-oficial da cavalaria desiludido com o amor (separou-se da mulher, que o trocou pela vida na cidade) e com as instituições de seu país.

Hopkins é desperdiçado do começo ao fim, até ser reduzido a uma vítima de derrame extremamente indecisa (a cada cena a parte deformada está de um lado diferente do corpo); Julia, apesar de belíssima, não faz mais que suspirar e enrolar os cachos nos dedos. Tristan, o grande herói, ao invés de transmitir seu espírito rebelde e atormentado, é quase catatônico. Erro da direção ou da escolha do ator? J.E.R.

Legends of the Fall, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Edward Zwick ■ ROTEIRO: Susan Shilliday, Bill Wittlif, baseado no romance de Jim Harrison ■ MÚSICA: James Horner ■ MONTAGEM: Steven Rosenblum ■ Com Brad Pitt, Anthony Hopkins, Aidan Quinn, Henry Thomas, Julia Ormond ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 134 min.

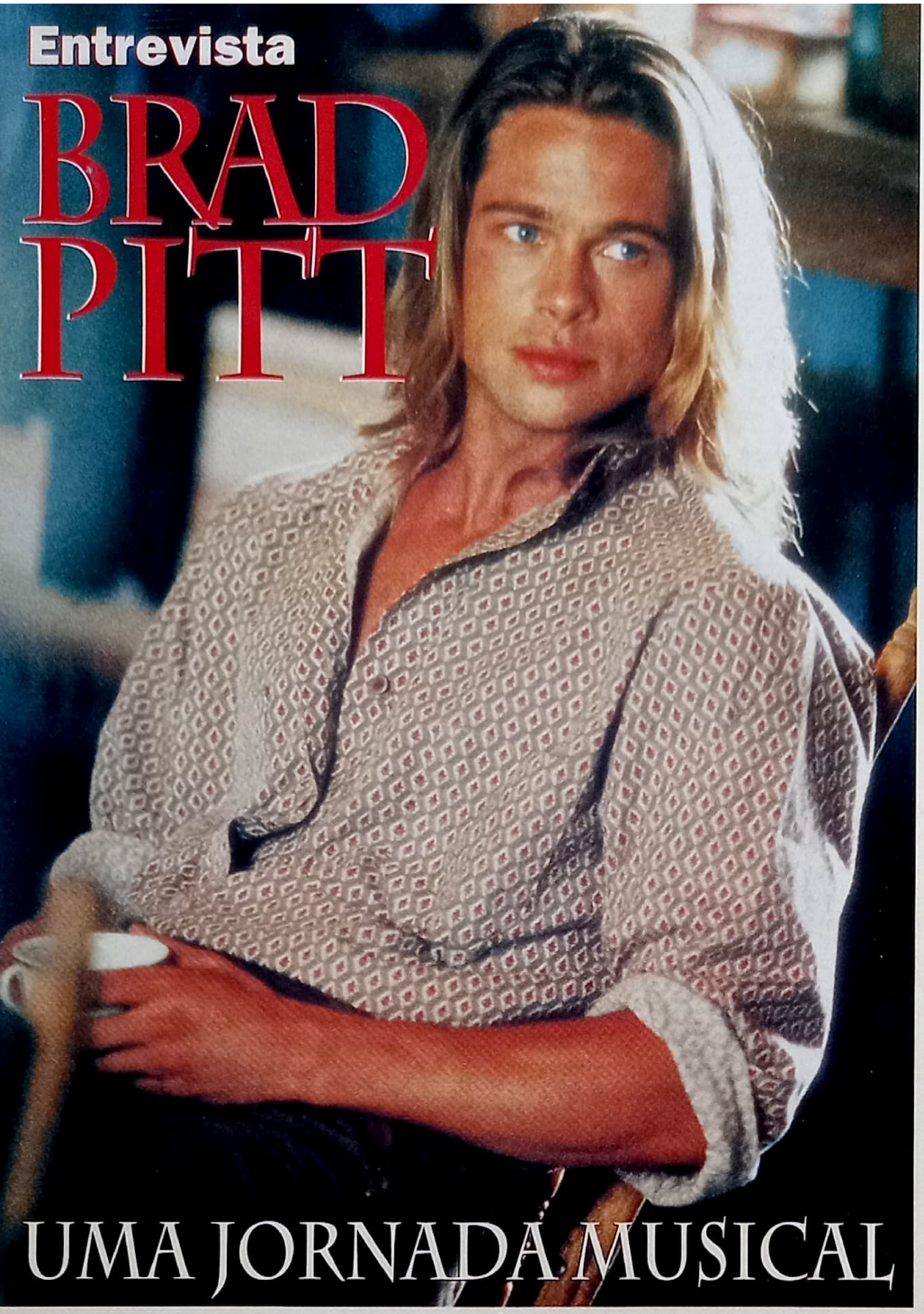


O patriarca Anthony Hopkins com o filho Tristan (Pitt); no alto, Aidan Quinn e Henry Thomas, o mais velho e o caçula; ao lado, a paixão dos três, vivida por Julia Ormond

Fotos Columbia TriStar

Entrevista

BRAD PITT



UMA JORNADA MUSICAL

Quem quiser saber como é Brad Pitt em pessoa, basta ir à videolocadora mais próxima e alugar uma cópia de *Thelma e Louise*. De todos os papéis que já fez, o caipira trambiqueiro mas irresistível, que vira a cabeça – e desarruma a cama – de Geena Davis talvez seja o que mais se aproxima de Brad. Não pela desonestidade do personagem, mas pela maneira como Pitt veste uma sensualidade natural, presente em cada gesto, e pela fala mansa, lenta, quase sonolenta. Enquanto recorda sua participação em *Lendas da Paixão* – o filme que pode ser o trampolim para Brad virar um superastro da estatura de um Tom Cruise – , Pitt cruza as pernas e vai afundando na cadeira, até achar a posição mais confortável.

O diretor Ed Zwick diz que você sempre havia sido a primeira escolha dele para ser Tristan em *Lendas da Paixão*. Além disso, disse que você sempre quis fazer esse papel. Por quê?

O livro em que se baseia o filme sempre esteve entre os meus favoritos – assim como Jim Harrison é um de meus escritores prediletos. Ed e eu vínhamos nos esbarrando ao longo dos anos quando soube que ele queria transformar o livro em filme. Por minha vez, eu estava fazendo a maior campanha para ganhar o papel, explicando por que eu deveria ser o escolhido. Mas naquela época o filme ainda estava bem longe de acontecer. Só uns dois anos mais tarde é que o estúdio topou fazer o filme, comigo no papel de Tristan, depois que Anthony Hopkins tinha embarcado no projeto.

O que você acha tão interessante na história e em Tristan para batalhar durante tanto tempo pela realização desse filme?

Em grande parte é a inquietação de Tristan. É como se você estivesse olhando para uma barrigada de cachorrinhos e, entre eles, cada um tem sua personalidade e cada um terá experiências únicas na vida. Tristan sente um tormento interno desde o início e só encontra a paz ao ar livre, no campo. Ele é incapaz de suportar os confrontos com seus familiares.

Algumas pessoas chamaram você de "o novo Robert Redford", argumentando que ele mesmo concordava com isso, tanto que o convidou para estrelar *Nada É para Sempre*...

Já me chamaram de tanta coisa (*risos*) ...

Neil Jordan diz que você lembra muito James Dean...

Talvez porque tenha atazanado tanto o pobre homem (*risos*). Pode-se até achar que isso é um elogio, mas o que você quer é encontrar sua própria identidade, porque os que tentam copiar os outros sempre fracassam. Nunca dá certo. Você precisa descobrir o que existe dentro de você.

E o que existe dentro de você?

Estou aprendendo enquanto trabalho. Infelizmente, todos os meus erros vêm sendo documentados em filme. Treinamento formal, mesmo, tive estudando com um homem chamado Ray London, hoje já falecido, mas que teve grande influência sobre mim. Qual é meu processo de trabalho? Seria mais fácil tentar explicar a você como chegar à Lua. Só sei que está comprovado que meu instinto é o que funciona melhor em mim. Na hora de começar um novo filme tento descobrir qual é a jornada do personagem . E ouço muita música antes de filmar uma cena.

J.E.R.

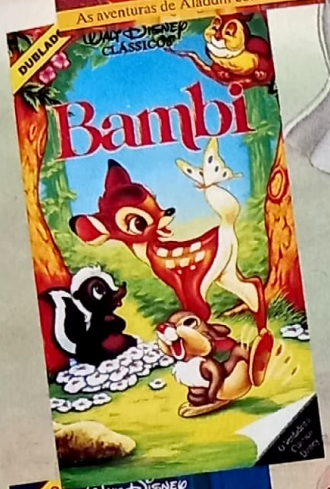
"Estou aprendendo enquanto trabalho. Infelizmente, todos os meus erros vêm sendo documentados em filme"

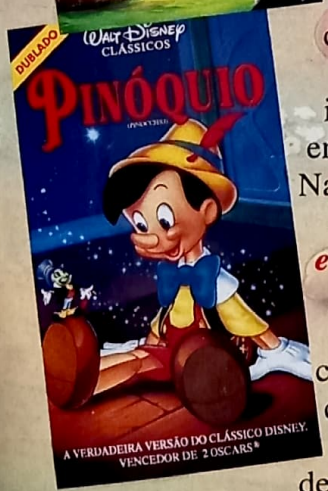
IRRESISTÍVEL RECORDAÇÃO

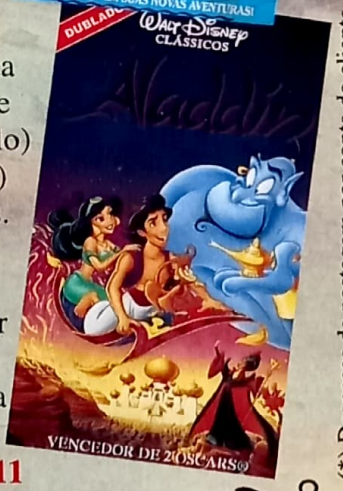
Branca de Neve e os Sete Anões

A primeira obra-prima de Walt Disney agora em vídeo.

R$ 25,00 CADA







Do famoso conto de fadas, um presente inesquecível que encantou gerações. Na **JOINTVIDEO**, ***Branca de Neve e os Sete Anões*** - o clássico que completa a sua coleção da Disney. Preencha o cupom ou peça pelo telefone qualquer fita e receba, sem demora, uma doce e irresistível recordação: em 24 horas (entrega gratuita para São Paulo e Grande São Paulo) ou via Sedex (*) para todo o País. Como ceder à tentação se você ainda pode pagar com o cartão de crédito? Tenha em casa para sempre Branca de Neve e seus amigos. Ligue já: **(011)290.0811**

(*) Despesas de postagem por conta do cliente.

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA

FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 25,00 cada: SET 93

☐ BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES ☐ O ANIVERSÁRIO DO PATO DONALD ☐ A PEQUENA SEREIA - EM HARMONIA

☐ ALADDIN ☐ O RETORNO DE JAFAR ☐ BAMBI ☐ PINÓQUIO Total do pedido____ fitas/Custo total R$____

Forma de pagamento:

- Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado
- Cartão de crédito - validade: __/__/__
  ☐ CREDICARD ☐ DINERS ☐ SOLLO ☐ AMERICAN EXPRESS ☐ VISA
  Nº do Cartão: ____

Nome: ____

R.G.: ____ C.I.C.: ____

End.: ____

Bairro: ____ Cidade: ____

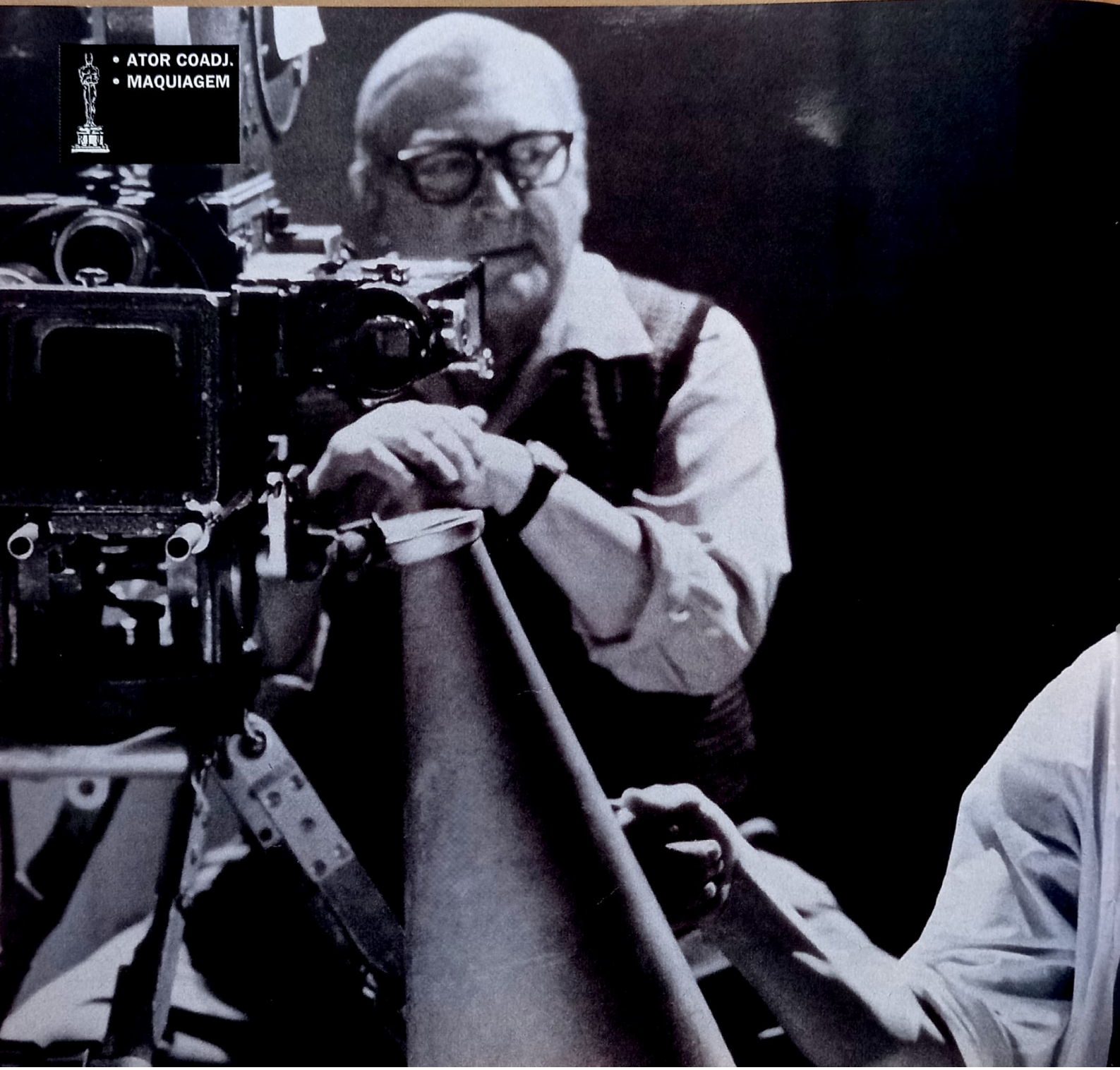
Estado: ____ CEP: ____ Fone: (__) ____

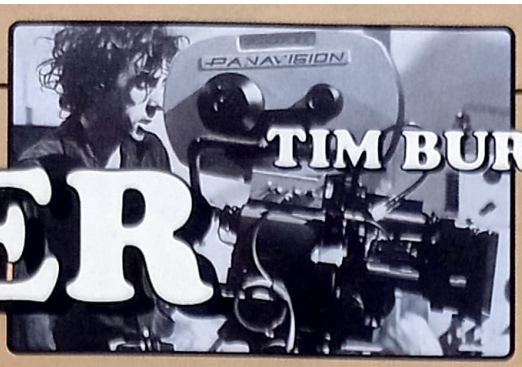
ASSINATURA ____

ED WOOD

A ARTE DE FA
FILMES RUINS

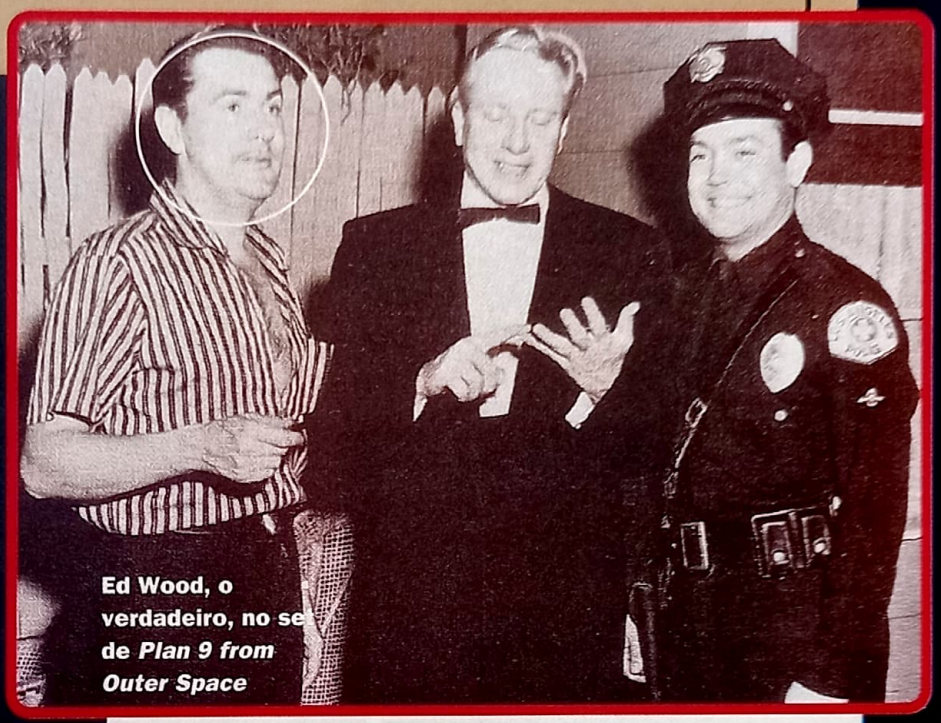
Por José Emilio Rondeau, de Los Angeles





ZER

TIM BURTON, NO SEU TRABALHO MAIS AUTORAL, CONTA A HISTÓRIA DO HOMEM QUE COMETEU COM ENTUSIASMO AS PIORES PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS QUE O MUNDO JÁ VIU



Ed Wood, o verdadeiro, no set de *Plan 9 from Outer Space*

Johnny Depp como Edward D. Wood Jr.

Fotos Columbia

Tim Burton estava desolado. Após meses de idas e vindas, seu projeto favorito soçobrava nos corredores da Sony Pictures, prestes a naufragar. A última reunião com Mark Canton – presidente do estúdio – tinha sido a pior até então, e prenunciava o inevitável. Ao ouvir que Burton pretendia filmar em preto-e-branco a cinebio de Edward D. Wood Jr., aclamado unanimemente em Hollywood como "o pior diretor do mundo", e criador de pérolas B como *Plan 9 From Outer Space* e *Glen or Glenda* (no qual Ed revelou ao mundo sua paixão pelo travestismo), Canton foi irredutível: ou Tim filmava em cores, ou a Sony colocava o filme em turnaround – vendia a cinebio a outro estúdio pela soma gasta na pré-produção. E fim de papo.

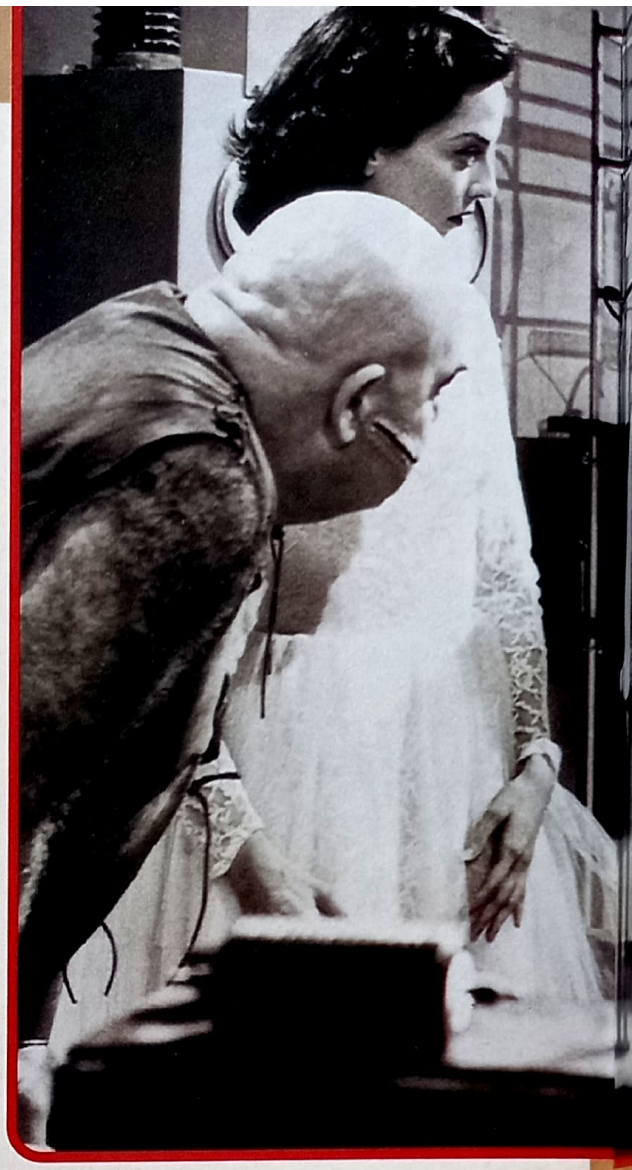
O papo, logicamente, não terminou por aí: diante do ultimato de Canton, Burton transferiu a produção de seu projeto para a Touchstone Pictures – a mesma subsidiária da Disney onde ele acabava de realizar o revolucionário clássico da animação em stop-motion, *De Tim Burton o Estranho Mundo de Jack* – e meio que voltou para casa. Afinal, foi na Disney que ele começara sua carreira, quando ainda era um garotão de Burbank, fã de filmes de terror, em busca de emprego no departamento de animação. E era lá onde, agora, Tim reerguia os alicerces de seu filme mais arrojado – e aquele em que Burton investia dedicação absoluta, por se tratar de seu *pet project*, o seu quindim.

ED WOOD

"Me identifico bastante com Ed Wood", diria Tim mais tarde, já durante as filmagens, "é lindo uma pessoa que faz o que mais ama fazer, por mais mal orientada que seja, e que mantém o otimismo diante de todos os problemas".

Superar obstáculos não é novidade para Tim, e ele vem demonstrando saber exatamente o tamanho da recompensa que o aguarda lá do outro lado: ele enfrentou a ira dos batmaníacos do mundo inteiro ao convocar Michael Keaton para ser o Cruzado de Capa e, assim, transformou o rentável franchise naquilo que hoje a Warner Bros. considera "nosso bem corporativo mais valioso". *Ed Wood*, no entanto, seria um risco bem maior. Burton iria homenagear um diretor/roteirista/ator cheio de boas intenções e de idéias até razoáveis, um homem obstinado, capaz de mover montanhas para realizar um filme, mas cuja obra cinematográfica ganhou notoriedade pela absoluta falta de qualidade técnica do produto final. E Burton prometia fazer o filme no estilo de Wood, reproduzindo cenas da filmografia de Ed: o prognóstico era de que o estúdio disposto a bancar Burton teria nas mãos um filme destinado ao culto de poucos (pacientes) maluquetes e/ou condenado a ser atração das inúmeras convenções de ficção científica que cruzam os Estados Unidos de Costa a Costa, ou se restringir ao *Mistery Science Theatre 3000*, o programa de humorismo cinematográfico que sacaneia inteligentemente gemas B como as de Ed Wood, as quais, aliás, passam sempre no programa.

Talvez Burton visse em Wood uma alma gêmea. Como Tim, Ed sempre foi um *outsider* – com a exceção de que a visão artística de Burton prevaleceu, fazendo dele um "marginal" com acesso e prestígio em meio aos círculos mais fechados de Hollywood. Wood, não: morreu aos 53 anos, em 1978, corroído pelo alcoolismo, escrevendo romances pornográficos para se sustentar.



Wood saiu da Pensilvânia com 17 anos de idade, alistou-se na Marinha e retornou da Segunda Guerra condecorado como herói – quem deu-lhe a comenda não devia saber que Ed combatia o inimigo vestindo calcinha e ligas de meia por baixo do uniforme. Terminada a guerra, ele arrumou emprego num circo – apresentando-se como uma criatura "meio homem, meio mulher" – e foi dar em Hollywood, onde pôs em ação os talentos dramáticos desenvolvidos desde pequeno (ele costumava fazer filmes caseiros com uma câmera de Super-8) e escreveu, produziu e dirigiu sua primeira peça de teatro, *The Casual Company* – encenada, com sucesso, em Burbank, cidade-natal de Tim Burton. Ed também fazia um papel na peça.

A partir dali, no entanto, Ed transferiria todo seu interesse para o cinema, levantando fundos sozinho com investidores quando não conseguia interessar estúdio algum em seus projetos (ou seja, sempre), e construindo em torno de si uma claque dedicada de colaboradores, todos igualmente marginais – como Vampira, ex-apresentadora de um programa de TV, dona de uma cinturinha de 10 centímetros, e na qual a atual Elvira baseia muito de sua personagem; Tor Johnson, um ex-lutador de telecatch mais notável por seu físico e suas feições de ogro; John "Bunny" Breckinridge, que sempre ameaçava (sem jamais cumprir a promessa) se submeter a uma operação transexual; o "paranormal" charlatão Criswell, também egresso da TV; e o mais famoso de todos do grupo, Bela Lugosi, caído em desgraça em Hollywood e a essa altura escravo da morfina.

Wood acolheu Lugosi, dando-lhe os papéis principais de quase todos os seus catorze filmes, muitos deles resultado da costura artesanal de pedaços de documentários com cenas em que Bela aparecia, tudo interligado miraculosamente pela mais tênue "história".

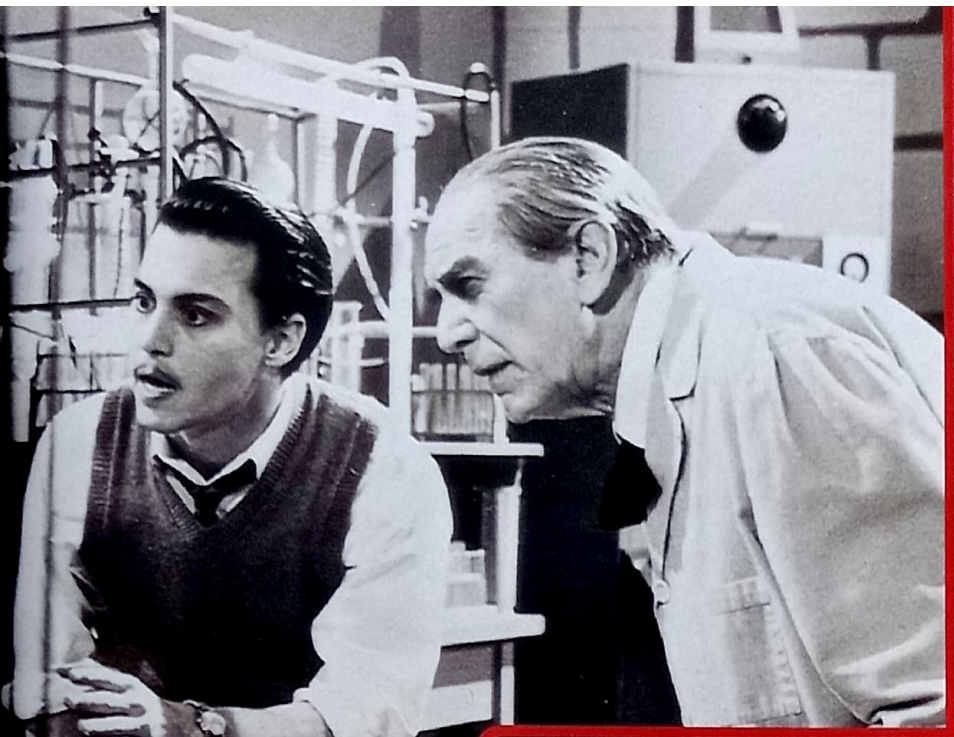
E aqui, também, há outra coincidência ligando Burton a Wood. Assim como Ed, Burton passou parte de sua carreira adorando seu maior ídolo – Vincent Price – e trabalhando com ele – Price narrou o curta *Vincent*, sobre um Frankenstein canino, e depois ganhou o papel de cientista louco em *Edward Mãos de Tesoura*.

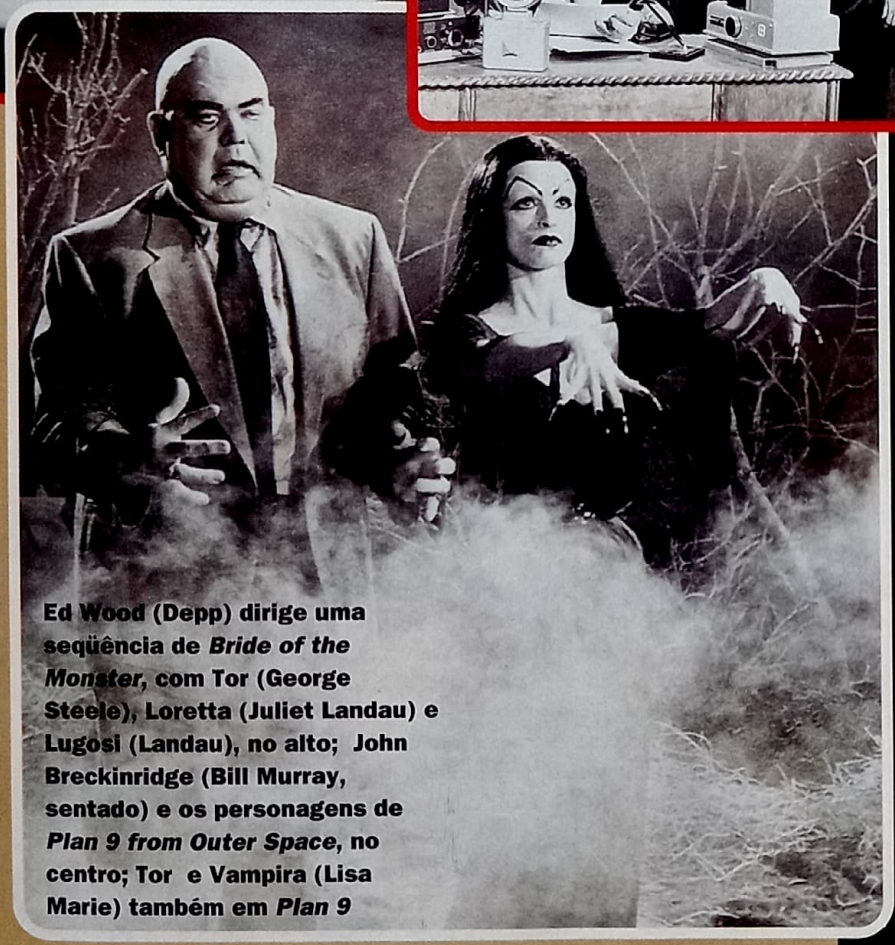
Daí ser mais que compreensível quando Burton diz que não pretendeu usar Ed Wood "para gozar de ninguém. Me importo com esses personagens. Eles são tristes, engraçados e patéticos, tudo ao mesmo tempo".

Wood assina o contrato para direção de *Bride of the Monster*, com Lugosi, em 1955

•A FILMOGRAFIA DE ED WOOD•

Glen or Glenda? – I Changed My Sex (Wood é um travesti com medo de confessar a opção à namorada - 1952), ***Bride of the Monster*** (Cientista cria super-homens com energia nuclear - 1953), ***Jail Bait*** (Tentativa de filme *noir* baseado em *O Terceiro Homem* - 1954), ***Plan 9 From Outer Space*** (ETs ressuscitam cadáveres para conquistar a Terra - 1959), ***Night of the Ghouls*** (Não foi lançado na época porque Wood pendurou a conta do laboratório; é uma continuação de *Bride of the Monster* - 1960), ***The Sinister Urge*** (Pornógrafo fica louco e inicia onda de matança - 1961), ***Necromancy*** (Sexo explícito em que Wood é bruxo - 1972), ***Encyclopedia of Sex*** (Filme rodado em 8 mm - 1974).





Ed Wood (Depp) dirige uma seqüência de *Bride of the Monster*, com Tor (George Steele), Loretta (Juliet Landau) e Lugosi (Landau), no alto; John Breckinridge (Bill Murray, sentado) e os personagens de *Plan 9 from Outer Space*, no centro; Tor e Vampira (Lisa Marie) também em *Plan 9*

ED WOOD

UM ELOGIO DO ENTUSIASMO

Ed Wood é o filme mais pessoal de Tim Burton, uma ode à obstinação do artista diante dos obstáculos mais ameaçadores, uma homenagem à determinação de todo e qualquer cineasta.

Nele, Tim apresenta um mundo de artistas, boêmios, visionários e charlatães, todos marginais, todos pretendentes ao prêmio máximo oferecido por Hollywood – a fama e a fortuna sem restrições –, todos liderados por um roteirista/diretor/produtor de um entusiasmo infinitamente superior a sua capacidade de realizar bons filmes. E todos fadados, irremediavelmente, ao fracasso absoluto.

Na hora de fazer filmes, o personagem-título (Johnny Depp) é capaz de motivar toda a sua equipe mínima de técnicos e atores, mas não consegue fazer muito mais que ficção científica onde os discos voadores parecem claramente pratos pintados de prateado e suspensos em fios, os atores teimam em tropeçar no "chão" de pano enrugado que imita a geografia de um cemitério, e um laboratório lembra demais uma cozinha repleta de utensílios nada científicos. Depp saboreia o personagem com o devido regozijo, alternando-se entre o bobalhão e o visionário.

O melhor do filme, no entanto, é Martin Landau. Ele dá uma interpretação transbordando de dignidade a um personagem rico em tragédia, Bela Lugosi. Ele é simplesmente hipnotizante toda vez que surge na tela.

Ed Wood, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Tim Burton ■ ROTEIRO: Scott Alexander, Larry Karaszewski, baseado no livro *Nightmare of Extasy: The Life And Art of Edward D. Wood Jr.*, de Rudolph Grey ■ FOTOGRAFIA: Stefan Czapsky ■ MONTAGEM: Chris Lebenzon ■ MÚSICA: Howard Shore ■ Com Johnny Depp, Martin Landau, Sarah Jessica Parker, Patricia Arquette ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia/ Buena Vista ■ DURAÇÃO: 124 min.

JOHNNY DEPP
APRENDENDO NA VELHA ESCOLA

Você está numa posição privilegiada dentre os atores de sua geração, tendo trabalhado com alguns dos grandes do cinema, como Marlon Brando e Vincent Price, enquanto constrói uma carreira nada ortodoxa. Você consegue aprender muita coisa com os veteranos?

Essas pessoas me inspiram. Martin Landau, por exemplo, foi muito importante para mim porque ressuscitou meu amor por esse trabalho, pela representação. Ele rejuvenesceu algo que estava morrendo lentamente dentro de mim. Marlon Brando, também, foi muito, muito importante. Achem o que acharem dele – ou do "mito Marlon Brando" – , o cara é o brilhantismo multiplicado por um milhão. Talvez seja o maior comediante que já conheci.

Como assim, Martin ressuscitou seu interesse pelo trabalho de ator?

Martin Landau é um mestre! Era impressionante vê-lo se transformar na minha frente, virar Bela. Entre um take e outro, ficávamos conversando, ele maquiado e com maneirismos completamente diferentes dos de Lugosi, e de repente Tim gritava "ação!" e ele mergulhava no personagem. Eu me perdia, só de ficar olhando ele trabalhar.

Que tal usar roupas de mulher?

Fica mais fácil encontrar o personagem quando você perde mais e mais de si próprio utilizando maquiagem ou camadas de roupa. No caso de *Ed Wood* , usei também dentadura postiça, o que me deu um sorriso parecido com o do gato Cheshire de *Alice no País das Maravilhas*.

Além disso , adquiri um respeito maior ainda pelas mulheres e pelos travestis, principalmente pelos travestis, por que o que eles precisam manipular e esconder não é brincadeira.

J.E.R.

MARTIN LANDAU
UM AR DE DIGNIDADE

Como se consegue fazer um personagem como Bela Lugosi não deixando que a caracterização descambe para a caricatura ou para a paródia?

Quando li o roteiro, disse "meu Deus! Quantas armadilhas". Na verdade, nem sabia por onde começar. Conheço Lugosi desde que eu era criança – ele me apavorava! – , cresci vendo os filmes dele. Quis dar a ele um ar de dignidade.

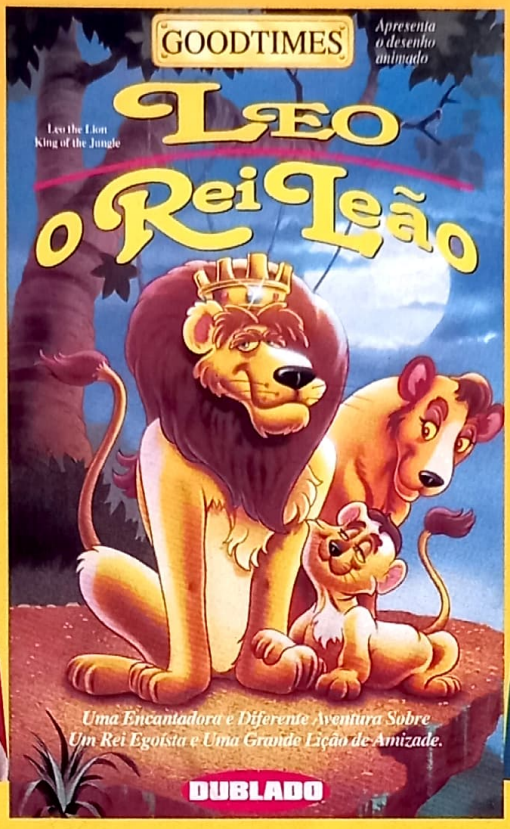
Começamos fazendo testes de maquiagem, porque – eu disse isso a Tim Burton – se a maquiagem não funcionasse, se fosse "Martin Landau usando uma máscara de Bela Lugosi"... aí virava Dia das Bruxas (*risos*). Pois foi uma experiência estimulante, porque estávamos embarcando numa aventura sem saber no que ela ia dar. Fizemos os testes no estúdio do maquiador Rick Baker, onde tem uma estátua em tamanho natural de Boris Karloff: quer dizer, fui maquiado vendo no espelho Boris atrás de mim (*risos*). A "maquiagem" consistia de um nariz postiço, mais um cuidado com o lábio superior – o dele é finíssimo, enquanto que o meu é abundante, se você perceber bem – , uma fenda no queixo e uma atenção às orelhas – Lugosi parecia o Dumbo. Fizemos o teste de câmera sem som: se fosse possível me assistir durante 45 minutos sem som e acreditar que eu fosse Lugosi, estava dando certo. Para mim o teste funcionou 10% apenas. Mas para Tim foi de 30 a 40%. O mais interessante é que o teste foi rodado originalmente em filme colorido. Mas, assistindo ao trabalho nos monitores preto-e-branco usados para video-assist, Tim e eu optamos por fazer todo o filme em P&B.

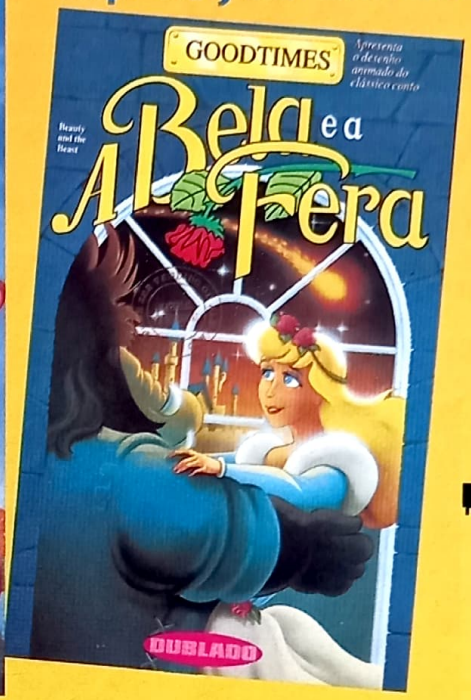
J.E.R.

ESPERAR É DOSE PRA LEÃO!

O reino de fantasia que seu filho sempre sonhou

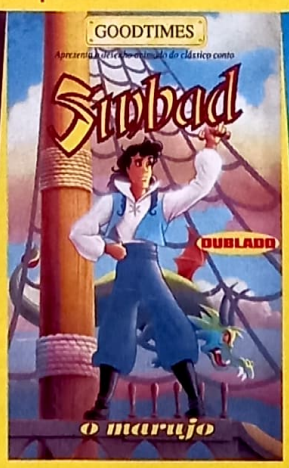
Peça já R$ 18,00 cada





ÊNFASE COMUNICAÇÕES

A JOINTVIDEO leva até você (*), sem demora, os melhores filmes infantis da Goodtimes. Um autêntico manual de sobrevivência na selva, para sossegar os leõezinhos que cada um tem em casa.



(*)Entrega gratuita, de moto, para São Paulo e Gde. São Paulo.Para as demais regiões do País, remessa via Sedex, com despesas por conta do cliente.

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . ERÓTICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA

FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 18,00 cada: SET 93

☐ LEO - O REI LEÃO ☐ A BELA E A FERA ☐ O QUEBRA NOZES ☐ A POLEGARZINHA ☐ SINBAD - O MARUJO ☐ PINÓQUIO
☐ ALADDIN ☐ OS TRÊS MOSQUETEIROS ☐ A PEQUENA SEREIA Total do pedido____ fitas/Custo total R$____

Forma de pagamento:
- Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado
- Cartão de crédito - validade: __/__/__
☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão: ____

Nome: ____
R.G.: ____ C.I.C.: ____
End.: ____
Bairro: ____ Cidade: ____
Estado: ____ CEP: ____ Fone: (___) ____
ASSINATURA ____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

95 NELL

• ATRIZ

MOWGLI PARA GENTE GRANDE

Jodie Foster investe em um novo projeto autoral interpretando uma mulher criada longe da civilização

Fotos Fox

Nada mais difícil que escolher e realizar um segundo projeto quando o primeiro, a estréia, foi considerado surpreendente. Esse é o impasse que Jodie Foster pretendia solucionar com *Nell*. Atriz consagrada desde a adolescência, Jodie debutou na direção em 1991 com o original e meticuloso *Mentes que Brilham*, em que também vivia a despreparada mãe de um menino superdotado. Colheu os louros, realizou outros tantos trabalhos como intérprete (entre os quais a agente federal de *O Silêncio dos Inocentes*, que lhe deu o Oscar) e deixou público e membros do *métier* na expectativa. Agora, em seu segundo lance autoral, Jodie escolheu um caminho diferente: atuar e produzir, deixando a direção a cargo de Michael Apted.

Apted, porém, não é aqui apenas um *ghost director*. A primeira lembrança que vem à mente quando se começa a assistir *Nell* é de um outro filme seu, *Nas Montanhas dos Gorilas*, em que a antropóloga Sigourney Weaver dava duro para salvar um bando de gorilas da extinção. Também em *Nell* há uma "criatura" a ser salva: a mulher do título, criada em total isolamento desde a infância e dona de um idioma único e peculiar (que, aliás, soa como um caso gravíssimo de sotaque caipira).

Quando, após a morte de sua mãe, Nell é encontrada numa cabana perdida em meio aos idílicos bosques e montanhas da Carolina do Norte, começa a travar-se uma batalha. De um lado está a tolerância, expressa na figura do médico Jerome Lovell (Liam Neeson, em seu primeiro trabalho depois de *A Lista de Schindler*) e sua crença de que Nell não precisa e não deve ser "resgatada". No outro extremo está a ambição, representada pela psicóloga Paula Olsen (Natasha Richardson), para quem Nell não é autosuficiente e muito menos capaz de se defender do avanço da civilização – inevitável quando se anuncia a descoberta desta mulher "selvagem".

Preservar a natureza de Nell ou conduzi-la como um troféu a uma unidade psiquiátrica? Enquanto buscam um meio-termo entre esses opostos e tentam compreender essa estranha mulher, Jerome e Paula são levados a alterar a imagem que fazem de si próprios. O diretor Apted traduz esse processo de conhecimento nas feições de Nell, cada vez mais nítidas, e em sua língua, que progressivamente ganha contornos mais próximos ao do inglês e torna-se quase inteligível.

Mas o pivô do filme – o triunfo da pureza e da inocência – é também o terreno mais pantanoso a atravessar. É quase impossível afastar aquela sensação de que se está vendo uma versão do "bom selvagem" de Rousseau, ainda que a interpretação humana e emocionada de Liam Neeson e a superioridade técnica de Jodie Foster ajudem a dar veracidade à história.

Isabela Boscov

SET

Nell, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Michael Apted ■ ROTEIRO: William Nicholson e Mark Handley, baseado na peça *Idioglossia*, de Handley ■ MONTAGEM: Jim Clark ■ FOTOGRAFIA: Dante Spinotti ■ MÚSICA: Mark Isham ■ Com Jodie Foster, Liam Neeson, Natasha Richardson, Richard Libertini, Nick Searcy, Robin Mullins ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox ■ DURAÇÃO: 113 min.

Entrevista
JODIE FOSTER
O Idioma da Aproximação

Como foi a criação e desenvolvimento da língua falada por Nell?

Trabalhamos juntos, eu, o roteirista e a produtora Renee Missel. Foi um longo processo, porque a linguagem pode ser usada para distanciar as pessoas, quando no caso de Nell você precisa utilizar a linguagem para descobrir quem é Nell, de onde ela é, quem ela amou, quais são suas motivações. Então era importante arquitetar a linguagem levando vários fatores em conta: quais são as diferentes influências da língua falada por Nell, como cada uma delas é articulada na fala, por que ela arrasta as consoantes, por que ela chama isso ou aquilo por tal nome.

Não é difícil se concentrar para falar daquele jeito?

Depois que você estruturou tudo, quando gritam "ação!" passa a ser algo que não exige o menor esforço – é uma linguagem bastante física e emocional. É algo que me fascina, porque conheço e falo quatro línguas – francês, italiano, espanhol e inglês – e desde pequena me interessa analisar as diferenças e semelhanças entre uma língua e outra, o porquê de o "a" soar de um jeito numa língua e de maneira diferente em outra.

Sua estréia como diretora foi *Mentes que Brilham*, protagonizado por uma criança fora do comum, isolada do resto do mundo. Agora, em *Nell*, você representa uma mulher criada à margem do mundo. Por que você se interessa por esse tipo de personagem?

Porque personagens assim desafiam nossa compreensão. Adoro filmes cujos primeiros vinte minutos nos fazem formular perguntas: "Ela é autista?", "Ela é um bicho selvagem?", "Ela é retardada?".

J.E.R.

Nell (Jodie Foster) reconcilia o casal de cientistas (Natasha Richardson e Liam Neeson), na página oposta; à direita, o personagem recorda uma cena da infância, em que dança com a irmã-gêmea

PRÊT-À-PORTER

Robert Altman erra a mão no seu ambicioso painel fashion e faz um filme vazio, em clima de comédia de boulevard

Ironia do destino: *Prêt-à-Porter*, o espera do 30º longa-metragem de Robert Altman – que deveria estar para o mundo da moda como *O Jogador* está para Hollywood – tem problemas de costura. Faltou, sobretudo, arremate no ambicioso painel fashion que o diretor de *M.A.S.H.* planejou por dez longos anos. Mas ele, com certeza, sabia que não ia ser fácil.

Reunir uma penca de estrelas – do cinema e da moda – em uma produção americana rodada em Paris, durante o corre-corre insano da apresentação das coleções de prêt-à-porter, falada em inglês, francês, italiano e espanhol (exatamente duas frases e meia pronunciadas pela feiosa almodovariana Rossy De Palma), não é para qualquer um. Mas se enquadra perfeitamente na fórmula vitoriosa que Altman mostrou saber dominar como ninguém em suas obras-primas, *Nashville* e *Short Cuts*. Histórias paralelas que parecem não ter nada a ver uma com as outras mas se "esbarram" e conduzem o espectador por um "carrossel de emoções".

Em *Prêt-à-Porter*, talvez influenciado pela *féerie* parisiense e pela aparente superficialidade do tema, Altman se decidiu pelo clima comédia de boulevard. O roteiro, pródigo em escorregões, flagrantes amorosos, encontros e desencontros, situações ridículas e qüiproquós variados, poderia muito bem ter saído daquelas farsas escritas por Georges Feuydeau no início do século. Senão vejamos: todo o filme gira em torno da morte acidental – asfixia por um sanduíche de *jambon* – de Olivier de la Fontaine (Jean-Pierre Cassel), presidente da Câmara Sindical de Alta Costura, em uma limusine presa no trânsito sobre a ponte Alexandre III. Como testemunha, apenas um misterioso e atrapalhado italiano vindo de Moscou (Marcello Mastroianni). A viúva de la Fontaine, Isabella (Sophia Loren), perua de alto coturno que carrega um insuportável poodle a tiracolo, vibra com o acontecimento. Já a amante do falecido, a estilista Simone Lowenthal (Anouk Aimée), é quem recebe as condolências dos amigos criadores de moda enquanto tem que alinhavar mais uma nova coleção e ficar de olho nos problemas financeiros de sua grife, mal administrada pelo filho mulherengo Jack (Rupert Everett).

Enquanto isso, Kitty Porter (Kim Basinger, de longe a mais à vontade de todo o grande elenco), repórter de TV loura, bela e meio debilóide, vai invadindo os desfiles e bastidores das coleções. Sempre acompanhada de perto por uma assistente muda e eficientíssima (Chiara Mastroianni). Nesse entra-e-sai, vemos os criadores de moda (Forrest Whitaker e Richard Grant), as velhas e sambadas harpias da imprensa (Lauren Bacall, Linda Hunt, Tracey Ullman e Sally Kellerman), a jornalista investigativa (Lili Taylor), o fotógrafo sem escrúpulos (Stephen Rea), os policiais trapalhões (Jean Rochefort e Michel Blanc), os novos-ricos americanos (Lyle Lovett, Danny Aiello e Teri Garr) e um improvável casal de jornalistas (Tim Robbins e Julia

Altman e Kim, nas filmagens em Paris, acima; Kim, como a repórter Kitty Porter, entrevista as editoras de moda vividas por Linda Hunt, Tracey Ullman e Sally Kellerman, à esquerda; e abaixo, com Christian Lacroix; à direita, Sophia Loren despe-se para um Marcello Mastroianni refletido no espelho

Fotos: Columbia Buena Vista

Roberts) que, na falta de coisa melhor para fazer depois que sua bagagem sumiu, bebe muito champanhe e transa o tempo todo. Ha, ha, ha! Todo mundo parece se divertir muito: Altman, os atores e o público. Mas, e daí?

Onde está a crítica ácida ao comportamento autodeslumbrado e auto-referente do *showbiz*, que colocava o universo mesquinho da música country & western em seu devido lugar, em *Nashville*?

Cadê o cinismo e o cruel jogo de aparências e de poder que tornava *O Jogador* tão irresistível?

E, principalmente, que destino levou o talento sensível do diretor para retratar pequenas tragicomédias humanas, que nos deixou sem fôlego em *Short Cuts*?

Alegar que o mundo da moda não tem a mesma riqueza dos outros universos virados do avesso por Altman, não vale. A tirania glamourosa e o luxuoso cabo de guerra que envolve estilistas, modelos, fotógrafos, maquiadores, cabeleireiros, compradores, relações públicas, editores e produtores de moda têm suficientes doses de drama, comédia e absurdo para render senão uma obra-prima, pelo menos um filme barulhento, caótico e fascinante como foi M.A.S.H., com seus hilários diálogos sobrepostos soando como um rádio com defeito cheio de interferências.

Outra grande falha do filme – talvez a principal – é que faltam em cena as top models, as maiores estrelas dessa descabelada fogueira das vaidades. Não há nenhum personagem inspirado pelas Lindas (Evangelista), Claudias (Schiffer), Naomis (Campbell) e Christie (Turlington), mulheres belíssimas e bidimensionais que, nos últimos tempos, roubaram a cena das estrelas de cinema. Dessas, apenas a dinamarquesa Helena Christensen dá o ar da graça em algumas cenas – e no cartaz do filme e na capa da trilha sonora. A briga das duas irmãs modelos pelo amor do cafajeste vivido por Rupert Everett não chega realmente a interessar a ninguém, dentro ou fora do filme.

Altman investiu em algo que o fascina, mas com o qual não tem a menor intimidade. E, pior de tudo, na dúvida, ele preferiu refazer Robert Altman. A mais terrível das armadilhas na qual pode cair um cineasta – vide Fellini fazendo Fellini no grotesco e chato *Cidade das Mulheres*. Mas, ele vai, aos trancos e barrancos – como todos os personagens do filme –, e consegue chegar a um final irônico e elegante. E só faltou subir na passarela para receber os aplausos, como fazem os criadores no encerramento de cada desfile.

Tudo bem, podemos assistir *Prêt-à-Porter* sem maiores problemas como uma comédia estritamente da moda. Ou seja, um filme que está na crista da onda hoje, mas que vai parecer terrivelmente *demodé* na próxima estação.

Prêt-à-Porter, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Robert Altman ■ ROTEIRO: Robert Altman, Barbara Shulgasser ■ MONTAGEM: Geraldine Peroni ■ FOTOGRAFIA: Pierre Mignot, Jean Lepine ■ MÚSICA: Michel Legrand ■ Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni, Julia Roberts, Tim Robbins, Kim Basinger, Stephen Rea, Anouk Aimée ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia/Buena Vista ■ DURAÇÃO: 132 min.

Mário Mendes

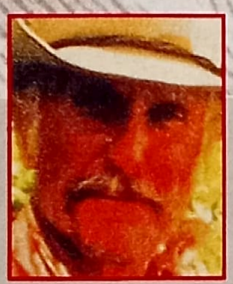
* Mário Mendes é redator-chefe da revista de moda *ELLE*

VAMOS VER SE VOCÊ É BOM NO GATILHO. SAQUE RÁPIDO!

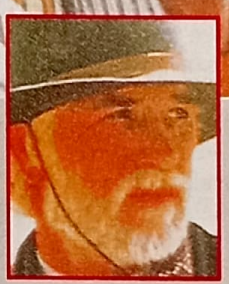
"Com certeza será o maior western já realizado."
-Houston Chronicle

"Tão bom que vai fazer você vibrar."
-Miami Herald

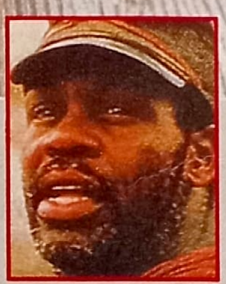
"Este filme oferece mais diversão do que qualquer outra coisa em vídeo."
-Leonard Maltin
ENTERTAINMENT TONIGHT



ROBERT DUVALL



TOMMY LEE JONES



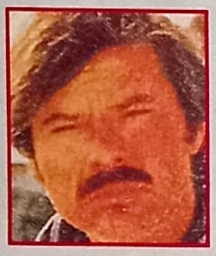
DANNY GLOVER

ANJELICA HUSTON

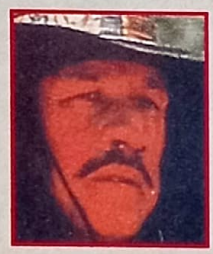
DIANE LANE

UM ÉPICO TÃO GRANDE QUANTO O VELHO OESTE.

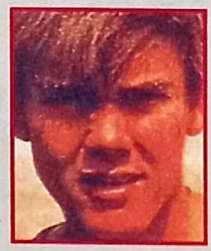
OS PISTOLEIROS DO OESTE



ROBERT URICH



FREDERIC FORREST



RICK SCHRODER

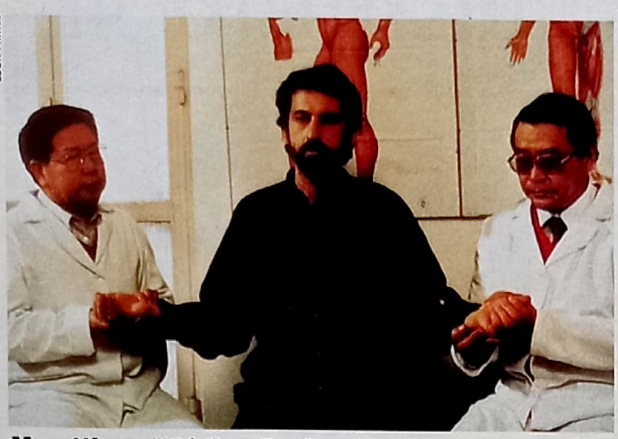
UMA AUTÊNTICA PEÇA DO VELHO OESTE AMERICANO... UMA AVENTURA QUE SERÁ RELEMBRADA POR VÁRIAS GERAÇÕES!

Augustus McCrea (Duvall) e W.F.Call (Jones), são dois delegados do Texas aposentados, amigos que já enfrentaram muitos momentos de perigo. Gus é romantico, um rancheiro teimoso. Call é um homem obstinado, exigente e autoritário, obsecado pelo sonho de criar e construir um novo lar. Eles não poderiam ser tão diferentes, mas ambos são lutadores durões que aprenderam a confiar um no outro, e nada mais. O sonho de Call, não somente suga Gus em sua fraqueza, mas também faz com que ele mergulhe num grupo de destemidos vaqueiros bons de briga, batedores e patrulhas. Através de tempestades de areia, estouros de boiadas, bandidos, enchentes e neve, estes personagens viverão para se tornar lendas do Grande Oeste Americano.

Uma Produção MOTOWN Em Associação com WITTLIFF/PANGAEA
e RHI ENTERTAINMENT INC. "LONESOME DOVER" ROBERT DUVALL
TOMMY LEE JONES DANNY GLOVER DIANE LANE ROBERT URICH
FREDERIC FORREST D.B.SWEENEY com RICK SCHRODER
e ANJELICA HUSTON Co-Produtor Executivo ROBERT HALMI, JR.
Produzido por DYSON LOVELL Produtores Executivos SUZANNE DE PASSE
BILL WITTLIFF Dirigido por SIMON WINCER

BETTA ENTERTAINMENT

RUA MAUÁ, 836 - CASA 18 - STA. EFIGÊNIA - CEP 01028-000 - SÃO PAULO SP - TELEFONE: (011) 230-0200 - FAX: (011) 227-1957


Look Filmes

Moretti em "Médicos": câncer e bateria de exames

CARO DIÁRIO

Bom humor, talento e autobiografia em três episódios de Nanni Moretti

Caro Diário representa não só a maturidade cinematográfica do diretor Nanni Moretti, o mesmo de *A Missa Acabou* e *Palombella Rossa*. É também prova cabal de que o cinema italiano ainda não morreu. Só precisa de boas idéias para driblar a falta de dinheiro.

O filme é o diário de um diretor que chega aos 40 anos de idade "enxutíssimo e fiel a si mesmo", como alardeia o personagem principal, interpretado pelo próprio Moretti. Um trabalho autobiográfico que centra foco em três momentos da vida de um dos diretores italianos mais importantes da atualidade.

O primeiro segmento, "Com Minha Vespa", é a declaração de amor de Moretti a uma Roma que só quem nasceu ou viveu nela muito tempo pode conhecer. A bordo de uma lambreta, o diretor passa por subúrbios decadentes e que ainda guardam uma certa beleza, visita cantos da cidade onde viveu a adolescência, tropeça na atriz americana Jennifer Beals (de *Flashdance*) pelo caminho e faz homenagem a Pier Paolo Pasolini mostrando de longe a praia onde o cineasta foi morto.

No episódio "Ilhas", Moretti mostra a dificuldade do processo criativo. Com a ajuda de um coadjuvante, interpretado por Renato Carpentieri, tenta achar um lugar tranqüilo, que permita escrever um roteiro sem a interrupção da novela, do trânsito e das crianças brincando e correndo.

O melhor, o mais cômico e mais dramático episódio é "Médicos". No último, Moretti conta de maneira leve e contundente a experiência de passar por uma legião de médicos, baterias de exames e especialidades médicas até descobrir que tem uma espécie de câncer, facilmente eliminado com uma operação.

O filme foi muito bem no Festival de Cannes-94 e valeu a Moretti o prêmio de melhor diretor. Na Itália, *Diário* conquistou o David – o Oscar local – de melhor filme.

Alessandro Giannini

Caro Diario, Itália, 1993 ▪ DIREÇÃO e ROTEIRO: Nanni Moretti ▪ FOTOGRAFIA: Giuseppe Lanci ▪ MONTAGEM: Mirco Garrone ▪ MÚSICA: Nicola Piovani ▪ Com Nanni Moretti, Jennifer Beals, Alexander Rockwell, Renato Carpentieri, Carlo Mazzacurati, Antonio Neiwiller, Mario Schiano ▪ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ▪ DURAÇÃO: 100 min.

MINHA AMADA IMORTAL

Gary Oldman consegue se conter na biografia filmada de Beethoven

A "amada imortal" a que se refere o título desta cinebio de Beethoven é a misteriosa mulher mencionada pelo compositor numa carta achada depois de sua morte, em 1827, e a quem ele legou todos os bens.

É a busca pela verdadeira identidade dessa musa que serve de espinha dorsal – ainda que bastante frágil – para um filme de momentos expressionistas e repleto de licenças poéticas, onde o destaque acaba sendo a representação de Gary Oldman no papel-título.

Pela primeira vez em muito tempo – desde quando? – Oldman mede bem o que um crítico batizou de seu "fogo sombrio" e, evitando os exageros que em *O Profissional* o tornaram praticamente insuportável de se assistir, dá ao personagem uma melancolia tocante.

O roteirista/diretor Bernard Rose quase esbarra no dramalhão xaroposo, ao adornar a busca pela identidade da tal musa com o sofrimento de Beethoven diante de sua perda progressiva da audição, mas se redime do eventual excesso de açúcar com cenas memoráveis : Beethoven/Oldman debruçando-se sobre o piano numa sala deserta, pousando o ouvido na madeira do instrumento e começando a tocar, guiando-se somente pelo que consegue captar através da madeira; Beethoven/Oldman, sem ouvir quase nada, tentando – sem sucesso – reger uma orquestra.

As licenças poéticas ficam por conta das conjecturas de Rose em relação à inspiração de Beethoven e à sua infância – o filme é todo estruturado em forma de um flashback.

Sim, e quanto à identidade da amada, que motiva o título? Pois Bernard nos dá três possibilidades. Na opinião dele, as opções são a Condessa Ana (Isabella Rosselini), a Condessa Julia (Valeria Golino) e – talvez a probabilidade mais espicaçante – a cunhada Joanna (Johanna Ter Steege). Mas saiba que tudo não passa de um exercício de especulação. Ninguém sabe ao certo quem seria a moça.

Sem a classe de um *Amadeus*, mas longe da breguice de um Zefirelli ou de um Ken Russell, *Minha Amada Imortal* acaba sendo uma nobre tentativa de capturar o coração e o pensamento de um grande nome da música, justo no momento de uma transição dolorosa em sua vida e em sua carreira.

José Emilio Rondeau

Immortal Beloved, EUA, 1994 ▪ DIREÇÃO e ROTEIRO: Bernard Rose ▪ FOTOGRAFIA: Peter Suschitzky ▪ MONTAGEM: Dan Rae ▪ Com Gary Oldman, Jeroen Krabbe, Johanna Ter Steege, Valeria Golino, Isabella Rossellini, Marco Hofschneider ▪ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes ▪ DURAÇÃO: 135 min.

Quase surdo, Beethoven (Oldman) busca vibrações

Look Filmes

Antonio Banderas e Jennifer Connely no Chile: amor e denúncia política

DE AMOR E DE SOMBRAS

A ditadura chilena em direção desnorteada de Betty Kaplan

Quando Betty Kaplan veio a São Paulo como convidada da 18ª Mostra Internacional de Cinema, no final do ano passado, disse que a autora do livro, Isabel Allende, havia assistido *De Amor e de Sombras* e chorara durante a sessão. Só não disse se de alegria ou de tristeza.

De Amor e de Sombras é a segunda adaptação cinematográfica que se faz da obra da chilena Isabel Allende. A primeira, *A Casa dos Espíritos*, de Bille August, com Jeremy Irons e Meryl Streep, dividiu a crítica, mas chamou a atenção do público. O último filme da diretora, que nasceu nos EUA e cresceu na Venezuela, não sugere tão boa sorte.

Com Jennifer Connely (a morena de *Rocketeer* e *Hot Spot – Um Lugar Muito Quente*) e o astro espanhol Antonio Banderas nos papéis principais, o filme mostra a conversão de uma jornalista burguesa e ingênua em engajada combatente da ditadura militar do Chile. Quem opera essa transformação é um ex-psicólogo que resolve trabalhar de fotógrafo (Banderas). Os dois acabam se apaixonando.

Como no livro, o filme deixa de lado o recurso do realismo fantástico. A única menção está nas cenas da visita que a jornalista e o ex-psicólogo fazem a uma santa de aldeia. De resto, usa o romance como pano de fundo para a denúncia política, mostrando como funcionam os bastidores do poder da ditadura.

O filme é muito bem produzido. Mas de nada adianta estética se Betty Kaplan não encontra um caminho seguro para a direção. Vai da caricatura ao dramático, sem percorrer o caminho da nuance. Num primeiro momento, mostra os artífices da ditadura chilena como um bando de parlapatões. Depois, os faz perigosos estrategistas, capazes das piores atrocidades.

A direção de atores praticamente não existe. Connely e Banderas parecem perdidos, como se estivessem procurando alguém competente para conduzi-los. Nem nomes como o de Stefania Sandrelli, que faz a perturbada mãe da personagem principal, ajudam a salvar o trabalho dos atores.

A.G.

Of Love and Shadows, EUA/ARG, 1993 ▪ DIREÇÃO: Betty Kaplan ▪ ROTEIRO: Donald Freed, a partir do livro homônimo de Isabel Allende ▪ FOTOGRAFIA: Felix Monti ▪ MONTAGEM: Kathy Himoff, Bill Butler ▪ MÚSICA: Jose Nieto ▪ Com Jennifer Connely, Antonio Banderas, Stefania Sandrelli ▪ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ▪ DURAÇÃO: 122 min.

Paris

O SOPRO DO DIABO

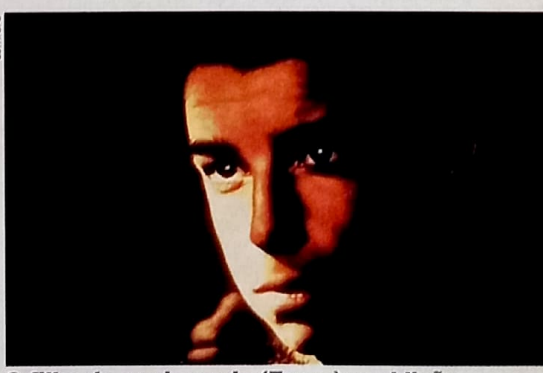
Uma tragédia familiar embutida no sombrio universo medieval

O fato de o diretor e co-roteirista Paco Lucio ter escolhido o ator russo Aleksandr Kaidanovsky para protagonizar seu drama trágico-medieval *O Sopro do Diabo* é sugestivo. Kaidanovsky interpretou o guia místico do filme *Stalker*, de Andrei Tarkovski, e aqui é o pai surdo-mudo de uma pequena família que se muda para as terras de um amigo para fugir da peste. O senhor feudal (Fernando Guillen), porém, logo se interessa pela esposa do novo morador (Valentina Vargas, de *O Nome da Rosa*, aqui totalmente desglamourizada).

O desenlace das pequenas catástrofes parece uma maldição familiar, mas o também jornalista e cientista político Lucio está mais interessado em contar sua história da forma mais naturalista possível. Assim como em *Stalker*, mas sem suas dimensões metafísicas, o filme contempla a natureza em meio a uma obra que usa apenas luz natural, enfatiza ruídos e grunhidos num universo silencioso e de poucas palavras e desenvolve um olhar atento aos usos e costumes da época. A Idade Média como ela realmente deve ter sido para o homem comum: temerosa, sombria, animal. É esse mosaico que nos chega com instigante verossimilhança que faz valer uma ida sem compromissos ao cinema.

Christian Petermann

El Aliento del Diablo, Espanha/França/Bélgica, 1993 ▪ DIREÇÃO: Paco Lucio ▪ ROTEIRO: Paco Lucio, Manuel Gutierrez Aragón, Elías Querejeta ▪ FOTOGRAFIA: Alfredo Mayo ▪ MONTAGEM: N. Ruiz Capillas ▪ Com Aleksandr Kaidanovsky, Valentina Vargas, Fernando Guillen, Alfredo Zapra ▪ DISTRIBUIÇÃO: Lumiere ▪ DURAÇÃO: 85 min.



Lumiere

O filho do surdo-mudo (Zapra): maldição

Quiz Show

Columbia Buena Vista

QUIZ SHOW – A VERDADE DOS BASTIDORES

O novo filme de Robert Redford fala de um escândalo que abalou os Estados Unidos nos anos 50: a revelação de uma fraude num programa de perguntas e respostas da TV visto por milhões de espectadores. Nele, um estudante judeu do Queens (John Turturro), de memória enciclopédica, duela com um professor de literatura que tem origem aristocrática (Ralph Fiennes). Com a revelação da trapaça, a América começava a perder sua inocência. *J.E.R.*

(Quiz Show, EUA, 1994) Direção: Robert Redford. Com John Turturro, Rob Morrow, Ralph Fiennes, Paul Scofield. Columbia/ Buena Vista.

UM SONHO DE LIBERDADE

Dentro deste minucioso e preciso filme de prisão – com humilhações, sofrimentos, violência e falta de perspectiva –, o diretor Frank Darabont conseguiu incluir uma segunda leitura para a história: o enfoque da liberdade espiritual, da amizade e da esperança. A história é narrada pelo presidiário Red (Morgan Freeman) e mostra como seu amigo Andy (Tim Robbins) se tornou uma lenda entre os habitantes da prisão de Shawshank. *I.B.*

(The Shawshank Redemption, EUA, 1994) Direção: Frank Darabont. Com Tim Robbins, Morgan Freeman, Bob Gunton, William Sadler, Clancy Brown, James Whitmore, Gil Bellows. Play Arte.

SEGREDOS DO CORAÇÃO

No segundo remake do clássico romântico rodado em 1939,Warren Beatty e Annette Bening fazem o papel do casal que foi imortalizado por Charles Boyer e Irene Dunne. Na verdade, este novo *Love Affair* tem mais a ver com o remake feito em 1957 (*An Affair to Remember*, que no Brasil recebeu o título de *Tarde Demais para Esquecer*). Na nova versão, Beatty é um comentarista esportivo de TV e Annette é uma consultora de grandes empresas. Os dois se conhecem numa viagem de avião e voltam a se encontrar num cruzeiro. O romance tem seu ápice no alto do Empire State, em Nova York. Mas, nesta versão, a inocência do filme de 1939 e o charme do outro, rodado em 1957, não se repetem. *J.E.R.*

(Love Affair, EUA, 1994) Direcão: Glenn Gordon. Com Warren Beatty, Annette Bening, Katharine Hepburn, Garry Schandlin, Chloe Weeb, Pierce Brosnan. Warner.

ROTAÇÃO MÁXIMA

Charlie Sheen vai animar uma festa infantil vestido de palhaço e acaba indo para a cadeia, confundido com um assaltante que também se fantasia de palhaço. Ao fugir da prisão, o injustiçado faz uma refém (Kristy Swanson), com quem passa a manter uma relação de amor e ódio. A fuga, rumo ao México, é feita no carro dela. O filme faz uma crítica ao sistema judiciário americano. Sobram farpas também para o "sonho americano", que nunca se realiza. *F.G.*

(The Chase, EUA, 1994) Direção: Adam Rifkin. Com Charlie Sheen, Kristy Swanson, Henry Rollins, Josh Mostel, Wayne Grace, Ray Wise. Look Filmes.

DÉBI & LÓIDE – DOIS IDIOTAS EM APUROS

Trama praticamente não há, mas o filme pode até provocar boas gargalhadas. Numa viagem de Costa a Costa nos Estados Unidos, um motorista de limusines (Jim Carrey) e seu melhor amigo (Jeff Daniels) procuram uma mulher bonitona (Lauren Holly), que esqueceu uma pasta cheia de dinheiro no carro. Os dois, por sua vez, são perseguidos por vilões que estão atrás da grana. Tudo isso, porém, não importa. Em primeiro plano estão os 106 minutos de patetices intermináveis de Jim e Jeff. *J.E.R.*

(Dumb and Dumber, EUA, 1994) Direção: Peter Farrelly. Com Jim Carrey, Jeff Daniels, Lauren Holly, Teri Garr. Top Tape.

O CASAMENTO DE MURIEL

Muriel (Toni Collete) é uma espécie de patinho feio que sonha com um casamento romântico – como manda o figurino. Ao contrário de todas as suas amigas, que cobiçam o homem mais próximo, Muriel quer casar de véu e grinalda. Depois de ser expulsa de sua turma (envergonhava as colegas), Muriel rouba um cheque do pai (um político que a trata como idiota) e vai passar férias numa ilha paradisíaca. Em novo estilo, ela passa a concretizar seus sonhos – mesmo que não seja da forma cor-de-rosa que imaginara. *C.G.L.*

(Muriel's Wedding, Austrália, 1994) Direção: P.J.Hogan. Com Toni Collete, Bill Hunter, Rachel Griffiths, Jeanie Drynan, Gennie Nevison, Matt Day. Top Tape.

BOLSA DE CINEMA

Os filmes dos pequenos estúdios desbancam as superproduções americanas na escolha da crítica

	Inácio Araújo Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio O Estado de S. Paulo	Luciano Trigo O Globo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho HBO	Cristiane Couto MTV	Cleber Eduardo Diário Popular	Alessandro Giannini Jornal da Tarde	José Emílio Rondeau SET	Média
Amateur *(FlashStar)*	7	8	7	7	9	6	9	8	7	–	7.5
O Gênio e Excêntrico Glenn Gould *(Look)*	5	–	7	9	9	5	8	8	–	–	7.2
Oleanna *(Pandora)*	7	4	6	8	8	7	–	7	8	–	6.8
O Máskara *(PlayArte)*	8	8	–	6	–	7	5	5	7	6	6.5
Carlota Joaquina – Princesa do Brazil	6	–	5	–	6	8	10	5	6	–	6.5
Entrevista Com o Vampiro *(Warner)*	–	8	4	7	3	7	8	4	7	7	6.1
Frankenstein de Mary Shelley *(Columbia TriStar)*	–	6	6	8	6	5	7	6	4	5	5.8
O Rio Selvagem *(UIP)*	–	6	3	–	–	6	–	7	6	6	5.6
Só Você *(Columbia TriStar)*	–	4	2	7	6	4	7	–	6	4	5.0
Assédio Sexual *(Warner)*	–	2	3	7	5	7	–	6	4	5	4.8

adidas STRATEGY
Exclusivo sistema Torsion
que garante maior estabilidade.

adidas RESPONSE LO
O único com solado garantido por 6 meses.

adidas NBTA
Design americano.
Produzido com materiais "1st quality".

DA PRÓXIMA VEZ,
USA UM ADIDAS.

LEW, LARA ■ PROPEG

adidas

The brand with the three stripes

O EU E AS MULHERE

Walter Hugo Khouri dirige mais uma de suas obras personalíssimas e aposta, em *As Feras*, no talento da top model Cláudia Liz

Cláudia Liz fez 25 anos e ganhou mais uma profissão. Agora tem direito à voz, mas os olhos da platéia continuarão passeando por seu corpo. A top model estica a passarela e chega ao espaço das atrizes a partir de maio, quando está prevista a estréia de *As Feras*, o 24º filme de Walter Hugo Khouri.

Em *As Feras*, a modelo monumental – 1,80 m de curvas aloiradas – faz um papel de destaque, aparece nua e agrada o diretor. "Ela é excelente. Tem o *timing* exato", analisa Khouri.

Além do drama existencial (marca-patente de Khouri), *As Feras* aposta no conflito sexual entre homens e mulheres e entre mulheres e mulheres. Para os apreciadores do *lesbian-chic*, um aviso: há poucas cenas de lesbianismo explícito (entre Lúcia Veríssimo e Monique Lafond). Para os apreciadores das formas femininas, mais um aviso: desta vez Khouri estampou na tela apenas três cenas de sexo. Ressalva: uma das cenas quentes é feita com Cláudia. Ressalva número dois: Nuno Leal Maia, infelizmente (como diriam os fãs de Cláudia), aparece com ela.

Sexo à parte, Khouri diz que seus filmes não são explicáveis. "Minhas histórias não são contáveis. Não sei fazer isso. Sou analítico. Não sou sintético. Mas *As Feras* é mais ou menos a continuação de meus outros trabalhos", avisa o diretor.

No filme, Cláudia, estudante de psicologia, 25 anos, se apaixona pelo professor, Nuno Leal, vinte anos mais velho. Uma diretora de teatro, interpretada por Branca Camargo, namora a atriz vivida por Beth Prado, mas se apaixona pela personagem de Cláudia quando as três trabalham juntas na montagem da peça *Lulu* (escrita por Frank Wedekind – um dos ídolos de Khouri). A transa de Lúcia Veríssimo com Monique Lafond aparece num dos *flashbacks* do filme.

Com esses dados lançados, daria para qualquer um calcular a dose de lesbianismo de *As Feras*. Não é bem assim. Aqui a questão sexual fica mais para o intelecto do

Fotos Cinearte

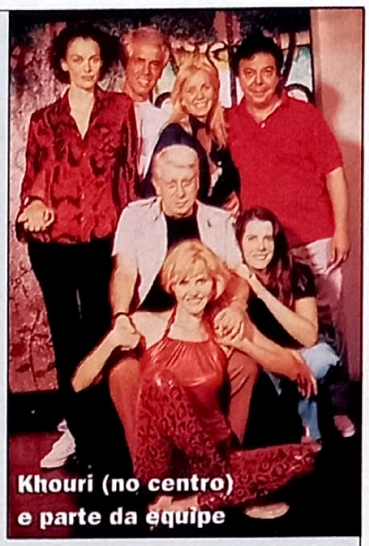
WALTER HUGO KHOURI
Em Busca Do Superávit

Walter Hugo Khouri está com déficit. Quatro anos parado e agora sai em busca do tempo perdido em filmes de publicidade. As Feras estava na gaveta dos projetos há dez anos. Acabou sendo rodado em cinco semanas (entre o final de 94 e início de 95) e consumindo cerca de R$ 850 mil.

Na edição, nada de moviolas. Neste filme, o diretor enfrentou a edição eletrônica – prática adquirida pelo Khouri publicitário e nunca usada pelo Khouri cineasta.

E mal As Feras terminou, Khouri já estava voltado para as novidades. No segundo semestre, ele começa a filmar Paixão Perdida, que tem parte de seu orçamento bancado pelo Ministério da Cultura.

Em Paixão Perdida, cujo roteiro também é de Khouri, um menino que quer ser uma pedra acaba optando por ser homem (!). E a mutação dos sonhos do garoto só ocorre depois da aparição de um elemento precioso: Cláudia Liz. A.T.



Khouri (no centro) e parte da equipe

Cláudia em pose lânguida, no alto; e com o professor interpretado por Nuno Leal Maia; acima, momento *lesbian-chic* entre Lúcia Veríssimo e Monique Lafond

S

que para o carnal. "A personagem que se apaixona por mim apenas passa a mão pelo meu rosto", esclarece Cláudia.

Khouri conheceu Cláudia, há quatro anos, num estúdio fotográfico, em São Paulo. Ambos estavam lá por motivos diferentes mas acabaram trocando algumas palavras. "Ele pegou meu telefone e passamos a conversar de vez em quando", diz Cláudia. "Sempre anoto nomes e telefones. Assim que vi Cláudia pela primeira vez, notei que ela daria uma boa atriz. Nem foi preciso fazer testes", lembra Khouri.

O *feeling* do diretor não falhou – segundo ele mesmo e a própria atriz. "Não vi dificuldades em fazer o filme. O Khouri é muito carinhoso nas filmagens. Não fiz cursos de interpretação, nem pretendo entrar nessa", afirma a estrela.

Nem sequer nas cenas de sexo, a top model diz ter sentido dificuldades. "Foi só entrar em concentração e imaginar que estava apenas posando para fotos junto com outra pessoa, como num trabalho de modelo. Não é nada complicado. A modelo é a atriz das formas."

Cláudia, que anuncia ter apanhado "o vírus do cinema", pretende casar filmagens com passarelas – sem desistir das duas opções.

André Tomé

LUCHINO VISCONTI

REQUINTE E PAIXÃO

O grande esteta do cinema conseguiu unir a grandiosidade e o intimismo, a sensualidade e a política em filmes de arquitetura rigorosa, comandados por uma sensibilidade única

É extraordinário que em meio ao neo-realismo nascido no fim da Segunda Guerra Mundial na Itália, crivado de preocupações sociais, tenha surgido o cinema pessoal e passional de Luchino Visconti. É que algumas das características de seus filmes (o refinamento visual, o tom geralmente melodramático) e de sua personalidade (a arrogância, a homossexualidade, a origem aristocrática) chocavam-se com os dogmas da esquerda, que exercia poderosa influência sobre esse movimento cinematográfico. Mesmo assim, seus teóricos e os críticos da direita não hesitaram em incluí-lo, ao lado de Vittorio De Sica e Roberto Rossellini, entre os notáveis do neo-realismo. Naquela ocasião tão patrulhada ideologicamente, ele não se deu ao trabalho de disfarçar seu individualismo ou esconder a ascendência nobre, evidente no nome de batismo e nos títulos: Luchino dei Duchi Di Grazzano Visconti, Conde di Lonate Pozzolo, Signore di Corggeno, Consignore di Somma, Crenna e Agnadello.

Mais paradoxal ainda é que Luchino levou bom tempo para descobrir o cinema como meta de vida e realização. Embora tenha tido desde a adolescência uma formação cultural e feito estudos teatrais no teatro de Milão (onde nasceu em 1906), passou parte da juventude criando cavalos, fazendo apostas nessa área e acompanhando corridas de automóveis. Já dedicado à cenografia e aos figurinos no teatro, foi atraído pelo cinema. Em 1936, conheceu o produtor Gabriel Pascal ,que lhe acena com a possibilidade de dirigir a adaptação de um conto de Gustav Flaubert para a empresa inglesa de Alexander Korda. Mas o projeto não vingou. Desanimado, Visconti foi a Paris encontrar os amigos, como a estilista Coco Chanel, que o apresentou a Jean Renoir. Este o contratou como terceiro assistente para o inacabado *Une Partie de Campagne*: os outros dois seriam Jacques Becker e Cartier-Bresson. Renoir foi uma influência marcante, e aquele trabalho, o primeiro passo de uma carreira cinematográfica que iria crescer definitivamente na Itália. Em 1942, depois de fazer cenografia para teatro, estreou na direção em *Ossessione*, extraído da novela do norte-americano James Cain que já havia sido adaptada pelo cinema francês e que, depois, foi também argumento dos filmes de Tay Garnett em 1946 e de Bob Rafelson em 1981, ambos intitulados *O Destino Bate à sua Porta*. Essa história de adultério e morte, transposta para a planície do Pó e as ruas de Ferrara, permitiu revelar um esteta voltado para a força destrutiva da paixão e a tristeza da decadência.

Esta, ele soube retratar nas mais diversas categorias sociais, tanto na aristocracia (caso do suntuoso *O Leopardo*) como entre pescadores pobres da Catânia, expostos em *La Terra Trema*, feito em 1947, depois da estréia de Visconti na direção teatral. Com atores não profissionais, gente do povo como professava o neo-realismo, tinha uma densidade abandonada em *Belíssima* (1951), análise bem-humorada da atração exercida pelo cinema sobre gente simples e que também mostrava a empáfia e a mistificação entre os que atuavam na cinematografia italiana.

Pandora

Globo Video

Embora nesse filme, como em *Um Rosto na Noite* (extraído de uma novela de Dotoiévski e rodado em apenas seis semanas), tenha trabalhado bem o tema do tênue limite entre a ilusão e a realidade, é quando descreve os meandros destrutivos do afeto e do amor sob circunstâncias ambientais e históricas que a força poética de Visconti se manifesta com mais vigor. Em sua ótica, o desejo carnal acaba sendo predatório, tanto numa família (*Rocco e Seus Irmãos*, *Os Deuses Malditos*) como entre gente esclarecida (o compositor de *Morte em Veneza*, o aristocrata de *O Inocente*).

O irônico é que Visconti foi premonitório nesse aspecto. Enquanto que no operístico *Sedução da Carne* (*Senso*) a condessa Sampieri (Alida Valli) se deixa degradar pela forte paixão que nutre por um permissivo militar austríaco (Farley Granger), na vida pessoal o cineasta também entrou em decadência a partir de seu relacionamento com um austríaco, Helmut Berger, ator de pouco talento que passou a ser inspiração e intérprete de seus filmes desde 1969. Berger foi um dos protagonistas de *Os Deuses Malditos* e viveu o papel-título de *Ludwig, a Paixão de um Rei*, que peca na direção às vezes contemplativa. Nessa filmagem de 1972, Visconti sofreu um colapso que o deixou semiparalítico.

Warner/Breno Rossi

Visconti no set de filmagens de *O Leopardo*, à esquerda (com Alain Delon e Romy Schneider); abaixo, Annie Girardot e Delon em *Rocco e Seus Irmãos* (1960); nesta página, *Belíssima* (1951), com Anna Magnani; e Silvana Mangano e Dirk Bogarde em *Morte em Veneza* (1971)

Mesmo assim ele conseguiu, em 1975, criar seu filme testamento: *Violência e Paixão*. O solitário professor vivido por Burt Lancaster, que espera a morte em meio a obras de arte, se define como alguém pertencente a "uma geração que buscava um equilíbrio entre a política e a moral. A busca do impossível". Visconti fez questão de deixar claro que a lucidez não é capaz de impedir a sedução física. Daí ser patética e simbólica a imagem do professor tentando salvar Conrad, interpretado por Berger: este, há pouco tempo, foi notícia por causa de um incêndio em seu apartamento, em condições que sugeriam tentativa de suicídio idêntica à do personagem.

Ao morrer durante a montagem de *O Inocente* em 1976, Luchino Visconti foi homenageado como um dos grandes renovadores do cinema italiano. Mais do que isso, foi um esteta assumido que soube, como poucos, conciliar o político e o sensual, o romântico e o social, a grandiosidade e o intimismo em filmes cujas imagens permanecerão por muito tempo gravadas em nossas retinas.

Alfredo Sternheim

PAUL NEWMAN

Ator, também diretor e produtor, nascido a 26 de janeiro de 1925 em Cleveland, Ohio, EUA.

Como ator: 1955: O CÁLICE SAGRADO (*The Silver Chalice*, de Victor Saville) ■ 1956: MARCADO PELA SARJETA (*Somebody Up There Likes Me*, de Robert Wise); DEUS É MEU JUIZ (*The Rack*, de Arnold Laven) ■ 1957: COM LÁGRIMAS NA VOZ (*The Helen Morgan Story*, de Michael Curtiz); FAMINTAS DE AMOR (*Until They Sail*, de Robert Wise) ç 1958: O MERCADOR DE ALMAS (*The Long Hot Summer*, de Martin Ritt); UM DE NÓS MORRERÁ (*The Left-Handed Gun*, de Arthur Penn); GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE* (*Cat on a Hot Tin Roof*, de Richard Brooks); A DELÍCIA DE UM DILEMA (*Rally 'Round the Flag Boys!*, de Leo McCarey) ■ 1959: O MOÇO DA FILADÉLFIA (*The Young Philadelphians*, de Vincent Sherman) ■ 1960: PAIXÕES DESENFREADAS (*From the Terrace*, de Mark Robson); EXODUS* (de Otto Preminger) ■ 1961: DESAFIO À CORRUPÇÃO (*The Hustler*, de Robert Rossen); PARIS VIVE À NOITE (*Paris Blues*, de Martin Ritt) ■ 1962: DOCE PÁSSARO DA JUVENTUDE (*Sweet Bird of Youth*, de Richard Brooks); AS AVENTURAS DE UM JOVEM (*Hemingway's Adventures of a Young Man*, de Martin Ritt) ■ 1963: O INDOMADO (*Hud*, de Martin Ritt); AMOR DAQUELA ESPÉCIE (*A New Kind of Love*, de Melville Shavelson); OS CRIMINOSOS NÃO MERECEM PRÊMIO (*The Prize*, de Mark Robson) ■ 1964: A SENHORA E SEUS MARIDOS (*What a Way to Go!*, de J. Lee Thompson); QUATRO CONFISSÕES (*The Outrage*, de Martin Ritt) ■ 1965: LADY L (de Peter Ustinov) ■ 1966: HARPER, O CAÇADOR DE AVENTURAS (*Harper*, de Jack Smight); CORTINA RASGADA* (*Torn Curtain*, de Alfred Hitchcock) ■ 1967: HOMBRE (de Martin Ritt); REBELDIA INDOMÁVEL* (*Cool Hand Luke*, de Stuart Rosenberg) ■ 1968: QUE DELÍCIA DE GUERRA (*The Secret War of Harry Frigg*, de Jack Smight) ■ 1969: 500 MILHAS (*Winning*, de James Goldstone, também como co-produtor executivo); BUTCH CASSIDY* (*Butch Cassidy and the Sundance Kid*, de George Roy Hill, também como co-produtor executivo) ■ 1970: KING, A FILMED RECORD, MONTGOMERY TO MEMPHIS (documentário de Joseph L. Mankiewicz e Sidney Lumet, como co-narrador); A SALA DOS ESPELHOS (*WUSA*, de Stuart Rosenberg, também como co-produtor) ■ 1972: MEU NOME É JIM KANE* (*Pocket Money*, de Stuart Rosenberg, também como co-produtor executivo); ROY BEAN, O HOMEM DA LEI* (*The Life and Times of Judge Roy Bean*, de John Huston, também como co-produtor executivo) ■ 1973: O EMISSÁRIO DE MACKINTOSH* (*The Mackintosh Man*, de John Huston); GOLPE DE MESTRE* (*The Sting*, de George Roy Hill) ■ 1974: INFERNO NA TORRE* (*The Towering Inferno*, de John Guillermin) ■ 1975: A PISCINA MORTAL* (*The Drowning Pool*, de Stuart Rosenberg, também como co-produtor executivo) ■ 1976: A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS* (*Silent Movie*, de Mel Brooks); OESTE SELVAGEM* (*Buffalo Bill and the Indians... or Sitting Bull's History Lesson*, de Robert Altman) ■ 1977: VALE TUDO (*Slap Shot*, de George Roy Hill) ■ 1979: QUINTETO* (*Quintet*, de Robert Altman) ■ 1980: O DIA EM QUE O MUNDO ACABOU* (*When Time Ran Out*, de James Goldstone) ■ 1981: FORT APACHE, BRONX/41ª DP, INFERNO NO BRONX* (*Fort Apache, the Bronx*, de Daniel Petrie); AUSÊNCIA DE MALÍCIA* (*Absence of Malice*, de Sydney Pollack) ■ 1982: O VEREDICTO* (*The Verdict*, de Sidney Lumet) ■ 1986: A COR DO DINHEIRO* (*The Color of Money*, de Martin Scorsese) ■ 1989: O INÍCIO DO FIM* (*Shadow Makers/Fat Man and Little Boy*, de Roland Joffé); BLAZE, O ESCÂNDALO* (*Blaze*, de Ron Shelton) ■ 1990: CENAS DE UMA FAMÍLIA* (*Mr. & Mrs. Bridge*, de James Ivory) ■ 1994: NA RODA DA FORTUNA* (*The Hudsucker Proxy*, de Joel Coen); O INDOMÁVEL (*Nobody's Fool*, de Robert Benton)

Como diretor: 1961: ON THE HARMFULNESS OF TOBACCO (média-metragem) ■ 1968: RACHEL, RACHEL (também como produtor) ■ 1971: UMA LIÇÃO PARA NÃO ESQUECER (*Sometimes a Great Notion/Never Give an Inch*, também como ator e co-produtor executivo) ■ 1972: O PREÇO DA SOLIDÃO (*The Effect of Gamma Rays on Man-in-the-Moon Marigolds*, também como produtor) ■ 1980: ESPERANÇA, VIDA E MORTE/CAIXA DE SOMBRAS (*The Shadow Box*, para a TV) ■ 1983: MEU PAI, ETERNO AMIGO* (*Harry and Son*, também como ator, co-roteirista e co-produtor) ■ 1987: À MARGEM DA VIDA* (*The Glass Menagerie*)

Como produtor: 1971: ESSE LOUCO ME FASCINA (*They Might Be Giants*, de Anthony Harvey, como co-produtor)

JODIE FOSTER

Atriz, também diretora, nascida Alicia Christian Foster a 19 de novembro de 1962 em Los Angeles, Califórnia, EUA.

1972: NAPOLEON AND SAMANTHA (de Bernard McEveety); KANSAS CITY BOMBER (de Jerrold Freedman) ■ 1973: AS AVENTURAS DE TOM SAWYER (*Tom Sawyer*, de Don Taylor); ONE LITTLE INDIAN (de Bernard McEveety) ■ 1974: ALICE NÃO MORA MAIS AQUI (*Alice Doesn't Live Here Anymore*, de Martin Scorsese) ■ 1976: ECOS DE UM VERÃO (*Echoes of a Summer/The Last Castle*, de Don Taylor); TAXI DRIVER – MOTORISTA DE TÁXI* (*Taxi Driver*, de Martin Scorsese); QUANDO AS METRALHADORAS COSPEM* (*Bugsy Malone*, de Alan Parker); A GAROTA DO FIM DA RUA/A MENINA DO OUTRO LADO DA RUA* (*The Little Girl Who Lives Down the Lane*, de Nicolas Gessner) ■ 1977: SE EU FOSSE MINHA MÃE* (*Freaky Friday*, de Gary Nelson); IL CASOTTO; MOI FLEUR BLEUE; CANDLESHOE (de Norman Tokar) ■ 1980: CARNY (de Robert Kaylor); GATINHAS (*Foxes*, de Adrian Lyne) ■ 1982: O'HARA'S WIFE (de William S. Bartman) ■ 1983: NASCE UMA CANTORA, MORRE UM SONHO* (*Svengali*, de Anthony Harvey, para a TV) ■ 1984: UM HOTEL MUITO LOUCO* (*The Hotel New Hampshire*, de Tony Richardson); DOMÍNIO CRUEL* (*Le Sang des Autres/The Blood of Others*, de Claude Chabrol) ■ 1986: CHOQUE, PAIXÃO E MORTE* (*Mesmerized/My Letter to George*, de Michael Laughlin, também como co-produtora) ■ 1987: MARCAS DE UMA PAIXÃO* (*Siesta*, de Mary Lambert) ■ 1988: VINGANÇA TARDIA* (*Five Corners*, de Tony Bill); MEMÓRIAS SECRETAS* (*Stealing Home*, de Steven Kampmann); ACUSADOS* (*The Accused*, de Jonathan Kaplan) ■ 1989: ATRAÍDA PELO PERIGO* (*Catchfire/Backtrack*, de Dennis Hopper – sob o pseudônimo Alan Smithee) ■ 1991: O SILÊNCIO DOS INOCENTES* (*The Silence of the Lambs*, de Jonathan Demme); MENTES QUE BRILHAM* (*Little Man Tate*, também como diretora) ■ 1992: SOMBRAS E NEBLINAS* (*Shadows and Fog*, de Woody Allen) ■ 1993: SOMMERSBY – O RETORNO DE UM ESTRANHO* (*Sommersby*, de Jon Amiel); 1993: (*It Was a Wonderful Life*, de Michele Ohayon, como narradora) ■ 1994: MAVERICK (de Richard Donner); NELL (de Michael Apted, também como produtora)

Fox

LUCHINO VISCONTI

Diretor e roteirista, nascido Conde Don Luchino Visconti di Modrone a 2 de novembro de 1906 em Milão, Itália. Falecido em 1976.

1942: OSSESSIONE (também como co-roteirista) ■ 1945: GIORNI DI GLORIA (documentário co-dirigido por G. De Santis, M. Pagliero e M. Serendrei) ■ 1947: LA TERRA TREMA ("Episodio del Mare", também como co-roteirista) ■ 1951: APPUNTI SU UN FATTO DI CRONACA (documentário curta-metragem); BELÍSSIMA (*Bellissima*, também como co-roteirista) ■ 1953: NÓS AS MULHERES* (*Siamo Donne*, episódio com Anna Magnani) ■ 1954: SEDUÇÃO DA CARNE* (*Senso*, também como co-roteirista) ■ 1957: UM ROSTO NA NOITE (*Notti Bianche*, também como co-roteirista) ■ 1960: ROCCO E SEUS IRMÃOS* (*Rocco e i suoi Fratelli*, também como co-roteirista) ■ 1962: BOCCACCIO 70 (episódio "O Trabalho", também como co-roteirista) ■ 1963: O LEOPARDO (*Il Gattopardo*, também como co-roteirista) ■ 1965: VAGAS ESTRELAS DA URSA (*Vaghe Stelle dell'Orsa*, também como co-roteirista) ■ 1967: AS BRUXAS (*Le Streghe*, episódio "A Bruxa Queimada Viva"); O ESTRANGEIRO (*Lo Straniero*, também como co-roteirista) ■ 1969: OS DEUSES MALDITOS (*La Caduta degli Dei/The Damned/Götterdämmerung*, também como co-roteirista) ■ 1970: ALLA RICERCA DI TADZIO (documentário para a TV) ■ 1971: MORTE EM VENEZA* (*Morte a Venezia/Death in Venice*, também como produtor e co-roteirista) ■ 1972: LUDWIG, A PAIXÃO DE UM REI/LUDWIG, O ÚLTIMO REI DA BAVÁRIA* (*Ludwig*, também como co-roteirista) ■ 1975: VIOLÊNCIA E PAIXÃO* (*Gruppo di Famiglia in uno Interno/Conversation Piece*, também como co-roteirista) ■ 1976: O INOCENTE DE VISCONTI/O INOCENTE* (*L'Innocente*, também como co-roteirista)

**disponível em vídeo*

CASH
HOME VÍDEO

SOB NOVA DIREÇÃO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060
267-1810
Estacionamento: Rua Gabriel Pizza, 444

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS AGORA TUDO EM *GAMES NOVOS E USADOS!*
GARANTIA TOTAL!
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU AMPLIE E FAÇA ÓTIMO NEGÓCIO
Todos os lançamentos a sua disposição com ótimos preços!

• Cheques pré-datados
• Inclusive por telefone

- Remetemos para todo o Brasil
- Aceitamos Permuta
- ***OFERTAS:***
- Catálogos usados 12% de desconto a vista
- A cada 10 fitas ganhe uma grátis
- A cada 3 fitas ganhe um brinde

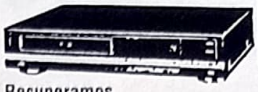
FITAS A PARTIR DE R$ 7,00

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas

Agora também em novo endereço com estacionamento
Av. Cruzeiro do Sul, 2132
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

MERCADO DO VÍDEO

COMPRA
VENDA
TROCA



Recuperamos fitas com mofo

VÍDEOS
FAX
CÂMERAS

1 ANO DE GARANTIA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TV'S, VÍDEOS, CÂMERAS E FAX.
Orçamentos em 24 horas.
Transcodificações em TV"S Importadas.
1 ANO DE GARANTIA

SISTEMA EUROPEU
TRANSFORMAMOS FITAS PARA NOSSO SISTEMA E VICE-VERSA TAMBÉM U-MATIC
SERVIÇO NO MESMO DIA

PABX: (011) 5333290
Av. Pavão, 690 - Moema - SP

7ª ARTE
VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS

VENHA NOS CONHECER!

CONFIRA
NOSSOS ÚLTIMOS
LANÇAMENTOS

Catálogos a partir de R$ 4,00
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
12% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - **Tel.: (011) 267-5567**

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

TODOS OS LANÇAMENTOS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(entre os Metrô Carandiru e Tietê)
COM ESTACIONAMENTO

Tel.: (011) 290-4330
(011) 299-5572

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- **Toda linha de acessórios**
- **Pagamentos com cheques semanais sem juros**
- **Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.**

15% DE DESCONTO PARA PAGAMENTO A VISTA NOS CATÁLOGOS.

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS

CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- **PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO**
- **PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO**
- **PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA**
- **GARANTIA E QUALIDADE**
- **ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO**

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

NOVO ENDEREÇO

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-8161
(011) 298-1120
(DDG) 0800118161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Estamos c/ estacionamento na Rua Dr. Zuquim, 166

José Emilio Rondeau

LIÇÕES DE CAITITUAGEM

A festa do Oscar acontece em março, mas é em novembro do ano anterior que grandes estúdios, produtoras independentes e firmas de relações públicas iniciam suas campanhas pelos votos dos mais de seis mil eleitores que integram a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

Esse processo de caitituagem explícita toma várias formas e movimenta Hollywood tanto quanto uma campanha presidencial mexe com um país: afinal, Los Angeles é o que se convencionou chamar de "company town", uma cidade cuja vida gira toda em torno de uma mesma indústria, onde 99% dos habitantes estão ligados a essa indústria, de uma forma ou de outra. Tudo que afeta essa indústria, portanto, afeta a vida da cidade.

Os primeiros sinais de abertura da temporada de caça aos votos dos acadêmicos são os anúncios de página inteira e página dupla nos jornais que cobrem a indústria de entretenimento, os *trade papers* diários *Variety* e *Hollywood Reporter*. São os (aqui) manjadíssimos anúncios de "for your consideration", em que pede-se aos acadêmicos que, na hora de votar, "levem em consideração" o trabalho desse ou daquele artista, esse ou aquele filme.

Espera aí: isso em novembro? Mas os acadêmicos não votam somente em fevereiro? Sim, mas em dezembro o corpo de jornalistas estrangeiros da Hollywood Foreign Press Association escolhe seus indicados para o Globo de Ouro – cuja entrega ocorre na penúltima semana de Janeiro –, e ganhar um desses troféus impressiona os acadêmicos. Há quem diga, inclusive, que o Globo de Ouro influencia sobremaneira os acadêmicos: por reduzir o leque de opções, "facilitando", assim, a vida dos votantes do Oscar.

Os anúncios e o Globos de Ouro são apenas a proverbial ponta do iceberg. Os carteiros de Los Angeles que o digam. De novembro até o fim do ano eles cruzam a cidade com uma carga adicional de correio: fitas cassete com cópias de filmes elegíveis para os preguiçosos que não gostam de sair de casa (a notável exceção deste ano foi *O Rei Leão*, que a Disney não distribuiu em fita alegando temer pirataria) CDs com as trilhas, cópias autografadas dos scripts ou dos livros que viraram filmes (as grandes atrações nesse setor foram as cópias de *Assédio Sexual* e *Entrevista com o Vampiro* assinadas, respectivamente, por Michael Crichton e por Anne Rice), pôsteres que costumam enfeitar os cinemas (e autografados, é lógico), camisetas, bonés, ou mesmo prosaicos (mas eficientíssimos) cartões de Boas Festas (um dos mais originais vinha com saudações e autógrafos de todo o elenco principal de *Tempo de Violência*, com uma autocaricatura de Quentin Tarantino de quebra). Quanto custa essa brincadeira? Um anúncio de página inteira nos *trades* não sai por menos de US$ 10 mil, por uma única publicação. Geralmente, os anúncios são repetidos, edição após edição, em dois diários. Por baixo, só com esses anúncios um único filme pode consumir US$ 500 mil. A copiagem de uma fita de videocassete sai por uns US$ 30/hora: multiplique por dois (a duração média de um filme), depois por cinco mil (são US$ 300 mil). Adicione correio (ou mensageiro, como é mais comum). Ou seja, caitituar um único filme pode custar, no barato, US$ 1 milhão.

O que chega a ser relativamente pouco, se lembrarmos que um Oscar aumenta em 25% a renda de um filme.

Kit para estimular a "consideração" dos jornalistas: mimos irrecusáveis

Foto: Rui Mendes

VÍDEO SET

EDITORA AZUL
MARÇO

LOBO
O uivo de Jack Nicholson

CROOKLYN
Um Spike Lee intimista

GANGA BRUTA
O cinema brasileiro num grande momento

O HOMEM SEM FACE
A boa estréia de Mel Gibson na direção

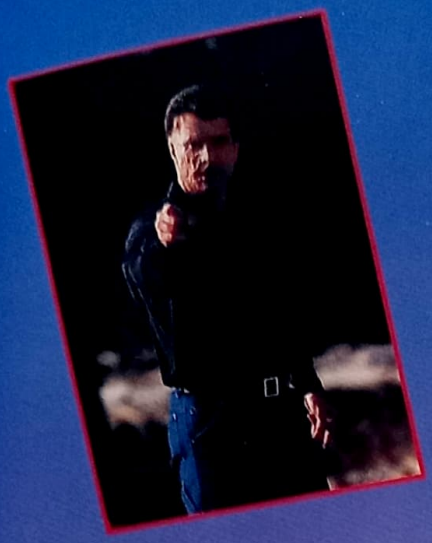
O REI LEÃO
UM CLÁSSICO ABSOLUTO DA ANIMAÇÃO

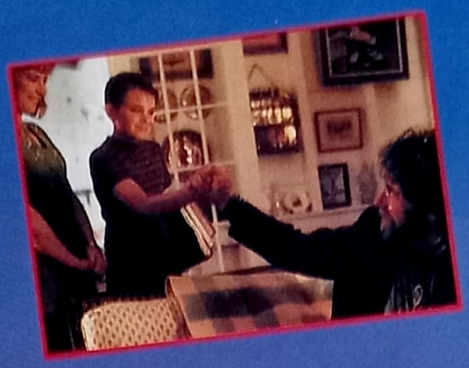
MEL GIBSON

O HOMEM SEM FACE

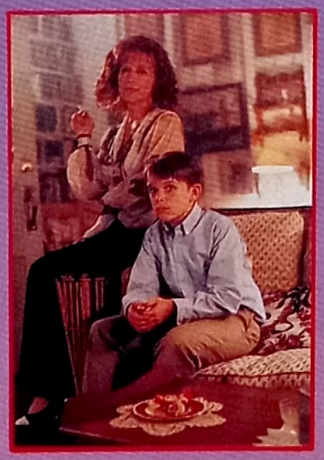
já na sua locadora

Um garoto órfão quase havia desistido de todos os seus sonhos...até que um homem acreditou nele o suficiente para que se tornassem realidade.





PARIS
A MAGIA DO VIDEO



PARIS
VIDEO FILMES

"THE MAN WITHOUT A FACE"
apresentando o garoto revelação do ano NICK STAHL
direção de MEL GIBSON

NOVO OESTE

65 MAVERICK
Nona maior bilheteria de 1994 nos EUA
68 GERÔNIMO – UMA LENDA AMERICANA
Elenco secundário rouba o espetáculo
68 QUATRO MULHERES E UM DESTINO
Belas atrizes em faroeste comercial

Quatro Mulheres e um Destino

RELAÇÕES FAMILIARES

78

62 CROOKLYN
Spike Lee experimenta o drama intimista
75 TEMPOS DE VIVER
Uma família em dificuldades na China revolucionária
78 O REI LEÃO
Há algo de podre no reino africano...

FANTASIA

66 LOBO
Jack Nicholson arrisca sua interpretação mais animalesca
66 FRANKENSTEIN
Boris Karloff ainda é a criatura definitiva
69 STARGATE
Alienígenas colonizaram o Egito antigo

Lobo

Frankenstein

O ASTRO E A ESTRELA

64 ADORO PROBLEMAS
Julia Roberts é uma repórter que abala o coração de Nick Nolte
70 O HOMEM SEM FACE
Mel Gibson faz as vezes de mestre e pai para um garoto

70

CIRANDA DE PAIXÕES

62 A VERDADEIRA HISTÓRIA SOBRE HOMENS E MULHERES
O cinema alemão elabora jogos de amor
63 SEREIAS
O desejo nos corações reprimidos

63

64 O MITO DO ORGASMO MASCULINO
O Canadá investiga a sexualidade do homem
70 GANGA BRUTA
Um clássico brasileiro da paixão
71 VEJA ESTA CANÇÃO
Histórias de amor e desamor na Cidade Maravilhosa
75 O PAR PERFEITO
Lesbianismo numa Nova York multiétnica

MUNDO

67 LA MADRE MUERTA
A Espanha sedia um conto mórbido de suspense
74 TÃO LONGE, TÃO PERTO
Anjos caem na Berlim unificada de Wim Wenders
74 FATA MORGANA
O alemão Werner Herzog registra o deserto do Saara
76 URGA – UMA PAIXÃO NO FIM DO MUNDO
O paraíso esquecido nas estepes da Mongólia

Tão Longe, Tão Perto

Artwork © 1994 Turner Pictures, Inc. Todos os Direitos Reservados.
© 1994 - AVENTURA

COMÉDIA

A VERDADEIRA HISTÓRIA SOBRE HOMENS E MULHERES ★★★

(Die Wahre Geschichte von Männern und Frauen, Alemanha, 1992) Direção: Robert van Ackeren. Com Sonja Kirchberger, Andrea Ferreol, Dieter Landuris. 94 min. Centaurus.

Parece que o humor alemão está se emendando, tornando-se leve e acessível. O diretor van Ackeren, depois do sombrio *Uma Mulher em Fogo* (83) e do sensual *A Armadilha de Vênus* (88), continua elaborando seus jogos de amor sem arrancar gargalhadas, mas transformando o espectador em um interessado cúmplice desta mescla do canadense *O Declínio do Império Americano* e do alemão *O Filósofo – Três Mulheres e o Amor*. Apesar do título pretensioso, o diretor apenas expõe divagações e algumas situações quase surreais (*à la Homens*, de Doris Dörrie) sobre a famigerada guerra dos sexos: cinco mulheres que abandonaram seus homens reúnem-se em uma casa onde fazem terapia em grupo para tentar identificar o parceiro ideal; ao mesmo tempo, contratam um serviçal submisso que catalizará interesses e discursos. Luminoso e astral.

Ch.P.

CROOKLYN – UMA FAMÍLIA DE PERNAS PRO AR ★★★★

INÉDITO NO CINEMA

Em busca do tempo perdido

É uma lástima que o mais novo filme de Spike Lee chegue ao Brasil diretamente em vídeo. Reflexo de um desempenho minguado na bilheteria americana (apesar da boa recepção da crítica), a decisão implica que os brasileiros deixarão de ver na tela grande uma das obras mais saborosas e bem-acabadas do diretor de *Faça a Coisa Certa*.

Ao contrário do filme que tornou Lee famoso, porém – e, na verdade, de todos que realizou até aqui –, *Crooklyn* não apresenta polêmicas. É uma crônica autobiográfica da vida de uma família negra no bairro nova-iorquino do Brooklyn no início dos anos 70. Pai músico frustrado, mãe professora e administradora férrea da rotina doméstica e uma multidão de filhos homens compõem o universo habitado pela garota Troy, a única filha, cujo ponto de vista vai progressivamente tomando conta da história.

Todas as virtudes de Spike Lee estão aqui: os diálogos rápidos (e ininterruptos), o talento inato para colocar a câmera no lugar certo, o humor atilado, o respeito aos personagens, o uso certeiro da música. E, de quebra, o diretor revela uma outra virtude que andava meio em falta em seus últimos trabalhos, como *Mais e Melhores Blues* e *Malcolm X*: a simplicidade.

É ela que torna alternadamente pungentes e cômicas as desventuras da família, e que limpa o território para as atuações primorosas de Alfre Woodard (que, no papel da mãe, arrasa no atacado e no varejo) e de Zelda Harris, como a encantadora e intrigante Troy. *Crooklyn* sem dúvida merecia destino melhor que a obscuridade da telinha.

(Crooklyn, EUA, 1994) Direção: Spike Lee. Com Alfre Woodard, Delroy Lindo, Zelda Harris, David Patrick Kelly, Spike Lee, RuPaul. 120 min. CIC.

Isabela Boscov

CIC

Delroy Lindo conversa com a filha, interpretada por Zelda Harris, na escadaria de sua casa no Brooklyn: toques autobiográficos

UMA LOIRA EM APUROS ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Chasers, EUA, 1994) Direção: Dennis Hopper. Com Tom Berenger, Erika Eleniak, William McNamara. 101 min. Warner.

Não resta a menor dúvida: Tom Berenger não tem talento. Basta prestar atenção nas suas primeiras aparições neste filme, em especial nos artifícios exagerados de que ele lança mão para fazer o durão mais óbvio da face da Terra (a voz rouca, o olhar enviezado). Agora, ruim mesmo é a direção de Dennis Hopper para uma história mais do que inspirada em *A Última Missão* (72), de Hal Ashby, em que dois marujos escoltam um prisioneiro da pesada. Aqui, o escoltado é uma loura escultural e perigosa. E a piada, bem como o filme, esgota-se aí. De qualquer forma, as "viúvas" do veterano rebelde Hopper podem gostar.

C.V.

CONTROLE REMOTO ★

INÉDITO NO CINEMA

(Remote Control, Islândia, 1992) Direção: Oskar Jónasson. Com Björn J. Fridbjornsson, Thorarinn Eyfjord. 79 min. LK-Tel/Columbia.

Homem de coragem, o diretor Jónasson: enviou para a mostra Un Certain Regard de Cannes-93 esta comédia sofrível que pouco tem a dizer a quem não faz parte do circuito *underground* de Reikjavik. O aparelho do título é o que a mãe do protagonista usa para assistir à TV. Quando a engenhoca desaparece, ela ameaça se livrar dos peixinhos dourados do filho, um bobalhão que acaba se envolvendo com gângsteres amadores. Nem dá para culpar a intragável dublagem em inglês: o elenco é mesmo um horror.

S.R.

O charme das três sereias (Macpherson no meio)

AS AVENTURAS DE NED KELLY ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Reckless Kelly, Austrália/EUA, 1993) Direção: Yahoo Serious. Com Serious, Hugo Weaving. 80 min. Warner.

Yahoo Serious, o nada memorável *Jovem Einstein*, produz, escreve, dirige e estrela esta versão muito peculiar da história do assaltante Ned Kelly. Ameaçado de perder sua ecológica ilha para um banqueiro malvado (Weaving, de *Priscilla*), Kelly deixa o pouco lucrativo ofício de roubar bancos australianos e vai para Hollywood estrelar filmes B. Arruma uma namoradinha com o sugestivo nome de Robin Banks, salva o meio ambiente da destruição e ainda se livra de seu vício por armas. Algumas piadas funcionam (como a dos cangurus que fazem barulho de mola quando pulam), mas é meio devagar e abusa da quota de bobagens permitida por filme.

I.B.

SEREIAS ★★★

Sensualidade e exuberância

Um episódio da vida do pintor australiano Norman Lindsay serve de base para a história desta comédia dramática. No início dos anos 30, o bispo de Sydney quer evitar que algumas pinturas "escandalosas" de Lindsay sejam expostas ao público. Um pastor recém-chegado da Inglaterra (Grant) e sua esposa (Fitzgerald) são enviados ao refúgio de Lindsay (Neill) para convencê-lo a mudar de idéia. Mas o ambiente sensual da casa do pintor, aquecido pela presença de três jovens e estonteantes garotas, abala a monótona vida conjugal do pastor.

O diretor e romancista John Duigan, inglês radicado na Austrália, mistura pitadas de D. H. Lawrence e algumas citações visuais do pré-rafaelismo em cenário exótico – e a resultante evoca em menor escala a tensão entre a repressão sexual vitoriana e a natureza exuberante do continente australiano, que Peter Weir levou ao máximo em *Piquenique na Montanha Misteriosa* (75). No final das contas, não fala muito sobre Lindsay, mas revela os dotes de atriz da top model Elle Macpherson.

(Sirens, Austrália, 1994) Direção: John Duigan. Com Hugh Grant, Tara Fitzgerald, Sam Neill, Elle Macpherson. 96 min. Top Tape.

MARCOS SMIRKOFF

Nick Nolte enfrenta Julia Roberts: da rivalidade profissional nasce o amor

Abril

ADORO PROBLEMAS ★★

Comédia romântica à antiga

Julia Roberts parece levar o título deste filme ao pé da letra. Só mesmo adorando muito ter uma série de problemas nas costas para entender o que a levou a protagonizar essa obra híbrida, ainda mais que a estrela (cadente?) não emplaca um sucesso desde *Uma Linda Mulher* (90), tendo voltado à ribalta com o apenas morno *O Dossiê Pelicano* (93).

A temperatura se mantém no mesmo patamar com *Adoro Problemas*. Ela aparece, bonita e quase sempre com pernas bem à vista, como uma jornalista tipo "foca esperta". Ao cobrir um suspeito descarrilamento de trem, ela cruza o caminho de um repórter veterano, o troglodita Nick Nolte (*O Príncipe das Marés*). A partir daí, cria-se a rivalidade e um óbvio interesse amoroso. O final tenta ser adrenalina pura.

É uma fórmula nos moldes das comédias românticas dos anos 40 que Katharine Hepburn e Spencer Tracy tão deliciosamente personificaram. Mesmo sendo um filme fácil de se ver (em especial em vídeo), com os tipos antagônicos de Roberts e Nolte rendendo alguns bons momentos, o roteiro avança em banho maria, reunindo clichês banais e oferecendo ao espectador uma trama repleta de furos. É muito pouco para manter o nome de Julia no primeiro escalão de Hollywood.

(I Love Trouble, EUA, 1994) Direção: Charles Shyer. Com Nick Nolte, Julia Roberts, Saul Rubinek, Robert Loggia, James Rebhorn. 123 min. Abril.

CHRISTIAN PETERMANN

LOVE IN LIMBO ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Austrália, 1992) Direção: David Elfick. Com Craig Adams, Aden Young, Russell Crowe. 95 min. NCA.

As cenas iniciais servem para torcer o nariz: jovem virgem meio nerd (Adams) esconde-se atrás de grossos óculos e está obcecado com a figura feminina. Vão-se os idos dos anos 60. A imagem que se tem é a de mais um filme sobre (des)venturas na nostálgica década do *boom* sexual. Felizmente, o roteiro constrói situações, mesmo que banais, apoiadas em personagens simpáticos. Ingênuo e animado, o filme carrega a marca do cinema australiano e elabora um entrecho antes de mais nada humano e verossímil, com tramas paralelas consistentes e momentos hilários, como a rebelião das prostitutas de um bordel bem na hora em que os protagonistas tentam tirar o atraso.

C.H.P.

O MITO DO ORGASMO MASCULINO ★★★

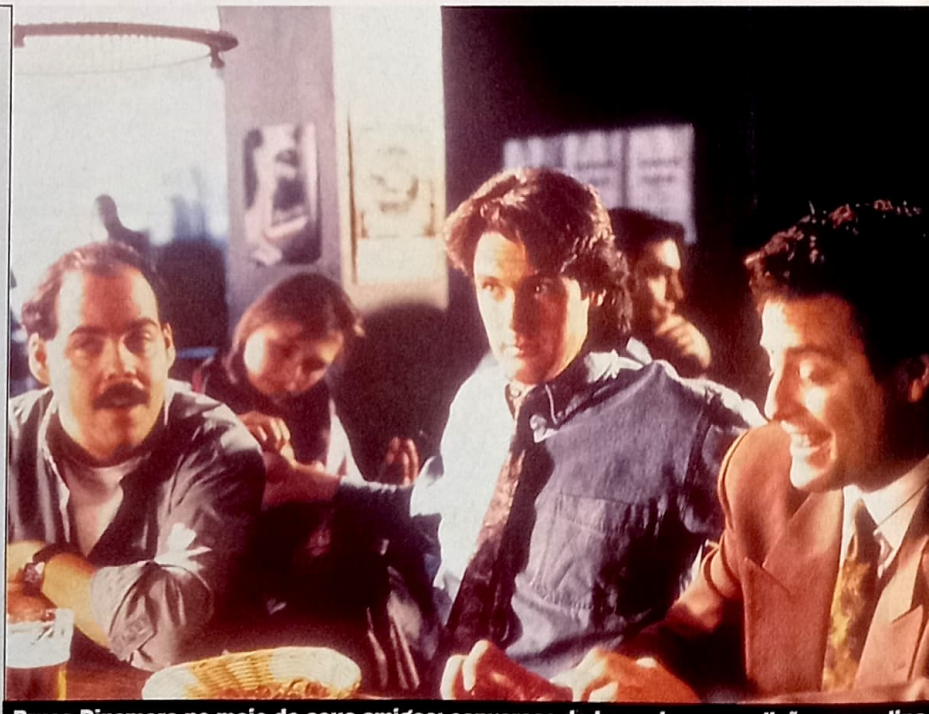
O homem é o sexo frágil

Bruce Dinsmore é um professor de Psicologia que se oferece como voluntário em um projeto alternativo coordenado por outra colega, a bela Miranda de Pencier. Nas sessões, ele não pode vê-la. Ambos discutem o papel do homem e da mulher nos relacionamentos afetivos. Paralelamente, o personagem de Dinsmore compartilha a evolução de sua nova forma de terapia com dois outros amigos – os três representam os arquétipos mais comuns do sexo masculino – e vive uma complicada história de amor.

As duas linhas narrativas caminham separadas até se cruzarem no final. A fórmula é batida, mas Hamilton a usa com grande domínio de linguagem. É um dos poucos filmes que mostra o ponto de vista do homem nos relacionamentos, sendo que ele é peculiarmente mostrado como o sexo frágil.

(The Myth of the Male Orgasm, Canadá, 1993) Direção: John Hamilton. Com Bruce Dinsmore, Miranda de Pencier, Mark Camacho, Ruth Marshall. 90 min. Centaurus.

ALESSANDRO GIANNINI



Bruce Dinsmore no meio de seus amigos: conversas de bar sobre a condição masculina

Jodie Foster se assusta, Mel Gibson defende o seu e James Garner tenta manter a ordem: jogo de pôquer conturbado

VIDA NO CAMPO ★★★

(Country Life, Austrália, 1994) Direção: Michael Blakemore. Com Sam Neill, Greta Scacchi, John Hargreaves, Kerry Fox, Michael Blakemore. 117 min. Capital.

INÉDITO NO CINEMA

Ao fim da Primeira Guerra, o mundano crítico teatral Alex (Blakemore, também diretor e roteirista) volta para sua fazenda na Austrália em companhia de Deborah, sua nova mulher (Scacchi). Lá, o casal se tornará uma complicação adicional na vida de Sally (Fox), a filha que Alex deixou para trás na juventude, e de seu tio Jack. Alex, idoso e ranzinza, insiste em reorganizar a rotina doméstica à sua volta, enquanto a bela e deprimida Deborah logo deixa em alvoroço os corações do tio Jack e do liberal dr. Max (Neill). Vagamente inspirada no *Tio Vanya* de Chekhov, esta comédia dramática atinge temperaturas não mais que amenas, e raramente consegue esconder sua origem teatral. Mas tem bons diálogos e um elenco eficiente, com destaque para Sam Neill (de *Jurassic Park*) e John Hargreaves, no papel do cômico e desesperado Jack.

I.B.

MAVERICK ★★★

Bom enquanto dura

Como é que um filme bem realizado, cheio de gente simpática e bonita, com o teor certo de aventura e que tem pelo menos três ótimas piadas pode ser uma chatice, como defende a revista *Entertainment Weekly*, que colocou *Maverick* em sua relação dos piores de 1994? Está certo que, mal terminada a projeção (ou a sessão de vídeo), já se esqueceu o que se estava vendo. Mas pelo menos há a garantia de duas horas passadas num Oeste repleto de lances cômicos e folhetinescos, tensas rodadas de pôquer, fugas impossíveis, romances atrapalhados e identidades trocadas.

Talvez o que atrapalhe em *Maverick* seja a expectativa criada pelos nomes envolvidos no projeto: o roteiro, assinado pelo William Goldman de *Butch Cassidy*, inspira-se numa das mais bem-sucedidas séries de TV dos anos 60; a direção é de Richard Donner, o mesmo da série *Máquina Mortífera*; e o elenco é encabeçado pelas estrelas Mel Gibson, Jodie Foster e James Garner (o Maverick original). O resultado, em contrapartida, não tem nada de peso pesado: é *light* ao extremo.

Bret Maverick (Gibson) é um jogador e trapaceiro profissional empenhado em levantar os US$ 25 mil necessários para entrar num torneio de pôquer. Enquanto enrola seus parceiros de mesa, tenta desvencilhar-se da charmosa picareta Anabelle (Foster), com quem conduz um namorico, e é perseguido pelo xerife Zane Cooper (Garner), que não lhe larga o pé. Ao longo do caminho, os três se envolvem com ladrões de banco (na melhor surpresa do filme), enfrentam um índio fajuto (Graham Greene, em participação hilariante) e passam a perna um no outro. E pronto.

É verdade que nem sempre as soluções para tantos apuros são as mais originais, e que às vezes as falas de Mel Gibson parecem ter sido reaproveitadas de filmes do canastrão Burt Reynolds. É verdade também que o diretor não fez tão bonito quanto o relativamente desconhecido Andrew Davis, que levou à tela grande *O Fugitivo*, outra telessérie. Mas não são falhas imperdoáveis, e nem chegam a comprometer a diversão.

(EUA, 1994) Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson, Jodie Foster, James Garner, Graham Greene, James Coburn, Alfred Molina, Max Perlich. 129 min. Warner.

Isabela Boscov

TERROR

LOBO ★★★

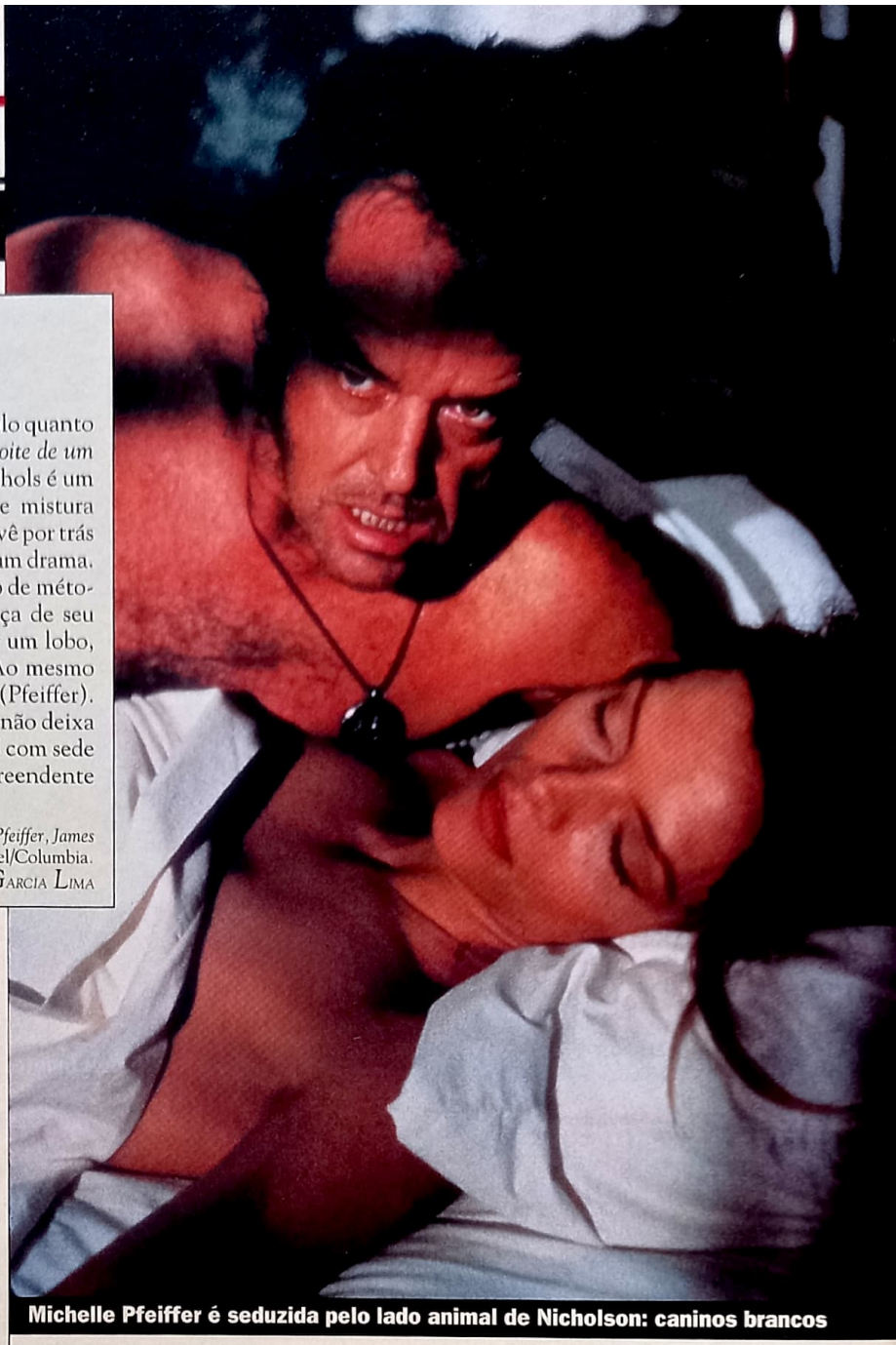
Terror dramático

Diretor irregular, com filmes tão diferentes no currículo quanto *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* (66), *A Primeira Noite de um Homem* (67) e *Uma Secretária de Futuro* (88), Mike Nichols é um especialista em dramas hollywoodianos. Em *Lobo*, ele mistura suspense e um pouco de terror. No final, porém, o que se vê por trás de tudo é um homem em crise – componente básico de um drama.

Will Randall (Nicholson) é um editor nova-iorquino de métodos um tanto ultrapassados, que não percebe a ameaça de seu pupilo Stewart Swinton (Spader). Ao ser mordido por um lobo, ele se transforma em lobisomem sob os raios da lua. Ao mesmo tempo, é despedido e se envolve com a filha do ex-chefe (Pfeiffer). Apelativo, o ritmo da história ao menos é intenso, mas não deixa de ser constrangedor ver Nicholson bancando o animal com sede de sangue. A produção é correta, mas não é mais surpreendente que um mero trem-fantasma.

(Wolf, EUA, 1994) Direção: Mike Nichols. Com Jack Nicholson, Michelle Pfeiffer, James Spader, Christopher Plummer, Kate Nelligan, Richard Jenkins. 122 min. LK-Tel/Columbia.

CESAR GARCIA LIMA



Michelle Pfeiffer é seduzida pelo lado animal de Nicholson: caninos brancos

O HORROR NOSSO DE CADA DIA ★★★
(Vault of Horror Volume III, EUA, 1994) Direção: Stephen Hopkins, Stephen E. DeSousa, Tom Hanks. Com Beau Bridges, Tony Goldwyn, Kyle MacLachlan, Treat Williams, Frances Sternhagen, Tom Hanks. 83 min. Mundial.

A novidade nesta coletânea com histórias capitaneadas pela sorridente caveira fica por conta da estréia de Tom Hanks na direção. Quem está acostumado com os personagens pacatos do ator, assusta-se ao ver Hanks carregando no sangue de mentira e nos cadáveres para contar a história de um malandro (Williams) que se casa com mulheres mais velhas para em seguida matá-las e "herdar" a fortuna. O melhor episódio é o segundo, no qual MacLachlan se vê às voltas com um abutre no meio do deserto – cuidado com o estômago. Já a primeira história é uma sufocante brincadeira com a vida após a morte. Os fãs do gênero com certeza não terão do que reclamar.

SÉRGIO MARTINS

A clássica cena da ternura entre fera e bela

FRANKENSTEIN ★★★★

A criação de um mito

Em 1931, quando surgiu esta versão de *Frankenstein*, não existia ainda o chamado terror explícito, com muito sangue e tripas. Nem se previa a série de seqüências, imitações ou refilmagens que iriam aparecer. Até então, o livro de Mary Shelley já tivera versões em 1902 e 1910 e até mesmo na Itália.

Whale não quer chocar o espectador, mas é fácil imaginar o impacto que o filme causou nas platéias da época. Esta versão não se baseia exatamente no livro, e sim na peça *Frankenstein: an Adventure in the Macabre*, encenada em Londres em 1930. Embora rodada quase inteiramente em estúdio, não é teatral e denota a influência de filmes expressionistas como *Golem* e *O Gabinete do Dr. Caligari*.

O monstro é humanizado (como na cena em que estende as mãos para a luz que vem de uma janela), e a direção é fluente e rápida – mas sem os paroxismos da atual versão de Kenneth Brannagh. O sucesso de *Frankestein* tornou universalmente famoso Boris Karloff, que não foi a primeira escolha para o papel, e sim Bela Lugosi. Este não gostou do roteiro porque o monstro não tinha falas, e Lugosi era orgulhoso de sua voz. A cópia lançada agora é a restaurada em 1987.

(EUA, 1931) Direção: James Whale. Com Boris Karloff, Colin Clive, Mae Clark, John Boles. 71 min. Continental.

CARLOS M. MOTTA

Paris

POLICIAL/SUSPENSE

A INOCÊNCIA PERDIDA ★★★

Noir em doses homeopáticas

Fallen Angels é uma série do canal a cabo Showtime co-produzida pelo cineasta Sydney Pollack. São adaptações de contos policiais que resultam em curtas de cerca de trinta minutos cada, sempre reverentes ao gênero *noir*, a começar pela introdução, em preto-e-branco e com câmera tortuosa, na qual a *hostess* Lynette Walden divaga sobre algum aspecto obscuro da personalidade humana.

Da primeira fita, que a distribuidora coloca no mercado este mês, pôde se assistir a "Atirando pela Culatra", a partir de um conto de Jonathan Craig. Dirigido por Steven Soderbergh (*sexo, mentiras e videotape*), é uma inesperada história envolvendo a estranha relação entre um policial (Mantegna), que ama a filha pós-adolescente mais do que qualquer coisa na vida, e sua parceira (Bedelia), que tortura prostitutas para obter informações. Boa idéia e realização sufocante. Os outros episódios: "Aguardando um Milagre", de e com Tom Hanks, e "Morrer por Delia", de Phil Joanou, com Gary Oldman e Gabrielle Anwar.

Já em abril, a Paris coloca a segunda fita no mercado. Apenas "Atados pelo Crime", de Alfonso Cuaron, foi assistido. A partir de um conto de Cornell Woolrich, revela a dúvida de Laura Dern: ela deve ou não se entregar ao milionário interpretado por Alan Rickman, ainda mais que este está envolvido com uma caça-dotes (Lane). Uma morte paira no ar. O resultado é morno, apesar da belíssima produção e da trilha jazzística. Outros episódios: "Contra-Golpe", de Tom Cruise, com Isabella Rossellini, e "Entre a Cruz e a Espada", de Jonathan Kaplan, com James Woods.

(Fallen Angels, EUA, 1993) Direção: Steven Soderbergh, Alfonso Cuaron. Com Joe Mantegna, Bonnie Bedelia, Peter Gallagher, J. E. Freeman, Laura Dern, Alan Rickman, Diane Lane, Robin Bartlett. Paris.

CHRISTIAN PETERMANN

Laura Dern dá as costas ao seu amado (Alan Rickman): suspeita de morte

UM TIRA DA PESADA III ★★

(Beverly Hills Cop III, EUA, 1994) Direção: John Landis. Com Eddie Murphy, Judge Reinhold, Hector Elizondo, Bronson Pinchot. 100 min. CIC.

A estrela desce: Eddie Murphy apelou para mais *Um Tira da Pesada* para tentar recuperar a carreira. Agora, o chefe de Axel é brutalmente assassinado durante um conflito com bandidos que se mandam, claro, para Los Angeles. O tira vai atrás, reencontra seus amigos Billy (Reinhold), agora um burocrata da polícia, e Serge (Pinchot), cabeleireiro afetado que garante a graça da fita. Descobre logo que a gangue fabrica grana em um fantástico parque de diversões, palco de uma antológica cena na roda gigante, um *frisson* garantido. O diretor Landis, como de costume, salpica participações especiais de gente como George Lucas e Joe Dante. Esta seqüência é melhor do que o *Tira II*. Mas Eddie ainda fica devendo um filme recente realmente da pesada.

C.A.C.

VTI

Ana Alvarez, à direita, transmite em sua personagem o trauma do passado

LA MADRE MUERTA ★★★★

Um mórbido ajuste de contas

Um dos filmes preferidos do público na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo de 1994 (premiado nos festivais de Montreal, Estocolmo e Porto Rico), *La Madre Muerta* conquista o espectador principalmente pelo esmero visual e pela interpretação da atriz Ana Alvarez. Ambos são grandes responsáveis por evitar que o ponto de partida do roteiro escrito pelo diretor (junto com seu irmão Eduardo) resvale em psicologia barata e morbidez gratuita.

Karra Elejalde interpreta um desajustado violento que, há alguns anos, matou uma mulher durante um assalto, tendo como testemunha a filha pequena. Anos depois, ele a reencontra numa clínica para deficientes mentais, traumatizada. A bela composição de Ana Alvarez foge dos matizes mais óbvios e constrói em detalhes uma personagem trágica e triste. Ismael, o contraventor, quer ter certeza que ela não representará perigo, nem que para isso tenha que eliminá-la. Começa um asfixiante jogo de gato e rato.

O diretor Ulloa compõe essa sua pequena tragédia particular de forma barroca, com maneirismos imagéticos e uma especial predileção por tons escuros. O filme é sombrio como a psique que move cada personagem do filme. A tensão, quando há, é quase insuportável. E se depois da metade a história parece perder um pouco seu rumo e concisão, o final redime qualquer escorregada. As seqüências conclusivas injetam, de repente, um rasgo inesperado de humanidade à história. É emoção pura.

(Espanha, 1993) Direção: Juanma Bajo Ulloa. Com Karra Elejalde, Ana Alvarez, Lio, Silvia Marso, Elena Irureta. 112 min. VTI.

CHRISTIAN PETERMANN

FAROESTE/AVENTURA

20/20 Vision

Wes Studi (Gerônimo) une seus interesses aos de Patric

GERÔNIMO – UMA LENDA AMERICANA ★★★

Homens solitários no vasto Oeste

O diretor Walter Hill (*Warriors*, *48 Horas*) é especialista em filmes "de macho": violência, tiroteios e homens em conflito são o território que ele divide com cineastas da linhagem de Sam Peckinpah e John Ford. Este último, aliás, é o grande homenageado deste western temporão, baseado na história do líder apache Gerônimo, que durante anos desafiou o Exército americano e acabou virando grito de guerra.

Como nos filmes de Ford, aqui o próprio Oeste é o personagem principal. Sua vastidão e desolação (magnificamente fotografadas) fazem de cada homem um solitário. Mas Hill não dispõe de um protagonista com o carisma de John Wayne. Tudo que ele tem é o bonitão insosso Jason Patric (*Os Garotos Perdidos*), como um tenente que se sensibiliza com a subjugação do povo apache e se torna amigo de Gerônimo (Studi).

É verdade que Gene Hackman está no elenco, como o chefe das tropas encarregadas de caçar Gerônimo, e que Robert Duvall tem um belo desempenho como um mercenário que dedica sua vida a rastrear o apache. Mas a forte história (roteirizada por John Milius, de *Apocalypse Now*) e a estupenda cenografia não encontram correspondente nos personagens. A impressão que fica é a de um filme bom, mas que não se realiza completamente.

(Geronimo: An American Legend, EUA, 1993) Direção: Walter Hill. Com Jason Patric, Wes Studi, Gene Hackman, Robert Duvall, Kevin Tighe, Scott Wilson. 115 min. 20/20 Vision.

ISABELA BOSCOV

NA TRILHA DOS FUGITIVOS ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Desperate Trail, EUA, 1994) Direção: Paul Pesce Jr. Com Sam Elliott, Craig Sheffer, Linda Fiorentino, Frank Whaley. 93 min. Europa/Carat.

Cinema é mesmo a arte da ilusão. Entre outras coisas, proporciona aos fãs de um ator vê-lo morrer e ressuscitar infinitas vezes. Sam Elliott, por exemplo, já morreu pelo menos duas vezes (*Matador de Aluguel*; *Anjos Assassinos*). Ele volta ao poeirão do velho Oeste, depois de atuar em *Tombstone*, neste western inteligente e curioso no qual interpreta um xerife obcecado em prender uma fugitiva condenada à forca (Fiorentino, atriz-sensação de *O Poder da Sedução*). Ela se envolve, porém, com o ladrão Jake (Sheffer), e os dois protagonizam uma espécie de *Bonnie & Clyde* do Oeste, com direito a perseguições e fugas do arco da velha.

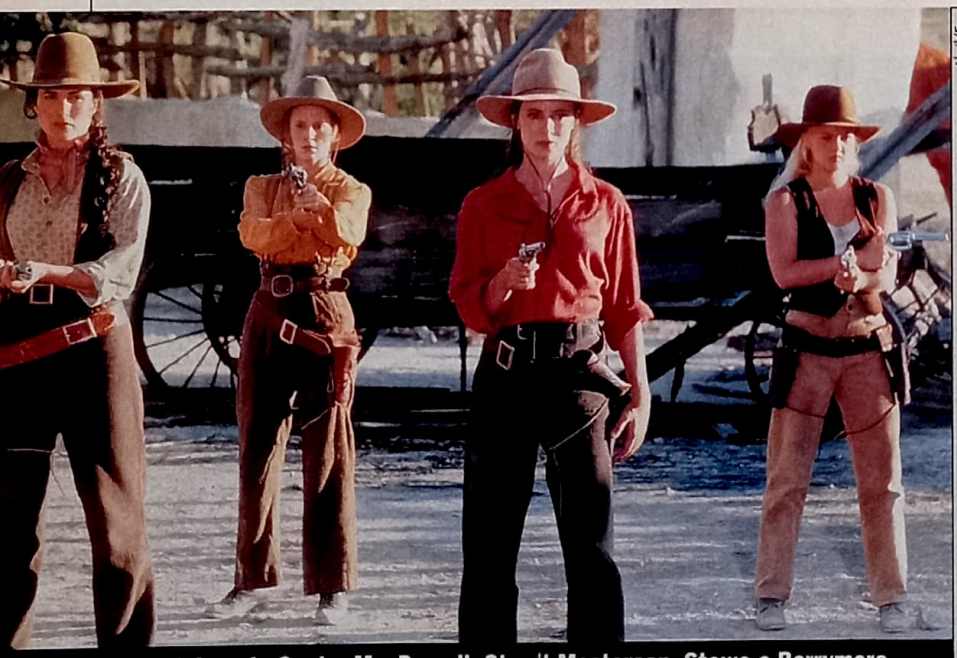
FATIMA GIGLIOTTI

VALDEZ, O MESTIÇO ★★

(The Valdez Horses/Chino, Itália, 1973) Direção: John Sturges. Com Charles Bronson, Jill Ireland, Marcel Bozzuffi, Vincent Van Patten. 95 min. Opção.

O norte-americano Sturges (*Sete Homens e um Destino*) fez na Europa um western sereno, sem vitoriosos. A maior parte do filme se ocupa com as histórias que Chino Valdez (Bronson) conta ao menino Jimmy (Van Patten), em especial sobre seu amor aos cavalos. A louvação eqüínea se mescla a um romance com a vizinha Catherine (a falecida Jill, esposa de Bronson na vida real). Mas tanto nessas cenas pacifistas como nas com violência e ação física (que surgem só do meio da narrativa em diante), Sturges não demonstra o mesmo vigor de seus outros filmes. E a qualidade irregular da cópia prejudica ainda mais a apreciação.

A.S.


Abril/Fox

As pistoleiras do Oeste: MacDowell, Stuart Masterson, Stowe e Barrymore

QUATRO MULHERES E UM DESTINO ★★

Sexismo no Oeste

Quatro Mulheres e um Destino é uma empreitada comercial no pior sentido da palavra. Todo o problema é juntar quatro atrizes conhecidas e calcular quanto a soma de seus nomes, multiplicada ao prestígio recém-reencontrado do faroeste, poderia render na bilheteria.

Não é um cálculo condenável em si, mas quando ele se torna a substância da empreitada, a coisa desanda. E de pouco adianta recorrer ao feminismo (na história, quatro prostitutas, oprimidas socialmente no velho Oeste, tornam-se bandoleiras): dos trajes que vestem aos ultrajes que sofrem, tudo é sem imaginação ou vigor.

E, se essas garotas manejam bem o Colt, seria justo esperar que o diretor tivesse aprendido algo com Clint Eastwood. Faroeste é como jazz, ou se faz com sentimento ou é de mentira.

(Bad Girls, EUA, 1994) Direção: Jonathan Kaplan. Com Madeleine Stowe, Mary Stuart Masterson, Andie MacDowell, Drew Barrymore, Dermot Mulroney, James Russo, Robert Loggia. 99 min. Abril/Fox.

INÁCIO ARAUJO

AVENTURA NO DESERTO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Across the Moon, EUA, 1994) Direção: Lisa Gottlieb. Com Christina Applegate, Elizabeth Peña, James Remar, Burgess Meredith. 87 min. Cannes.

Duas mulheres – uma ex-presidiária (Peña) e uma dondoca de Beverly Hills (Applegate) – se mudam para um trailer no meio do deserto só para ficarem próximas da cadeia em que seus homens cumprem pena por excesso de estupidez. O que essa história pode ter de interessante? Muito pouco. A simpatia das atrizes não salva o roteiro fraco. Boas idéias como a da cidade cenográfica abandonada, que serve de abrigo para as amigas, ou a do velhinho rabugento, que deixa uma mina de ouro para o filho pequeno de uma delas, naufragam em meio à falta de conflitos. F.G.

BLACK FOX – A RAPOSA NEGRA ★★★

(Black Fox, EUA, 1994) Direção: Steven H. Stern. Com Christopher Reeve, Tony Todd, Raoul Trujillo. 90 min. Betta.

Esta é a primeira vez que o ex-Super Homem, isto é, Christopher Reeve, trabalha em um faroeste. O roteiro deste telefilme, cujo final sugere uma continuação, acrescenta aos ingredientes do gênero tópicos sobre racismo entre brancos, índios e negros. O "mocinho" da história é Britt (Todd, de *O Mistério de Candyman*), filho de escravos que se incumbe de resgatar mulheres e crianças seqüestradas por índios revoltados (entre eles, a esposa de Reeve e a mulher e filho de Todd). Uma luta entre Britt e um índio à beira de um poço com cascavéis oferece instantes de bom suspense.

C.M.M.

FICÇÃO

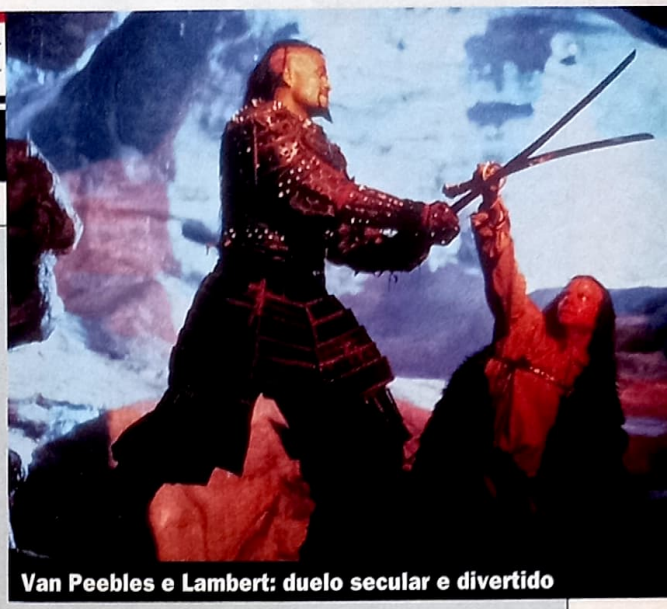
HIGHLANDER 3 – O FEITICEIRO ★★

História em quadrinhos

Os fãs de Highlander acham que ele já exterminou todos os bandidões imortais. Sinto informar: existe ainda outro pirado medieval que quer afiar sua lâmina na cabeça mal barbeada de nosso herói. Há séculos, os dois se enfrentaram no Japão, na caverna de Nakano, mestre criador de ilusões. No confronto, Jake, o Mágico (Van Peebles) mata o mestre, toma seus poderes, mas acaba soterrado com dois comparsas. As escavações de uma competente arqueóloga liberam o assassino, que então experimenta a vida moderna, do automóvel à camisinha.

Até o duelo final bem clichê, o filme tem ritmo de videoclip e um roteiro que é um samba do escocês doido. Muita porrada, a transa do herói com a arqueóloga (reencarnação de sua antiga amada), belas paisagens, efeitos especiais e a presença cuidadosamente descuidada de Lambert. Um gibizão de celulóide. Manjado, mas divertido.

Top Tape



Van Peebles e Lambert: duelo secular e divertido

(Highlander 3 – The Sorcerer, Canadá, 1994) Direção: Andy Morahan. Com Christophe Lambert, Mario Van Peebles, Deborah Unger. 100 min. Top Tape.

CELSO ALVES CRUZ

Spader, de óculos, espanta-se com as figuras que encontra do outro lado do portal

Mundial/Look

STARGATE ★★

Eram os deuses astronautas?

O mistério ancestral das pirâmides egípcias seduz a humanidade há séculos. O escritor alemão Erich von Däniken lançou a hipótese de as grandiosas construções terem contado com direta intervenção alienígena. O mirabolante roteiro de *StarGate*, co-assinado pelo diretor, o também alemão Roland Emmerich (*Soldado Universal*), parte desse princípio para elaborar uma aventura que gastou US$ 60 milhões em sua produção.

Grupo de arqueólogos descobre gigantesco anel durante escavações próximas a uma pirâmide. Trata-se de um portal do tempo e do espaço. Uma equipe liderada por um militar (Russell) e um egiptólogo (Spader) se oferece para registrar o que há do outro lado. Vão parar em planeta árido e rústico, habitado por um povo escravo nas mãos de uma entidade mágica e tirana (Jaye Davidson, a surpresa de *Traídos pelo Desejo*).

Amantes da ficção podem se deleitar com lagos recriados por computação gráfica, criaturas que lembram *O Império Contra-Ataca*, naves de curioso *design* e figurinos impressionantes. Já o espectador mais exigente vai sentir a falta de uma história melhor. O grande defeito do filme é o vilão: prepara-se o terreno para algo malévolo, mas o que se oferece é um Jaye Davidson que recebeu US$ 1 milhão para fazer caras e bocas, sentar e levantar, e perder o humor por alguns momentos. Só mesmo um povo imaturo para temer tal figurinha!

(EUA, 1994) Direção: Roland Emmerich. Com Kurt Russell, James Spader, Jaye Davidson, Viveca Lindfors, John Diehl. 120 min. Mundial/Look.

CHRISTIAN PETERMANN

DRAMA

O HOMEM SEM FACE ★★★

Temas clássicos

Quando Mel Gibson anunciou que iria passar à direção, ninguém imaginou que o cinema ganharia um novo Orson Welles. E com razão. O resultado, porém, é melhor do que faria supor sua imagem de galã. Sabiamente, o ator escolheu temas clássicos – o encontro de dois excluídos e a entrada no mundo adulto – para testar suas habilidades. Mas não arriscou demais, preferindo atenuar o conteúdo homossexual do livro de Isabelle Holland em que o filme se baseia.

De um lado está o garoto Chuck (o estreante Nick Stahl) que, no limiar da adolescência, tenta superar a influência da mãe e das irmãs e estabelecer alguma conexão com o mundo masculino. Do outro, temos o ex-professor McLeod (Gibson), que vive no isolamento devido a seu rosto deformado. Necessitado de ajuda acadêmica, Chuck procura furar o bloqueio de McLeod, e logo ambos passarão a se complementar mutuamente – Chuck no papel do discípulo, e McLeod no papel do pai suicida que o menino perdeu.

Embora não fuja aos clichês, Gibson mostra discrição e sensibilidade para tratar de amizade e, mais além, de identidade espiritual e intelectual. Não chega a arrebatar, mas satisfaz.

(The Man Without a Face, EUA, 1993) Direção: Mel Gibson. Com Gibson, Nick Stahl, Margaret Whitton, Fay Masterson, Geoffrey Lewis, Richard Masur. 114 min. Paris.

ISABELA BOSCOV

Paris

Gibson e Stahl abandonam a relação professor/aluno e

LUTANDO PELA JUSTIÇA ★★★
(For Their Own Good, EUA, 1992) Direção: Ed Kaplan. Com Elizabeth Perkins, Laura San Giacomo, CCH Pounder. 95 min. Inter Movies.

Telefilmes americanos freqüentemente encenam fatos verídicos que causaram celeuma e reações coletivas. Este aqui registra o drama das operárias que, em 1984, foram coagidas à esterilização pela indústria em que trabalhavam, sob a ameaça de perda de emprego. O conflito se mescla à crise conjugal de Sally (Perkins) e gera processo jurídico. A direção é correta, concentrando-se nas atuações. E nesse sentido, a de CCH Pounder (*Bagdad Café*), como Naomi, é comovente, sobretudo quando essa personagem sempre altiva toma consciência de seu esmorecimento.

A.S.

Sagres/Riofilme

Durval Bellini arma um jogo de sedução com Déa Selva: prenúncio da tragédia

GANGA BRUTA ★★★★★

Brasil com S

O Brasil costuma valorizar mais as exceções e os lampejos de gênio do que os trabalhos em seqüência. Daí Mário Peixoto ser mais reconhecido por um único filme, *Limite*, do que Humberto Mauro por toda a sua obra.

São trabalhos incomparáveis, em vários aspectos. Mas a saída de *Ganga Bruta* em vídeo colocará em evidência certos valores fundamentais de Mauro. É um cineasta cujo experimentalismo e virtuosismo são secundários (vistos retrospectivamente).

Tudo em *Ganga Bruta*, da paisagem à intriga, poderia existir sem o cinema. E nisso consiste, em grande parte, o segredo de sua permanência. Logo de início, um homem mata sua mulher na noite de núpcias. Depois, torna-se diretor de uma grande fábrica, corteja outra mulher etc.

Num belo enredo melodramático, Mauro introduz elementos constantes disso que se pode chamar "brasilidade": a sensualidade, a repressão, a violência, o lirismo. Mas a sobrevivência, a modernidade do filme vem de uma qualidade impalpável: a certeza que nos transmite de estar lidando não com seres de cinema, mas com seres vivos. Isso conta mais do que seqüências inesquecíveis, como a descrição de uma fábrica sendo construída, brincadeiras eróticas num jardim, ou uma briga de bar. *Ganga Bruta* é filme para ser, ao mesmo tempo, amado e admirado.

(Brasil, 1933) Direção: Humberto Mauro. Com Durval Bellini, Déa Selva, Lu Marival, Carlos Eugênio. Música: Radamés Gnatalli. Sagres/Riofilme.

INÁCIO ARAUJO

relaxam por um instante: o começo de uma grande amizade

tempo todo pedindo desculpas. Parece um conto de fadas.

C.P.

A SUBSTITUTA ★★
(The Substitute Wife, EUA, 1994). Direção: Peter Werner. Com Lea Thompson, Peter Weller, Farrah Fawcett. 92 min. América.

INÉDITO NO CINEMA

No Nebrasca do século 19, uma mulher (Thompson, da série *De Volta Para o Futuro*) sente dores terríveis e intui que está à beira da morte. Com quatro filhos pequenos, ela procura então uma nova esposa para seu marido, e só uma prostituta (Fawcett) aceita a oferta. Com este ponto de partida absurdo, o melhor da história é a boa reconstituição de época, o que não salva um filme.

C.G.L.

VEJA ESTA CANÇÃO ★★

Parceria pioneira

O que existe de mais auspicioso neste filme é o fato de ser uma co-produção com a televisão. Essa parceria do cinema com a TV, freqüente em outros países (notadamente na Itália), é pioneira no Brasil. Oxalá venham outras (como é também o caso de *Sombras de Julho*, de Marco Altberg). Os quatro episódios que formam a narrativa foram exibidos isoladamente pela Rede Cultura de São Paulo (a co-produtora), mas a realização já previa o agrupamento das histórias para exibição em cinema e vídeo. Só que, apreciados de uma só vez, os relatos carecem de vigor.

Com histórias inspiradas em canções de Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque e Jorge Benjor (a única composta exclusivamente para o filme), a obra tem ângulos infelizes e é, na maior parte do tempo, extremamente óbvia, sem clima e com evidentes intenções de brilho fácil. Isso fica patente na parte dos meninos de rua, quando Diegues faz menção ao massacre da Candelária e usa e abusa de efeitos visuais. Salvam-se os momentos que mostram o renascer amoroso da costureira (Fernanda Montenegro, sempre magnífica) e as incertezas conjugais da dondoca que Débora Bloch valorizou com seu notável talento de comediante.

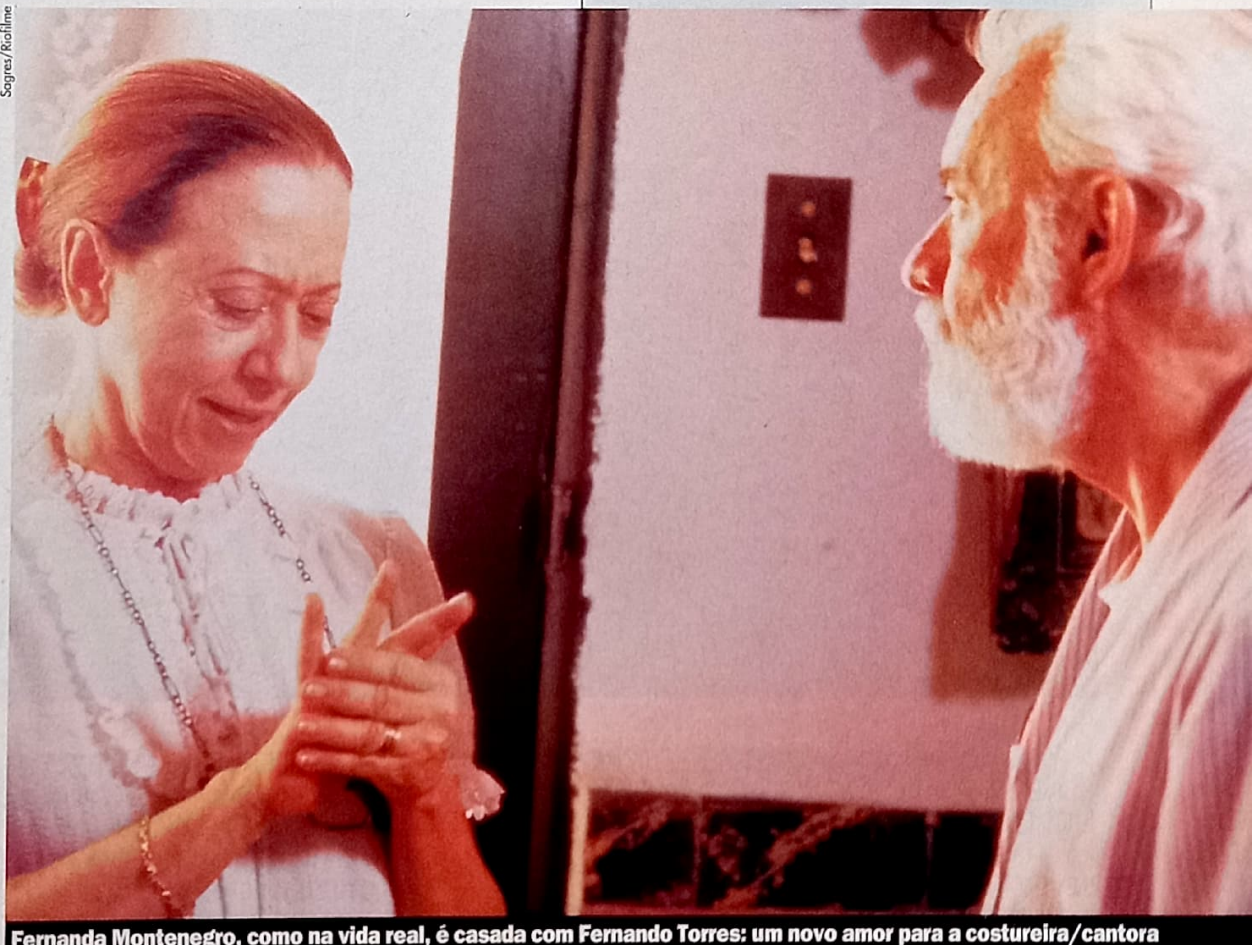
(Brasil, 1994) Direção: Carlos Diegues. Com Fernanda Montenegro, Débora Bloch, Emílio de Mello, Leon Góes, Pedro Cardoso, Fernando Torres, Chico Diaz. 115 min. Sagres/Riofilme.

ALFREDO STERNHEIM

COLEGAS DE QUARTO ★★★
(Roommates, EUA, 1993) Direção: Alan Metzger. Com Randy Quaid, Eric Stoltz, Elizabeth Peña, Charles Durning. 94 min. Paris.

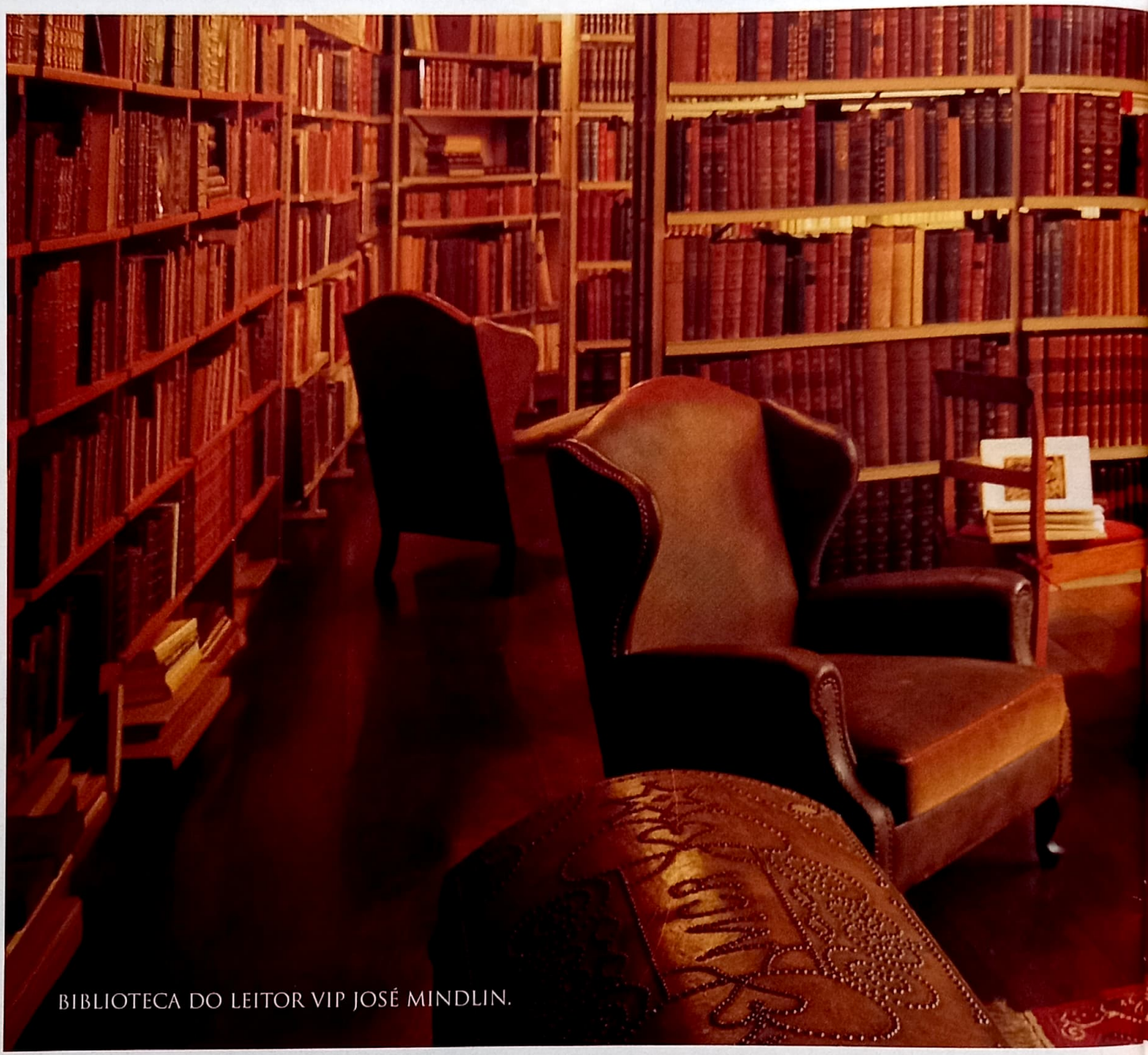
O Beijo da Mulher Aranha em tempos de *Filadélfia*. Este filme bem intencionado, pudico e um tanto superficial apoia-se no excelente elenco e em alguns momentos de inegável apelo emocional para contar a história de dois aidéticos muito diferentes entre si que dividem o mesmo quarto em uma clínica-residência especializada. Um deles é ex-detento (Quaid), machão e homófobo, que foi submetido a uma transfusão de sangue na penitenciária; o outro é um intelectual homossexual de boa família (Stoltz). O conflito é óbvio, a posterior amizade também, assim como todas as lições de vida previsíveis num roteiro tão politicamente correto que os personagens passam o

Sagres/Riofilme



Fernanda Montenegro, como na vida real, é casada com Fernando Torres: um novo amor para a costureira/cantora

VIP EXAME. NAS MELHORES



BIBLIOTECA DO LEITOR VIP JOSÉ MINDLIN.

VIP EXAME É UMA REVISTA QUE NASCEU EM BERÇO DE OURO. SEU SOBRENOME NÃO DEIXA DÚVIDAS DE ONDE ELA VEM.

DEPOIS DE 13 ANOS FAZENDO PARTE DA REVISTA EXAME, ELA PARTE PARA SUA VIDA PRÓPRIA. E QUE VIDA: COMEÇA AMPLIADA, COM MAIS DE 120 PÁGINAS. SUA LINHA EDITORIAL É RIQUÍSSIMA. ROTEIROS TURÍSTICOS DIFERENTES E EXÓTICOS. CARROS COM QUILÔMETROS À FRENTE. ESPORTES IMPOPULARES. DICAS PARA UMA VIDA SAUDÁVEL NUM MUNDO ESTRESSANTE. A ARTE E A CRÍTICA. O COMPORTAMENTO VISTO COMO NENHUMA OUTRA REVISTA VIU. COLABORADORES VIP COMO MÁRIO PRATA, SIG BERGAMIN, THOMAZ

CASAS DO RAMO.

VW/Brasil

SOUTO CORRÊA, ANTONIO MACHADO DE BARROS, MARCO ANTÔNIO DE REZENDE, NELSON MOTTA, FELIPE CRESCENTI, BOB WOLFENSON, THALES GUARACY, FERNANDO DE BARROS, ENTRE OUTROS.

LEIA VIP EXAME. UMA LEITURA VERY IMPORTANT PARA VERY IMPORTANT PERSONS.

V.I.P EXAME

Editora Abril

UMA REVISTA VERY IMPORTANT.

Otto Sanders entra no buraco (literalmente) no mais recente filme realizado pelo alemão Wim Wenders

TÃO LONGE, TÃO PERTO ★★

Asas perdidas na Berlim unificada

Wim Wenders escreveu *Asas do Desejo* (88) com Peter Handke, seu parceiro em *O Medo do Goleiro Diante do Pênalti* (71), *Falso Movimento* (75) e no teatro, em 1982. Embora fosse natural esperar que a dupla se reunisse para escrever esta continuação, o nome de Handke não consta dos créditos de *Tão Longe, Tão Perto*. Isso talvez explique por que os dois filmes pertencem a grandezas tão distintas.

Aqui, é o anjo Cassiel (Sanders) quem se torna mortal. Na Berlim já unificada, reencontra Damiel (Ganz), é perseguido por um anjo da morte (Dafoe) e se envolve com um traficante de armas e fitas pornô. Sua jornada terrestre banaliza os principais achados do original, sem oferecer muito em troca.

Ainda que a fragilidade do roteiro se deva em parte ao corte de quase 30 minutos imposto à primeira versão, fica a sensação incômoda de desperdício – de um ponto de partida no mínimo promissor, e sobretudo de um elenco fabuloso (o filme é dedicado ao ator Curt Bois, outra sentida ausência). O Grande Prêmio do Júri em Cannes-93 deve ser compreendido como homenagem a uma carreira singular, que já viveu dias muito mais felizes.

(Faraway, So Close!/In Weiter Ferne, So Nah!, Alemanha, 1993) Direção: Wim Wenders. Com Otto Sanders, Bruno Ganz, Solveig Dommartin, Peter Falk, Willem Dafoe, Nastassja Kinski, Horst Buchholz, Lou Reed, Rüdiger Vogler, Henri Alekan, Mikhail Gorbachev. 138 min. LK-Tel/Columbia.

SÉRGIO RIZZO

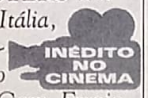
PERDIDOS NA RÚSSIA ★★★

(Lost in Siberia, Rússia/Inglaterra, 1991/92) Direção: Alexander Mitta. Com Anthony Andrews, Yelena Mayorowa. 105 min. Lion Films.

Outra criação pós-perestroika que resgata os crimes do regime de Stalin. Falada em russo e em inglês, esta co-produção mostra as terríveis condições de vida nos campos de prisioneiros da Sibéria através do arqueólogo inglês Andrew Miller (Andrews). Em 1945, no Irã, ele é detido como espião por militares soviéticos. Embora narrado na primeira pessoa, o filme – que tem um ritmo inconstante e carrega no maniqueísmo de alguns opressores – se demora em outros personagens para formar um sufocante painel de humilhados e ofendidos. Nesse sentido, a penúltima seqüência é de uma dolorosa beleza.

A.S.

OS GANGSTERS ★★



(Gangsters, Itália, 1992) Direção: Massimo Guglielmi. Com Ennio Fantastichini, Giuseppe Cederna, Isabella Ferrari. 113 min. Flashstar.

O interessante desta produção B italiana é o tema principal, que focaliza o conflito entre comunistas de carteirinha e a direção do partidão em relação ao tratamento dado aos fascistas depois da Segunda Guerra na Itália. Revoltados com a "anistia" para os líderes fascistas, alguns comunistas decidem fazer justiça e matam torturadores. Giulio, um comandante veterano, é envolvido nesse acerto de contas, o que lhe desperta dúvidas sobre a situação política do país e até sobre sua vida pessoal. Mas é preciso ter paciência para agüentar a narrativa arrastada, que se perde com o excesso de personagens.

F.G.

LK-Tel/Columbia

FATA MORGANA ★★★

(Alemanha, 1968/69) Direção: Werner Herzog. Documentário dramático. Concorde.

Fata Morgana é o filme mais "difícil" de Werner Herzog. Se em todas as obras deste visionário alemão existem seqüências de visões e sonhos, este é um filme todo feito de sonhos e visões. Filmado em 16mm no deserto do Saara por um jovem diretor que, ardendo em febre, mal conseguia sustentar a câmera, que lhe caía vez por outra das mãos, *Fata Morgana* ilustra uma cosmogonia primitiva com imagens delirantes, surrealistas, onde o lixo da civilização atinge e polui até os lugares mais isolados do planeta, sugerindo o fim de toda esperança de fuga a um paraíso perdido.

LUIZ NAZÁRIO

DIÊN BIÊN PHÚ – A ÚLTIMA BATALHA DA INDOCHINA ★★★

(Diên Biên Phú, França, 1991) Direção: Pierre Schoendoerffer. Com Donald Pleasence, Patrick Catalifo. 140 min. Paris.

O filme é inegavelmente bem feito. O virtuosismo da fotografia, a trilha sonora de Georges Delerue, a narrativa que alterna cenas de combate com a ansiosa espera, em Hanói, do resultado da luta, conjugam-se para contar, de modo muito eficiente, a longa batalha de Diên Biên Phú (13/3 a 7/5/1954), que acabou com a dominação francesa da Indochina. O risco da empostação épica que o ex-veterano da guerra, Pierre Schoendoerffer, dá a seu filme, porém, é conferir grandeza heróica ao que foi apenas um último estertor imperialista. O significado, hoje, de Diên Biên Phú é a profecia do que inevitavelmente aconteceria a quem tentasse de novo dominar o Vietnã.

L.M.C.

Top Tape

Gong Li encara o vazio depois que seu marido, Ge You, liquida com sua riqueza

TEMPOS DE VIVER ★★★★

Terríveis transformações

Tempos de Viver acompanha a trajetória de uma família chinesa no espaço de trinta anos, desde a revolução de Mao até os anos 70, época, portanto, de terríveis transformações. Fugui (Ge You, melhor ator em Cannes) enterra a fortuna familiar no jogo e vira animador de teatro de sombras. Artista itinerante, acaba envolvido na luta entre nacionalistas e comunistas, mudando de lado de acordo com as necessidades. Terminada a guerra, reata os laços com os parentes: os anos sob o comunismo serão especialmente reveladores sobre a capacidade de sobrevivência da família.

Seus membros pulam conforme o "Grande Salto para a Frente", de Mao Tsé-Tung, nos anos 50, e, nos anos 60, se agitam na dança macabra da Revolução Cultural. Numa das seqüências capitais do filme, transcorrida nesta época, jovens residentes, atarantados, tentam salvar a vida de uma parturiente, sendo obrigados a apelar para um velho médico que, justamente por ser velho, fora jogado na prisão. Tempos difíceis estes, retratados pela objetiva tão severa quanto lírica de Zhang Yimou, num de seus grandes momentos.

(Huoche, China/Hong Kong, 1993) Direção: Zhang Yimou. Com Ge You, Gong Li, Niu Ben, Guo Tao. 129 min. Top Tape.

CADÃO VOLPATO

O PAR PERFEITO ★★★★

Cupidos modernos

A diretora, montadora, co-produtora e co-roteirista Rose Troche é a primeira a afirmar que realizou *O Par Perfeito* especialmente para o público homossexual feminino, acreditando que faria furor em festivais específicos. Qual não foi o espanto de Troche e de sua companheira de criação Guinevere Turner (atriz, no papel de Max, co-produtora e co-roteirista) ao testemunhar o *boom* do filme, que agradou à crítica, alcançou status de *cult* e teve uma distribuição internacional inédita para uma realização independente de uma diretora estreante.

O Par Perfeito é um drama cômico-romântico em preto-e-branco, com visual *hype* (moderninho e estilizado) e uma deliciosa trilha sonora. A história é mais do que simples: é apenas o esforço de um grupo de amigas de Nova York em juntar duas solitárias de seu rol de relações. Com muito bom humor e total despojamento (não estético, diga-se), o filme avança por cantadas, reuniões, divagações sobre a questão feminina, de forma otimista, simpática e nada rançosa.

É sem dúvida um dos filmes de temática homossexual mais acessíveis ao grande público por apenas assumir uma pequena idéia levada adiante por personagens verossímeis e, símbolo do caldeirão cultural de Nova York, multiétnicas. A produtora que bancou o filme se chama Can I Watch Pictures – "Posso Assistir Filmes". A pergunta embutida é facilmente respondida: pode assistir sem medo, que a diversão é garantida.

(Go Fish, EUA, 1994) Direção: Rose Troche. Com V. S. Brodie, Guinevere Turner, T. Wendy McMillan, Migdalia Melendez, Anastasia Sharp. 85 min. Mundial/Look.

CHRISTIAN PETERMANN

SISSI E O BEIJO DO IMPERADOR ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Sissi und der Kaiserkuss, Alemanha, 1990) Direção: Christoph Boll. Com Vanessa Wagner, Nils Tavernier, Sonja Kirchberg, Bernadette Lafont. 90 min. VTI.

Não se trata de uma refilmagem do *Sissi* de Ernst Marischka. É uma nova versão – inteiramente oposta ao espírito romântico do filme de 1955 – dos fatos que tornaram Elisabeth da Baviera imperatriz da Áustria. Com maior ênfase no imperador, poderia se chamar *Francisco José, o Imperador Virgem*. O diretor/roteirista Boll criou situações que transitam entre a sátira pouco sutil, a caricatura leve e um discreto erotismo. Sissi, na concepção do roteiro, é uma personagem um tanto esmaecida, que não dá oportunidade à sua intérprete Vanessa Wagner de demonstrar algum talento particular. Quem se sai melhor é Bernadette Lafont, ex-musa de Claude Chabrol, como a baronesa Von Wrangel.

C.M.M.

Mundial/Look

As amigas organizam uma reunião: casamento à vista?

Videolançamentos

E O VENTO LEVOU 2 ★★
(Scarlett, EUA, 1994) Direção: John Erman. Com Joanne Whalley-Kilmer, Timothy Dalton, Stephen Collins, Julie Harris, Sean Bean. 150 min. Betta.

Esta minissérie gastou oito horas e 45 milhões de dólares para mostrar que Scarlett O'Hara deu a volta por cima e recuperou o amado Rhett Butler. O filme chega em vídeo numa versão reduzida: há verdadeiros saltos mortais na narrativa e determinados personagens foram reduzidos ao quase invisível. Foi-se também a inocência do original. O realismo anos 90 oferece uma cesariana, um vilão estuprador e um assassinato e julgamento, mas nada com o impacto daquele incêndio de Atlanta. Whalley-Kilmer não tem a mistura de fogo e vulnerabilidade que Vivien Leigh emprestou a Scarlett. Já Dalton, parecido com Clark Gable, é um Rhett morno, sem malícia e cinismo.

C.M.M.

FLORESTA PETRIFICADA ★★★

Teatro filmado enfeitiçante

No espaço claustrofóbico de um bar no meio do deserto, onde o gângster Duke Mantee (Bogart), foragido da polícia, as mantém como reféns, o medo e a tensão faz as personagens de *Floresta Petrificada* se despirem psicologicamente. Coragem e covardia, pois, mostram-se com suas verdadeiras caras. O frustrado escritor Alan Squier (Howard) encontra uma forma insólita e intensa de demonstrar o amor recém-descoberto por Gabrielle (Davis), a garçonete do bar, que lê poesia e sonha em voltar à França, onde nasceu. É teatro filmado dos mais palavrosos (a peça é de Robert Sherwood), mas a que se assiste enfeitiçado pelo talento da dupla Howard/Davis e pelo carisma de Bogart.

Como sempre acontece nos filmes da Continental, duro é enfrentar as legendas. Pronunciados à americana, o nome de Bourges, na França, vira *Bogs*, e Albuquerque sai como *Albacurry*! Quando Squier diz: "Nasci em 1901, *the year Victoria died* (o ano em que a rainha Victoria morreu)", a legenda registra: "e a vitória acabou". E que tal: "cheguei até aqui *thanks to the power of the thumb* (graças ao poder do polegar, isto é, pedindo carona)", que o tradutor, sem entender bulhufas, transforma em "Obrigado por conseguir"?!! A lista inesgotável de asneiras seria hilariante se o acesso a esta comédia não fosse o desrespeito ao espectador!

(The Petrified Forest, EUA, 1936) Direção: Archie Mayo. Com Bette Davis, Leslie Howard, Humphrey Bogart, Dick Foran. 84 min. Continental.

LAURO MACHADO COELHO

Continental

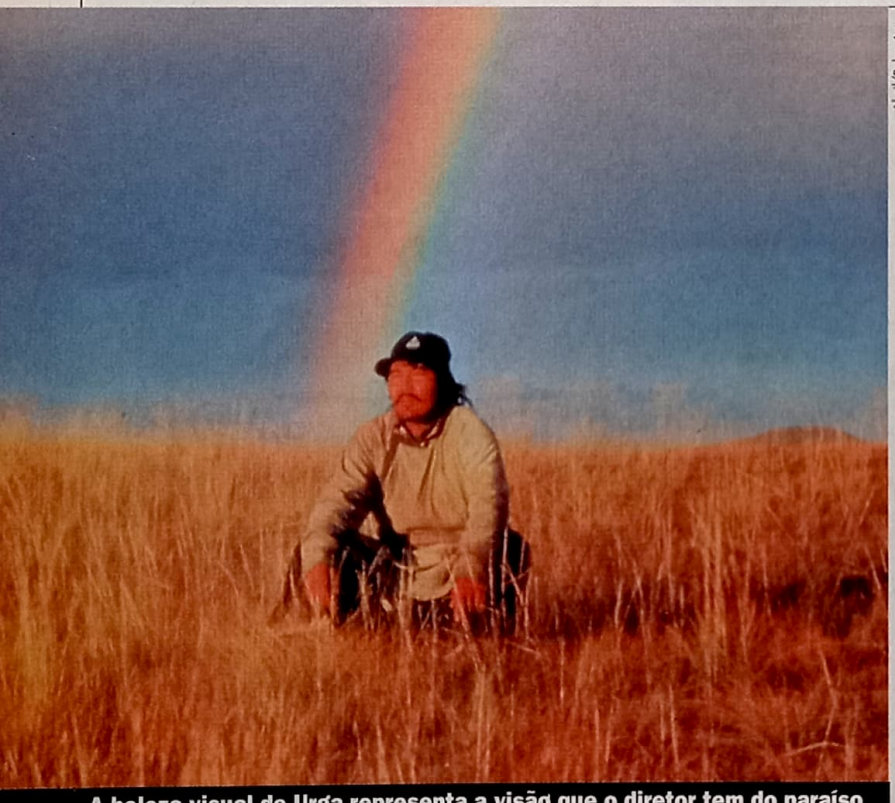
Bogart, Howard e Davis: triângulo de tensões

LIFE ★★
(Life 101, EUA, 1994) Direção: Redge Mahaffey. Com Corey Haim, Ami Dolenz, Keith Coogan. 96 min. NCA.

INÉDITO NO CINEMA

Nascido no Canadá em 1972, Corey Haim aparenta ter menos do que sua verdadeira idade. Por isso, ele convence como Ramsey, um jovem tímido e ingênuo, figura central desta história ambientada nos anos 60. No colégio, sofre influência de seu companheiro de quarto, Buck (Coogan), e se apaixona por uma garota (Dolenz). Mas a atuação de Haim, também co-produtor, não é suficiente para dar mais calor a esta evocação sobre amadurecimento e descoberta amorosa, na maior parte do tempo prejudicada pela direção fria e desigual de Mahaffey, autor da novela que serviu de base ao filme.

A.S.



A beleza visual de Urga representa a visão que o diretor tem do paraíso

Abril/Belas Artes

URGA – UMA PAIXÃO NO FIM DO MUNDO ★★★★

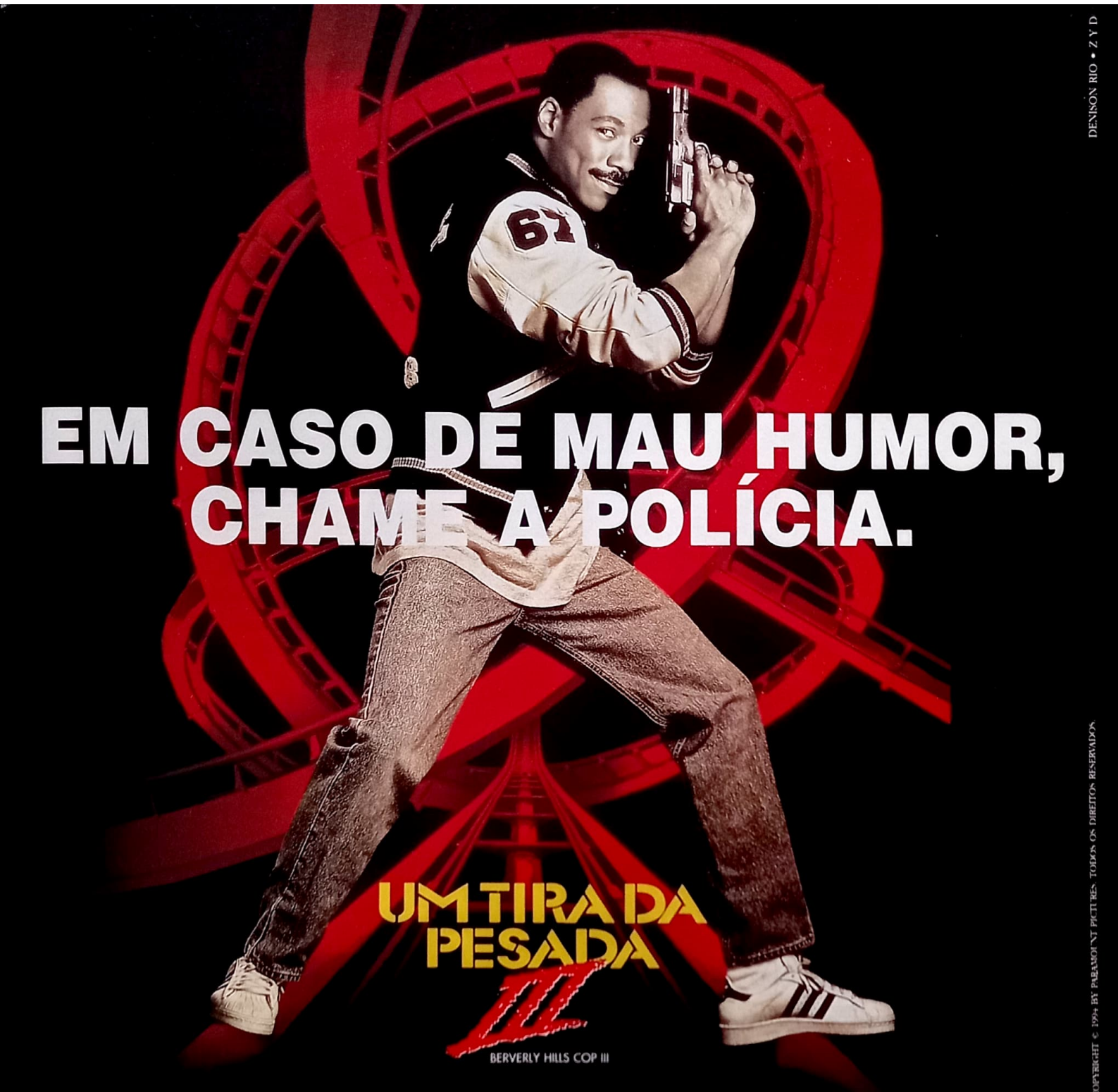
Perto do Éden

Dos irmãos Mikhalkov-Konchalovski, o produtor francês Michel Seydoux (*Cyrano de Bergerac*) conheceu primeiro Andrei, que lhe apresentou o projeto de *O Círculo do Poder* (91). Seydoux imaginava um filme intimista, mas Andrei planejava uma superprodução. Preferiram seguir cada qual o seu caminho. Nikita mais tarde ofereceu a Seydoux o projeto de *Urga*, anti-hollywoodiano por excelência. Desta vez, o produtor comprou a idéia. Prêmio pela ousadia: o Felix-93 (o Oscar europeu) de melhor filme.

Nos EUA, *Urga* foi lançado com o título *Perto do Éden*. É um belo achado, capaz de sintetizar a obra bem melhor do que a "tradução" brasileira. O cenário são as estepes da Mongólia interior, na China, cujos habitantes vivem ainda hoje como se estivessem no século passado. Por acaso, uma pacata família mongol hospeda um motorista de caminhão russo cujos valores são os da chamada "civilização". Do contraste entre as duas culturas nasce a poesia incomum que Mikhalkov registra com a ajuda da fotografia excepcional e de atores amadores recrutados na própria região. Experiência, na pior das hipóteses, fascinante.

(Urga – Territoria Liubvi, França/Rússia, 1991) Direção: Nikita Mikhalkov. Com Badema, Bayaerty, Vladimir Gostukhin, Babouchka, Larissa Kuznetsova. 106 min. Abril/Belas Artes.

SÉRGIO RIZZO



EM CASO DE MAU HUMOR, CHAME A POLÍCIA.

UM TIRA DA PESADA III

BERVERLY HILLS COP III

Milhares de pessoas inocentes são atacadas diariamente. Ele não escolhe hora nem lugar. Pode ser no meio de um congestionamento, ou numa simples fila de banco. Só existe uma maneira de um cidadão honesto como você se defender de seus ataques covardes. Apelando para o detetive mais maluco de Beverly Hills: Axel Foley. Apesar de trabalhar em Los Angeles, é fácil encontrá-lo por aqui. É só ir até a locadora mais próxima da sua casa e pedir UM TIRA DA PESADA III, com Eddie Murphy. Você vai ver que, pelo menos por umas duas horas, o mau humor não vai conseguir atacar você.

CIC

Paramount

DENISON RIO • Z Y D

TM & COPYRIGHT © 1994 BY PARAMOUNT PICTURES. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Um dos belos momentos do começo da fita: o rei Mufasa apresenta o seu herdeiro, Simba, à comunidade de animais

DESENHO

O REI LEÃO ★★★★

Sem dúvida, um clássico da animação

Depois de anos jogados no limbo, os estúdios Disney renascem para o sucesso com o longa-metragem de animação *A Bela e a Fera* (91), que foi indicado para o Oscar de melhor filme e recebeu os Oscar de trilha e canção, feito que *Aladdin* (92) também repetiu na cerimônia de 1993. Por isso, confiantes na retomada dos longas de animação, os mesmos estúdios dão um espaço de dois anos para lançar um dos mais belos desenhos da história do gênero, *O Rei Leão*, que com justiça merece receber a denominação de clássico.

Durante três anos, a equipe de 600 animadores, artistas e técnicos criou mais de 1 milhão de desenhos e ainda utilizou os processos mais modernos de computação gráfica para a realização de uma única seqüência – a do estouro da manada de gnus. Com apenas 2 minutos e meio de duração, esta seqüência demorou dois anos para ser completada, e sua confecção exigiu dos artistas um esforço muito maior que a da dança no baile de *A Bela e a Fera* e a da queda na caverna mágica de *Aladdin*, consideradas de difícil realização. No total, *O Rei Leão* tem 1.190 cenas individuais e utiliza 1.155 planos de fundo para contar a saga do leãozinho Simba, exilado de sua terra por ser acusado da morte do pai, o rei Mufasa.

Mas muito mais que técnica, este 32º longa da Disney tem uma história original emocionante – não é baseada em um conto de fadas ou em um clássico da literatura – e engraçada, cuja trilha sonora – escrita por Elton John e Tim Rice e que vendeu 7 milhões de cópias apenas nos Estados Unidos – casa perfeitamente com as imagens. Além disso, não são só as crianças que recolocarão a fita incontáveis vezes no videocassete; junto a elas, grudados na tela do televisor, estarão os adultos torcendo para que Simba reconquiste seu reino em nome do grande rei Mufasa.

(The Lion King, EUA, 1994) Direção: Roger Allers, Rob Minkoff. Desenho dublado ou legendado. 88 min. Abril.

DEBORAH PELEIAS

Warner

ABRIL APOSTA NO CARISMA DE GRANDES PERSONALIDADES

Os lançamentos previstos para o mês de abril oferecem títulos apoiados em nomes badalados do cinema atual: a produção de Steven Spielberg para *The Flintstones – O Filme*; a direção (estreante) e a presença como ator de Robert De Niro em *Desafio no Bronx*; as caretas de Billy Cristal em *Mr. Saturday Night – A Arte de Fazer Rir* e também no *Em Busca do Ouro Perdido*; a presença de Geena Davis em *Angie* e a de Nick Nolte em *Disposto a Tudo* (abaixo); a nudez de Bruce Willis em *A Cor da Noite*; a ambição épica de Kevin Costner em *Wyatt Earp*; e a parceria de Susan Sarandon e Tommy Lee Jones em *O Cliente*. Como destaque absoluto do mês, o lançamento, na versão original, da obra-prima *Fellini 8 1/2*, de Federico Fellini. Por outro lado, a distribuidora Star Films começa a lançar boa parte da filmografia do americano independente Henry Jaglom, um nome que vai dar o que falar. Para o público jovem, as opções são a comédia rock *Os Cabeças-de-Vento*, o filme-testamento de Brandon Lee, *O Corvo* (acima), e a comédia quase liberal *Três Formas de Amar*. Entre os inéditos no cinema, reparem em *A Força de um Passado* (*Flesh and Bone*), thriller com o casal Dennis Quaid e Meg Ryan.

LK-Tel/Columbia

BOLSA DE VÍDEO

Os críticos escolheram *Ganga Bruta*, clássico brasileiro; *O Rei Leão*, já um clássico da animação; e *Tempos de Viver*, chinês candidato a clássico

	Inácio Araujo Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Ana Claudia Fonseca Veja São Paulo	José Norberto Flesch Folha da Tarde	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires Zero Hora	Carlos Eli de Almeida Jornal do Brasil	Roberto Rios HBO	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Christian Petermann SET	Média
Ganga Bruta (Sagres/Riofilme)	10	9	–	–	9	–	7	8	8	–	8.5
O Rei Leão (Abril)	8	–	9	9	8	9	9	7	7	9	8.3
Tempos de Viver (Top Tape)	–	7	–	7	8	8	8	–	–	–	7.6
La Madre Muerta (VTI)	9	4	–	–	9	–	–	6	–	8	7.2
Urga – Uma Paixão no Fim do Mundo (Abril/Belas Artes)	6	5	–	–	9	9	–	–	–	7	7.2
Veja Esta Canção (Sagres/Riofilme)	5	7	8	–	8	–	7	–	7	6	6.8
O Mito do Orgasmo Masculino (Centaurus)	–	7	–	7	–	6	7	–	–	7	6.8
O Homem Sem Face (Paris)	6	7	6	7	6	–	6	7	–	–	6.4
O Par Perfeito (Mundial/Look)	–	6	5	–	8	–	–	5	–	8	6.4
Lobo (LK-Tel/Columbia)	7	6	7	6	7	6	5	–	5	4	5.8

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril/Belas Artes/Fox	(011) 832-1555	Inter Movies	(011) 288-5588
Alpha/Betta	(011) 230-0200	LK-Tel/Columbia	(011) 825-5766
América/Lion/Paris	(011) 533-8300	Mundial/Look	(011) 536-0677
Cannes	(011) 579-6522	N.C.A. Pictures	(011) 966-6135
Capital	(011) 257-8655	New York	(011) 941-7751
Centaurus	(011) 883-2660	Sagres/Riofilme	(021) 253-4750
CIC	(011) 816-0852	Top Tape	(021) 205-5552
Concorde	(011) 266-6999	20/20 Vision	(011) 825-5766
Continental/Opção	(021) 262-0751	Vídeo em Casa	(011) 251-2284
Europa/Carat	(011) 579-6522	VTI	(021) 580-3130
Flashstar	(011) 255-9911	Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do Caderno de Vídeo; os lançamentos antigos da Look estão sendo comercializados pela Mundial, assim como os da Central pela New York e os da F. J. Lucas pela Concorde; as distribuidoras DIV, Nacional, Poletel e Vic estão desativadas.

PARADA JANEIRO

BRASIL

1. *A Fuga (The Getaway)* (América)
2. *A Lista de Schindler (Schindler's List)* (CIC)
3. *A Família Buscapé (The Beverly Hillbillies)* (Abril/Fox)
4. *Minha Vida (My Life)* (Paris)
5. *O Anjo Malvado (The Good Son)* (Abril/Fox)
6. *Ace Ventura – Um Detetive Diferente (Ace Ventura, Pet Detective)* (Warner)
7. *Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3 – O Insulto Final (Naked Gun 33 1/3: The Final Insult)* (CIC)
8. *Quatro Casamentos e um Funeral (Four Weddings and a Funeral)* (PlayArte)
9. *Queda Livre (Free Fall)* (Odessa)
10. *Mamãe É de Morte (Serial Mom)* (Mundial/Look)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games, Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. *The Mask (O Máskara)* (New Line)
2. *True Lies* (Fox Video)
3. *The Client (O Cliente)* (Warner)
4. *Maverick* (Warner)
5. *Wolf (Lobo)* (Columbia TriStar)
6. *Blown Away (Contagem Regressiva)* (MGM/UA)
7. *Renaissance Man* (Touchstone)
8. *Speed (Velocidade Máxima)* (Fox Video)
9. *The Shadow (O Sombra)* (MCA/Universal)
10. *I Love Trouble (Adoro Problemas)* (Touchstone)

Fonte: *Entertainment Weekly* 03/02/94

TRASH NÃO SE DISCUTE

O advento da produção B criou um novo tipo de espectador: aquele ligado em delírios cinematográficos que raspam o tacho da cultura pop – filmes referenciais, baratos, satíricos... ou apenas deliciosamente ruins

HUMOR

Filmes que partem para a brincadeira lançando mão de um humor todo peculiar

FOME ANIMAL

(Braindead, Nova Zelândia, 1992) Direção: Peter Jackson. Com Timothy Balme, Diana Penalver. 103 min. Alpha.

Um dos clássicos modernos da escatologia. Coloca um herói palerma (Balme) enfrentando um exército de zumbis esfomeados, que se proliferam através de um vírus transmissível na mordida. Até aí nada de novo. Os efeitos especiais, sujos e hilariamente descuidados, porém, providenciam momentos antológicos, como quando o protagonista é perseguido por um intestino grosso animado.

O VINGADOR TÓXICO

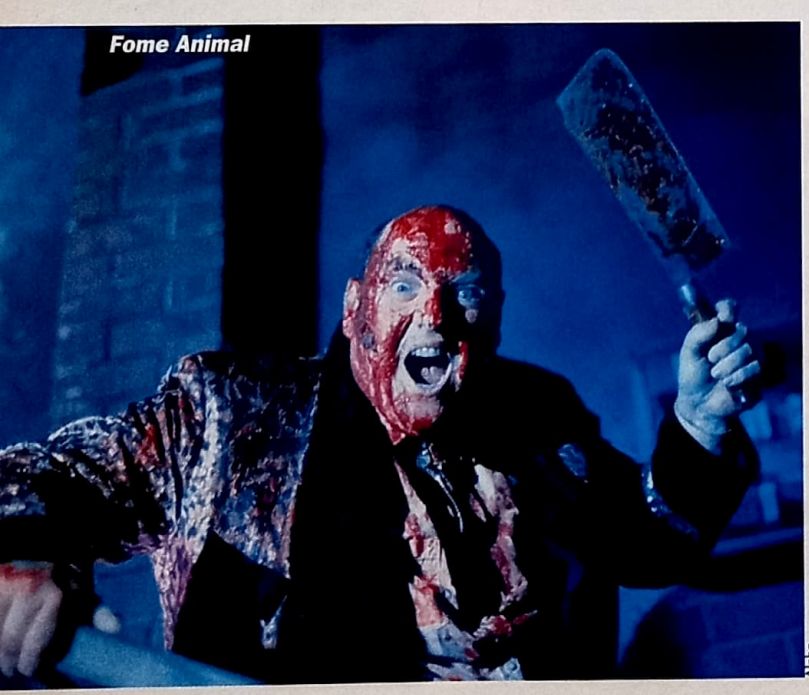
(The Toxic Avenger, EUA, 1985) Direção: Michael Herz e Samuel Weil. Com Andree Maranda, Mitchell Cohen. 100 min. Central.

Um dos melhores filmes da produtora Troma, especializada em lixo pop escatológico e negro. A história de um servente raquítico que cai num caldeirão de detritos tóxicos e se transforma em um monstro bonzinho tem bastante humor e acentuada violência, sendo uma bela (e muito peculiar) homenagem aos filmes podreira pós-década de 70. Já teve duas continuações. Da Troma, vale ainda conhecer *Surfistas Nazistas Devem Morrer* (DIV), difícil de encontrar.

TOMATES ASSASSINOS ATACAM A FRANÇA

(Killer Tomatoes Eat France, EUA, 1991) Direção: John de Bello. Com Marc Price, John Astin. 93 min. Abril/Fox.

A parte quatro da trilogia dos tomates, como o filme se autodenomina, é o melhor de toda a série e leva ainda o subtítulo "Les Tomats Français Munch Munch". Piadas a granel com alguns tomates que pululam pela tela. O roteiro, co-assinado pelo diretor, é baseado na sinopse da contracapa de um exemplar brochura de *O Homem da Máscara de Ferro* (entrou no espírito da coisa?): o cientista que criou os tomates malignos quer tomar o poder na França e enfrenta um herói americano e um tomate roqueiro bonzinho.


Fome Animal

Alpha

CINEMA NOS ANOS 50

Filmes auto-referentes que brincam com o melhor do lixo da cultura cinematográfica

ACONTECEU À MEIA-NOITE

(Midnight Movie Massacre, EUA, 1986) Direção: Mark Stock. Com Robert Clarke, Ann Robinson. 82 min. F. J. Lucas.

Delirante homenagem àquelas sessões malditas dos anos 50 com filmes de ficção e/ou terror (tão bem captadas pelo *Matinê*, de Joe Dante). Numa dessas meia-noites de arruaça, uma sala de cinema exibe uma fita vagabunda com viajantes do tempo, robôs assassinos e marcianos. Estes mesmos marcianos pousam perto do cinema e devoram tudo que encontram pela frente.

O MONSTRO DO ARMÁRIO

(Monster in the Closet, EUA, 1983/6) Direção: Bob Dahlin. Com Donald Grant, Denise DuBarry. 87 min. Look.

Mais uma homenagem ao gênero fantástico nos anos 50. Jornalista à Clark Kent e uma cientista unem-se para eliminar um monstro que ataca as pessoas saindo de seus armários. A sátira é inteligente e deliciosa de se assistir. Já começa com uma das melhores piadas: atores veteranos como John Carradine e Stella Stevens são eliminados antes mesmo dos créditos iniciais.

POPCORN

(EUA, 1990) Direção: Mark Herrier. Com Jill Schoelen, Dee Wallace Stone. 93 min. Europa/Carat.

Este filme chegou a ser exibido na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo depois mesmo de ter sido lançado em vídeo. Filmado na Jamaica, com vários reggaes na trilha, mostra um grupo de estudantes de cinema que quer salvar uma sala de exibição, prestes a ser demolida, com uma seleção de vários filminhos dos anos 50. A heroína acha que o espírito de um guru do ácido dos anos 60 pode se manifestar. Afinal de contas, ele realizou um filme que terminava em assassinatos reais...

Frankenhooker

Vic

Mundial

À Meia-Noite Levarei Sua Alma

COMEÇO DE CARREIRA

Vários diretores que se profissionalizaram com o decorrer do trabalho começaram suas carreiras com filmes quase improvisados

DARK STAR

(EUA, 1974) Direção: John Carpenter. Com Dan O'Bannon, Dre Pahich. 82 min. Poletel.

Este primeiro filme de Carpenter (*Halloween*) é o desenvolvimento de um curta estudantil que ele escreveu em parceria com o futuro diretor O'Bannon (*A Volta dos Mortos Vivos*). É uma sátira à ficção científica que agradará aos fãs do gênero e aos surfistas (só vendo para crer). Produção indigente. Astronautas têm como missão destruir planetas instáveis com bombas falantes; uma destas, à *2001*, cria teorias próprias.

ENRAIVECIDA – NA FÚRIA DO SEXO

(Rabid, Canadá, 1977) Direção: David Cronenberg. Com Marilyn Chambers, Frank Moore. 90 min. F. J. Lucas.

Subtítulo idiota para o quarto longa que Cronenberg (*A Mosca*) realizou diretamente para o cinema. Ele começava a ficar conhecido em circuitos específicos. Chambers, atriz do clássico pornô *Atrás da Porta Verde*, até tira a roupa, mas a motoqueira que interpreta sofre um acidente e, depois de uma cirurgia plástica, adquire uma incrível fome de sangue. Variação do mito do vampiro com visual sujo e claustrofóbico.

A MORTE DO DEMÔNIO

(The Evil Dead, EUA, 1983) Direção: Sam Raimi. Com Bruce Campbell, Ellen Sandweiss. 85 min. Look.

Raimi (*Darkman*) tinha 23 anos quando realizou este clássico moderno com orçamento baixíssimo. Considerado um dos filmes mais fortes da história do cinema, ainda mais por ser desprovido de humor, acompanha cinco adolescentes, em uma remota cabana, que se dilaceram mutuamente após serem possuídos por demônios. O jogo de câmeras é inesquecível. As duas continuações apelam para a sátira.

NASCE UM MONSTRO

(It's Alive!, EUA, 1974) Direção: Larry Cohen. Com John Ryan, Sharon Farrell. 91 min. Warner.

O quarto filme de Cohen (*A Ambulância*) é um tratamento de choque tipicamente contracultural, uma produção barata e amoral sobre bebê que, quando nasce, dizima o *staff* de médicos e, a partir daí, espalha uma onda de mortes. É preciso ter estômago forte. Já teve duas continuações. Detalhe de primeira: a trilha sonora, excelente, é de Bernard Herrmann (!).

OPÇÃO DO DIRETOR

Há filmes deliberadamente vagabundos, desleixados, mas apenas por livre escolha estética do diretor

A CAMINHO DO INFERNO

(Straight to Hell, EUA, 1987) Direção: Alex Cox. Com Sy Richardson, Joe Strummer. 86 min. Look.

Filme de pura brodagem. Cox (*Repo Man*) reuniu amigos (Dennis Hopper, Jim Jarmusch) e astros pop (além de Strummer, ex-Clash, ainda Elvis Costello, Grace Jones, o grupo Pogues e a viúva de Kurt Cobain, Courtney Love, então uma ilustre desconhecida) para criar um western moderno quase sem história, sem qualquer razão de ser, e com um final que chacina praticamente todo o elenco. É um *trash* em esquema macarrônico.

A Morte do Demônio

Look

À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA

(Brasil, 1962) Direção: José Mojica Marins. Com Marins, Magda Mei. 92 min. Mundial.

O nosso Zé do Caixão, agora conhecido como Coffin Joe nos EUA, é um dos melhores diretores de filmes de terror *off*-Hollywood, recorrendo a soluções simples e para lá de tupiniquins. Este primeiro longa protagonizado por sua persona, em preto-e-branco, fala de um dono de funerária que, em busca da mulher ideal, desafia Deus e as forças sobrenaturais. Em um país tão católico como o nosso, o filme, além de aterrador, é ousado. Antológico.

FRANKENHOOKER

(EUA, 1990) Direção: Frank Henenlotter. Com James Lorinz, Patty Mullen. 90 min. Vic.

Muitos podem considerar o filme ofensivo e vulgar, mas esta é a marca do diretor Henenlotter, mais conhecido pela trilogia *cult Basket Case*, com efeitos de maquiagem de doer. É o espírito. O segundo *Basket* está disponível em vídeo, mas é difícil de achar. Neste aqui, um cientista novato oferece um supercrack para prostitutas, o que as faz explodir. Com as melhores partes escolhidas, ele tenta reconstruir sua namorada, da qual sobrou apenas a cabeça após um acidente doméstico.

Christian Petermann

Videoteca

Personalidades Falam Sobre os Seriados que Marcaram Sua Infância

Marco Nanini, ator:

Lino Rodrigues

"Televisão nunca foi minha preferência. Se no cinema o que eu conheço vai até Brigitte Bardot, que diria da TV? Vídeo nem pensar, a tela é pequena demais, me incomoda muito. Desde pequeno não tenho o costume de me sentar à frente da telinha e prestar atenção em algo – os botões do meu controle remoto que o digam, eles estão sempre à mão e servem de garantia para desligar o aparelho quando não estou a fim. De qualquer forma, quando era garoto havia uma série que eu não perdia um episódio sequer, *O Falcão Negro*. Na verdade são poucas as lembranças. Só me lembro bem de que o Falcão usava uma máscara e lutava com espada e isso para mim, como para qualquer criança, já era o máximo."

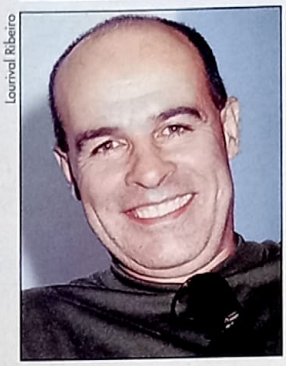
Deborah Bloch, atriz:

Neni Glock

"Atualmente não tenho tempo de ver nada, principalmente na TV, mas quando criança pude acompanhar várias séries que marcaram e até hoje fazem parte das conversas sobre a infância na telinha da minha geração: *Jeannie É um Gênio*, *A Feiticeira*, dentro de um estilo, e *Perdidos no Espaço*, com aquele robô e o Dr. Smith supermedroso, ou ainda *National Kid* e aqueles monstros esquisitíssimos. Estes dois últimos eram cheios de truques, fazendo uma linha mais *trash* e que hoje parecem absolutamente falsos, mas que na época eram fascinantes para mim. Hoje, quando tenho tempo para ver um episódio desses seriados, dou muita risada, acho tudo muito engraçado!"

Osmar Prado, ator:

Lourival Ribeiro



"Quando passamos a ter televisão em casa, os grandes seriados de sucesso da época eram *Os Quatro Homens Justos*, em que um dos personagens era feito pelo Vittorio De Sica, *Rin Tin Tin*, considerado um clássico da TV, *Peter Gun*, um policial, e *Roy Rogers*, um belo western. Não perdia um só episódio dessas séries. Inclusive foram lançados roupas e acessórios *à la* Roy Rogers, e como eu era um fã, fiz minha mãe comprar uma bota da griffe do caubói. Já que gosto muito de botas e a série foi tão marcante para mim, depois de adulto acabei comprando uma bota Harley Davidson que não deixa de ser uma imitação mais moderna. E olha que eu uso muitíssimo!"

SET Recomenda

As prateleiras de Sua Locadora Escondem Filmes Protagonizados por Garotas Perigosas

ANOS DE REBELDIA
(*Out of the Blue, Canadá, 1980, 94 min.*, Nacional)

A protagonista: A atriz Linda Manz é uma jovem de 15 anos de idade, filha do ex-motoqueiro interpretado por Dennis Hopper e de uma toxicômana adúltera personificada por Sharon Farrell; a garota tem um visual punk andrógino para refletir sua inadequação à realidade externa; seus ídolos são o pai e Elvis Presley.

A história: Hopper sai da prisão depois de servir cinco anos por ter trombado com um ônibus escolar, matando várias crianças; ele tenta reorganizar sua vida, abandonando as loucuras e buscando a unidade familiar da forma mais "careta" possível.

O filme: Drama existencial fatalista (e pessimista), que poderia ser descrito como "A Filha dos *Sem Destino*", numa referência ao hino contracultural dirigido por Dennis Hopper em 1969; o próprio Hopper assumiu a direção deste filme, um retrato amargo de como os libertários de então tentaram (ou falharam em) se adaptar à realidade consumista da sociedade americana; os reflexos da cultura das drogas e das posturas contraculturais, em clima de total "o sonho realmente acabou", são traduzidos numa narrativa árida, lenta, acinzentada, muito bem captada pelo tema (não original) de Neil Young & Crazy Horses, "Hey Hey, My My (Out of the Blue)" – como um dos versos diz com sensibilidade, "antes consumir-se que esvair-se aos poucos".

Os rumos finais: A personagem de Linda Manz leva esta máxima ao pé da letra e, inconformada com a crise vivida pelos pais e com o cenário urbano violento, hiperpopuloso e decadente em que vive, toma uma última e bombástica decisão; o final é muito cruel.

APARENTEMENTE INOCENTE
(*Little Sweetheart, EUA/Inglaterra, 1988, 93 min.*, Mundial)

A protagonista: Que *O Anjo Malvado* (Macaulay Culkin) o quê! Desde *A Tara Maldita* (56) e *A Face Inocente do Terror* (72) que não se retratava com tal verossimilhança uma criança tão má: Cassie Barasch interpreta Thelma Davies, uma menina de nove anos de idade que despreza a mãe viúva, chantageia o irmão, adora os programas violentos da TV e dorme armada.

A história: Thelma se muda com mãe e irmão para uma cidadezinha litorânea linda e ensolarada, faz amizade com uma garota ingênua (Ellie Raab), que não sabe em que vespeiro está pondo a mão, e ainda espiona seus vizinhos (John Hurt e Karen Young), um casal de assaltantes que usa o lugar como esconderijo.

O filme: A música é adequada e ironicamente *naif*; os belíssimos enquadramentos da luminosa fotografia incrementam o clima crescentemente tortuoso e tenso do filme, explorando a placidez paisagística (areia, mar, gaivotas, brisa, silêncio) como uma testemunha muda que no fundo não crê nas possibilidades violentas da trama; qual não será a surpresa!

Os rumos finais: Thelma chantageia os criminosos, que entram num ameaçador redemoinho de dúvidas e medos; ela também envolve a amiguinha em jogos cada vez mais perigosos, sugerindo inclusive eliminá-la caso não tope encarar suas brincadeiras; a conclusão é brilhante, apesar de igualmente aterradora e amoral; um pequeno grande filme.

Ousada, atrevida, picante.

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

Cartas

100 Anos de Cinema

Quero parabenizar SET por todo o prazer que vem proporcionando a seus leitores. A edição de janeiro está demais. A reportagem "100 Anos de Cinema" é fantástica, com uma ressalva: Tom Cruise como um dos maiores astros do cinema? Fiquei estarrecida. Será que ele merece estar ao lado de Charles Chaplin, Marlon Brando e John Wayne? Onde estão Al Pacino, Dustin Hoffman e Anthony Hopkins?

Renata Brasilina Auricchio
(São Paulo – SP)

Não há outra palavra para definir a edição de janeiro de SET. Parabenizo a revista pela excelente reportagem sobre o centenário do cinema. Só lamentei a ausência do polonês Krzysztof Kieslowski na relação dos melhores diretores.

Arlindo Linck Júnior
(Cornélio Procópio – PR)

A edição de janeiro está fantástica. Só um porém: deixar de fora Glauber Rocha da lista dos melhores diretores foi imperdoável.

Fernando Veríssimo Pereira
(Betim – MG)

A edição de janeiro deste ano da SET está com ótima qualidade gráfica e editorial. Só achei injusto não terem incluído o *cult Blade Runner* entre os melhores filmes.

Dory Hélio Aires de Lima
(Natal – RN)

De um modo geral, gostei da SET de janeiro. Mas fiquei surpreso ao verificar alguns esquecimentos na galeria dos astros na reportagem "100 Anos de Cinema", como Al Pacino, Montgomery Clift, Peter O'Toole, Ernest Borgnine, Clint Eastwood, William Holden e tantos outros. E mais: esqueceram de diretores como Sam Peckinpah. Sugiro uma nova lista para corrigir o insulto.

Gaspar Eli Severino
(São Paulo – SP)

Estava jóia o dossiê "100 Anos de Cinema". Gostaria de lembrar, no entanto, alguns nomes que ficaram fora da lista: Alain Delon, Burt Lancaster, Giulietta Masina, Ava Gardner e Claudia Cardinale. Na lista de diretores faltaram Mankiewicz, Jean Vigo, G.W. Pabst, Max Ophuls, Polanski e Glauber Rocha.

Wladimir Cazé
(Salvador – BA)

A edição de janeiro está fantástica, consistente, forte, bonita. Toda a reportagem sobre "100 Anos de Cinema" foi um verdadeiro presente aos leitores.

Alda Maria Rauschfeld
(São Paulo – SP)

Decepção Vampiresca

Há tempos estou esperando com ansiedade a reportagem sobre o filme *Entrevista com o Vampiro* e assim que ela saiu fiquei muito decepcionada. Como fã do livro, esperava por um artigo mais abrangente sobre as inúmeras tentativas de adaptação. Os leitores ficaram com várias dúvidas.

Silvana Araújo Camello
(Goiânia – GO)

Correio Entre os Leitores

Compro a SET nº 80, de fevereiro de 1994. É a edição que contém uma entrevista com o saudoso River Phoenix.

Daniela Carneiro
Rua Deodato Seda, 76, CEP 37540-000
(Santa Rita do Sapucaí – MG)

Como gosto muito de sapateado e aqui no Pará não há escolas nesta área, pretendo adquirir um filme de "aulas de sapateado". Compro também filmes musicais com Fred Astaire e de outros astros que participaram de filmes de sapateado.

Clélia Vargas de Almeida
R. Purus, 44, Núcleo Urbano, Serra dos Carajás, CEP 68516-000
(Parauapebas – PA)

Quero trocar fotos e reportagens de Brad Pitt.

Abilene Lopes Ramos
R. Frei Caneca, 162, Campos Elíseos, CEP 14085-150
(Ribeirão Preto – SP)

Gostaria de trocar idéias com fãs de filmes e livros de vampiros. Os interessados ou os que tiverem material sobre o assunto (livros, filmes etc.) podem me escrever.

Nara Franco
R. Joana Angélica, 124 / 604, Ipanema, CEP 22420-030
(Rio de Janeiro – RJ)

Troco fotos e reportagens de vários artistas por material sobre o Batman. Principalmente do seriado da década de 60, com Adam West e Burt Ward.

Andrea Franco
R. Eurico Sodré, 350, Vila Medeiros, CEP 02215-010
(São Paulo – SP)

Vendo coleção das revistas SET e BIZZ. Preço a combinar.

João Batista Ricci
R. Brasília, 138, Bairro São José, CEP 36.680-000
(São João Nepomuceno – MG)

Errata

Por motivos técnicos não foi possível publicar na última edição de SET (nº 2, ano 9) as seções *Em Cartaz* e *Bolsa de Cinema*.

Gordon Gekko não é o apelido de Michael Douglas no filme *Um Dia de Fúria*, como foi publicado na reportagem sobre *Assédio Sexual* (edição nº 1, ano 9). O ator interpretou esse personagem em *Wall Street*.

O nome correto da atriz pornô é Zara Whites (edição nº 2, ano 9).

EDITORA AZUL

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Diretora Comercial: Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araújo
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET
CINEMA & VÍDEO

REDAÇÃO
Diretor Editorial: Jorge de Souza
Editor-Chefe: Cadão Volpato
Editora: Deborah Peleias
Editor-Assistente: Christian Petermann
Editora-Contribuinte: Isabela Boscov
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editor-Assistente de Arte: Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição:Texto: Alessandro Giannini, Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Tomé, Carlos M. Motta, Celso Alves Cruz, César Garcia Lima, Dulce Damasceno de Brito, Ellen Alaver, Fátima Gigliotti, Inácio Araujo, Lauro Machado Coelho, Luiz Nazário, Marcos Smirkoff, Mário Mendes, Sérgio Martins, Sérgio Rizzo.
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Ortiz Ramos.

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Ariovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fábio Gomes, Jorge de Oliveira, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Miriam Horta
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallis da Silva
Gerente de Planejamento: Ana Camargo

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla
Gerente de Pesquisa: Sílvia Campos

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1592**, edição 93, março de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento. **Números atrasados:** (as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque) ao preço da última edição em banca por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal - 2505, Osasco - SP, fax (011) 810-4800, tel (011) 810-6800. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard e Diners. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER **Fotolito:** Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Bureau Azul, Proposta Editorial

Impressa na Editorial Antártica - Chile

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

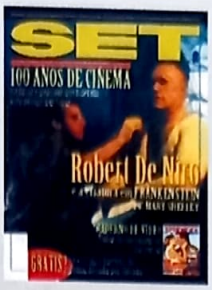
NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - Cx. 4816

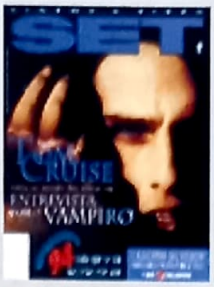
REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 291-6470
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (048) 232-0519

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES



Nº 91/JANEIRO 95
Robert De Niro é a Criatura de *Frankenstein de Mary Shelley*, dirigido por Kenneth Branagh; especial sobre os 100 anos de cinema; em vídeo, *A Fuga* e *O Jornal*



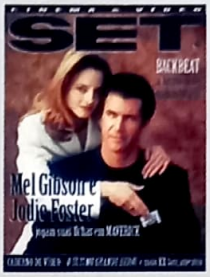
Nº 90/DEZEMBRO 94
Tom Cruise, Neil Jordan e Brad Pitt comentam *Entrevista com o Vampiro*; o melhor das telas na *Retrospectiva 94*; no *Caderno de Vídeo*, *Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3*

Nº 89/NOVEMBRO 94
Sharon Stone e Sylvester Stallone em *O Especialista*; Oliver Stone fala sobre *Assassinos por Natureza*; em vídeo, *A Lista de Schindler* e *A Época da Inocência*

Nº 88/OUTUBRO 94
Harrison Ford em *Perigo Real e Imediato*; Robert De Niro comenta *Desafio no Bronx*, sua estréia como diretor; em vídeo, *Filadélfia* e *Na Roda da Fortuna*

Nº 87/SETEMBRO 94
Schwarzenegger e James Cameron falam sobre *True Lies*; Tom Hanks em *Forrest Gump*; Kim Basinger e Alec Baldwin em *A Fuga*; em vídeo, *Jurassic Park* e *Em Nome do Pai*

Nº 86/AGOSTO 94
Jack Nicholson fala com exclusividade sobre *O Lobo*; Keanu Reeves e Dennis Hopper em *Velocidade Máxima*; em vídeo, *Sintonia de Amor* e mais 54 lançamentos.



Nº 85/JULHO 94
Mel Gibson e Jodie Foster em *Maverick*; *Backbeat* mostra o início dos Beatles; o novo desenho da Disney, *O Rei Leão*; e mais de 50 lançamentos em vídeo.

Nº 84/JUNHO 94
Pedro Almodóvar em entrevista exclusiva e *Kika*, seu mais recente filme; uma visita ao set de *Os Flintstones*; em vídeo, *A Família Addams 2*.

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo *Caderno de Vídeo* com mais de 60 lançamentos.

Nº 80/FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em O Pagamento Final; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, Muito Barulho por Nada e A Doce Vida.

***ATENÇÃO:** A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado*

NA PRÓXIMA EDIÇÃO DE SET

★ **Oscar – As indicações e as apostas para o grande prêmio da Academia**

★ ***Tempo de Violência – Pulp Fiction* – Quentin Tarantino dirigiu e John Travolta de novo é a estrela**

★ ***Caderno de Vídeo* – *Maverick*, *Lobo* e *A Fraternidade É Vermelha***

PRONTA PARA DESPIR

Sophia Loren em *Matrimônio à Italiana* (1964) de Vittorio De Sica

Cenas de um casamento

LIV ULLMANN • ERLAND JOSEPHSON • BIBI ANDERSSON

Escrito e Dirigido por

Ingmar Bergman

"Morangos Silvestres" "Sonata de Outono"

Versão completa, em seis episódios

Complete a sua coleção Ingmar Bergman

CONCORDE VIDEO

CONCORDE VIDEO MARKET COM. E REPRES. LTDA.
R. Marechal Xavier da Câmara, 20 - Casa Verde
CEP 02517-190 São Paulo-SP Fone: (011) 266-6999
Fax: (011) 857-4064 Telemarketing:(011) 858-6621
(011) 858-6654 (011) 857-1626

Costa & Moreno - 211-1052

EM ABRIL, NAS LOCADORAS.

COPYRIGHT © 1994 TRISTAR PICTURES, INC.

Uma garota. Dois rapazes.
Três possibilidades.

três formas de Amar

COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO

LK-TEL VIDEO